Em Flagrante Delito

Gena Showalter

Série Alien Huntress 2.1

Disp em Esp: *Kalosis*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão Inicial: *Sandra Maia até cap. 8 – Lucilene cap. 9 até o epílogo*
Revisão Final: *Lucilene até cap. 8 – Sandra Maia até epílogo*
Formatação: *Lucilene*
Capa*: Elica Leal*
TWKliek

Ela foi escolhida para combater o inimigo impreciso entre nós...

Phoenix Germaine tentou ganhar de novo a confiança de sua mãe depois de ir para a reabilitação e largar o Onadyn, a droga preferida pelos jovens de New Chicago. Mas quando uma festa no bosque se converte numa luta sem trégua com os alienígenas mais ferozes que Phoenix já viu, voltará para casa num estado que parecerá estar induzida pelo Onadyn.
Olá, reformatório.
Mas o que sua mãe não sabe é que Phoenix foi recrutada para se unir a A.I.R., Agência de Elite para a Investigação e Exterminação de Alienígenas, onde aprenderá a brigar sujo, rastrear, e destruir o inimigo. Sua formação profissional será rigorosa e perigosa, e o fato que um de seus instrutores seja Ryan Stone — o lindo agente de dezenove anos que encontrou na noite da festa no bosque— não faz as coisas mais fáceis. Sobretudo quando sair com será totalmente contra as normas...

Comentário da revisora Sandra: Este difere um pouco dos anteriores por que é de adolescentes. Mas é tão bom quanto. Adoro essa série.

Comentário da revisora Lucilene: Amei o livro, é do tipo que você começa a ler e não larga. Recomendo a leitura.

CAPÍTULO 1

Nova Chicago
Algum dia em um futuro próximo…

Sempre gostei da noite, onde tudo podia acontecer e em geral acontecia. O proibido… o inesperado… o mau. Nada parecia autêntico à etérea luz da lua. Os pecados eram facilmente perdoados. Por que não brincar?, pensavam todos… pensei eu uma vez. Por que não desfrutar?

Neste momento, uma estrepitosa e envolvente música golpeava a escuridão, vibrando com tanta força que a terra tremia e as árvores sacudiam. No centro da clareira de um bosque, meus amigos dançavam ao redor de uma ardente fogueira, e na piscada das douradas luzes e sombras, suas mãos se moviam por toda parte. Suas bocas se beijavam avidamente, seus corpos se contorciam no ritmo do rock, rápido e errático. Sexual.

Os que não estavam dançando, vadiavam contra as árvores circundantes, rindo, bebendo cerveja e fumando Onadyn, ou "Neve de Anjo", como a chamávamos… a droga escolhida pelos humanos hoje em dia. Esta era uma droga desoxigenante, formulada para os alienígenas que invadiram nosso planeta há muitos anos. Uma droga que fazia que os humanos, que precisavam de oxigênio para viver, sentissem como se se elevassem pelo céu, intocáveis e invencíveis (se não os matasse antes).

—Eu deveria saber — murmurei baixo.

Eu pirei por anos antes que me obrigassem a me reabilitar (duas vezes). Estava muito mal para me lembrar da primeira vez, mas lembrava da segunda muito bem, a lembrança disso queimando meu cérebro.

Minha mãe me pegou um dia na escola. Indiferente à sua reação, tinha fumado "Neve de Anjo" bem antes que chegasse. Não o suficiente para me fazer voar, mas o bastante para que fragmentasse meus pensamentos e emoções, tornando-me uma completa louca e uma total dor na bunda.

Nada podia me tocar quando estava nesse estado. Nem a ira, nem o temor, nem a tristeza.

Ela soube o que fiz no instante que me viu — os olhos frágeis e os lábios azuis sempre eram uma boa indicação — e me gritou diante dos outros garotos que esperavam seus pais.

—Maldita seja, Phoenix! É assim que vai endireitar sua vida?

Alguns garotos ao meu redor riram, outros me olharam com desgosto. Ainda imperturbável, não levantei, só continuei caída nos degraus. O sol brilhava, reluzente e quente. Possivelmente passaria o resto do dia aqui.

—Fiz uma pergunta, senhorita.

—E eu não respondi. —respondi com um sorriso. —Agora cala a boca.

—Cala a boca? Cala a boca! Está arruinando sua vida, está arruinando a minha vida, e nem sequer se importa! — Ela se afastou do carro e caminhou pisando duro para mim, franzindo o cenho.

—Supõe-se que tenho que ir trabalhar, mas não posso te deixar sozinha, assim como está. Não confio no que fará.

Ri outra vez.

—É garçonete. Não acho que vá fazer uma grande diferença no mundo. E além disso, sabe o que? Seja o que for que faça, é problema meu, não seu.

A dor se refletiu em seu rosto, mas ela ergueu o queixo.

—Se fizer alguma diferença ou não, meu trabalho é o que paga sua casa, sua roupa e sua comida. —Ela me agarrou pelos ombros e me sacudiu.— Suas ações são meu assunto quando rouba meu bem merecido dinheiro para comprar as mesmas drogas que a estão matando. Suas ações se tornam assunto meu quando escapa para Deus sabe onde e não a vejo por dias.

—Simplesmente, para mim dá no mesmo. Prenda-me e vá embora, ou faça qualquer outra coisa. Está estragando minha viagem. —Enjoada, tentei afastar suas mãos longe de mim, mas não tinha força. Isso também me fez rir.

Ela não respondeu por vários sufocantes segundos. Só me olhou fixamente como se eu fosse um frasco de veneno e ela ingerisse o conteúdo inteiro. Outros pais chegaram, compreendi, e nos olhavam inexpressivamente.

Minha mãe notou também e girou para confrontá-los.

—O que estão olhando? — espetou. —Peguem seus garotos e vão para casa.

—Sua filha está gravemente perturbada —resmungou alguém.

—É uma ameaça — disse alguém mais, um homem. — E se algum dia se aproximar da minha filha, chamarei à polícia e a prenderão longe.

—Não se preocupe, papai. —disse uma das garotas mais populares da escola com sua altiva voz. Não podia recordar seu nome, mas sabia que era uma C.D.F., uma sabichã santa e alguém a quem desprezava porque sempre parecia tão organizada, como se o mundo fosse seu cofre do tesouro pessoal.

—Antes prefiro me suicidar a me aproximar dela.

Empurrei-me para levantar, balançando quando outra onda de vertigem me golpeou. Pensava me aproximar dela, mas soube que cairia e optei por permanecer no lugar, dizendo de volta:

—Pode ir ao fodido inferno. —Com isto, dediquei a ela e seu pai uma banana. — E se sinta livre para se suicidar como prometeu. Ou melhor, me chame e o farei por você.

Houve um ofego. Um grunhido enfurecido.

Minha mãe me arrastou até o carro depois disso. Não me importou então, mas ela me gritou todo o caminho até em casa e me levou para a reabilitação nessa mesma tarde.

Uma vez serena, a lembrança me envergonhou e humilhou. Pior. Fiz minha própria mãe se sentir inútil e ri dela.

Não queria ser essa garota insensível de novo. Pensei, e se da próxima vez que consumir fizer algo pior? E se da próxima vez não puder ser perdoada por minha mãe… ou por mim mesma? Pensei no cara que conheci na reabilitação, que mais tarde se suicidou porque se sentia envergonhado das coisas que fez por seu vício.

Não queria chegar nesse ponto. E não o faria.

Neguei-me a me drogar mais. Era duro, agora que estava de volta à escola ou rodeada de amigos que se enchiam a cada fim de semana. Agora, mais duro ainda era ficar de pé naquela etérea luz de lua, o mundo ao meu redor me chamando com promessas de intumescimento e invencibilidade.

Aquelas promessas sempre foram minha ruína.

Simplesmente, não encaixava com os outros garotos da escola. Viam-me da mesma forma que a santinha fazia. Como alguém sem valor e de pouca confiança. Corrompida. Estes eram os únicos garotos que me aceitaram e entenderam, assim não queria abandoná-los.

Continue forte, Phoenix. Continue forte. Enquanto bebia a goles minha cerveja, me apoiei contra a rugosa casca de uma árvore. Cheguei apenas a alguns minutos, estacionando diante de um armazém abandonado como todos os outros, e caminhei através do bosque. Tarde. Como sempre. Estive discutindo comigo mesma se vinha ou não.

Agora, enquanto observava a cena na minha frente, compreendi que não deveria ter vindo, sem importar quanto sentisse falta de meus amigos. Sem importar como me sentia só.

Sem importar como pensava estar decidida que era minha resolução permanecer sóbria.

Espirais de fumaça branca se elevavam, como névoa, quase como fantasmas, e envolviam os garotos que fumavam “Neve de Anjo”. Mordi o lábio inferior. OH, a tentação! Há alguns meses me uniria a eles sem pensar nisso. Inalaria a doçura, depois… o aroma de chuva da droga me elevaria às estrelas.

Uma necessidade dolorosa de fazer isso deslizou sobre mim. Em segundos, poderia me sentir leve, invencível. Voando… voando… poderia esquecer o modo como meu pai se desentendeu da minha mãe e de mim há dois anos; poderia esquecer a constante decepção da minha mãe comigo. Até poderia esquecer das pequenas tensões do dia, sem me importar de quem gostava ou o que fazia.

—Phoenix! —me chamou alegremente uma familiar voz. — Graças a Deus. Veio, pedaço de puta.

Dei uma olhada à minha esquerda, seguindo o som das palavras. Minha amiga, Jamie Welsh, se aproximava, com seus negros cachos balançando sobre seus ombros. Ela sorria, sua expressão

tão alegre como seu tom. A luz da lua brilhava sobre seu rosto intensamente maquiado e iluminava seu ajustado vestido de couro e botas altas até os joelhos.

—Não pude ficar afastada — admiti.

Jamie jogou seu braço ao redor dos meus ombros e brindamos nossas cervejas.

—Abandonou o Castelo Insano faz duas semanas, mas esta é a primeira vez que a vejo fora da aula. O que aconteceu?

Castelo Insano. Nosso nome para a reabilitação. Era adequado. Eu fiquei louca por um tempo, golpeando as paredes, gritando, destruindo qualquer móvel —ou pessoa— que estivesse ao alcance da minha mão, tudo para tentar alcançar a liberdade.

—Minha mãe se converteu em minha carcereira. —disse, a palavra ensopada de autodesprezo. —Agora fico mais tempo em casa.

—Pobrezinha. —disse ela, pormenorizada.—Contudo, graças a Deus, escapou esta noite. —Ela bebeu o resto da cerveja e jogou a lata no chão. —Isto vai ficar estranho!

Acompanhava com o pé o ritmo da música, tentando conter um gemido.

—Vai acontecer algo?

—Só o habitual. Já sabe, todas as coisas que nossos pais odeiam. Como se não tivessem feito o mesmo quando jovens.

Eu não podia imaginar minha mãe fazendo algo selvagem. Nem agora, nem nunca. Era tão… engomada. Não só por seu aspecto —roupa imaculada e o loiro e liso cabelo penteado para trás— mas por sua personalidade. Se não estivesse trabalhando, limpava a casa, sem dar chance nem uma só bolinha de pó que assentasse. Jamais bebia e nunca parecia relaxar em nenhum momento.

Andar de um lado ao outro e se preocupar pareciam ser seus passatempos favoritos. Por minha culpa, pensei, um pouco triste.

—Ei! —disse Jamie, chamando minha atenção. —Está completamente tensa. Pelo visto, precisa relaxar. Viu o irmão de Allison Stone? Isso ajudaria, por certo.

—Não. —Nem sequer sabia que Allison tinha um irmão. De fato, achava que Allison se mudou há um ano. — Allison está aqui?

—Sim, mas esqueça de Allison, queremos falar de seu irmão. Graduou-se faz uns anos, antes que você se mudasse para cá, logo se juntou aos militares. Os Poucos, Os Dignos, ou alguma outra merda assim. —disse ela, revirando os olhos. — Não acredito que nenhuma das duas o encontrou antes.

—Não fizemos.

—Odiará a si mesma por isso assim que o ver. —Enquanto falava, Jamie retirou um pequeno frasco de plástico oculto numa bolsa atrás do zíper de sua bota. Os drogados sempre encontravam modos de esconder sua droga. — Estive atenta se por acaso aparecia todos estes anos, mas poucas vezes vem para casa. Até agora. —Acrescentou com um malicioso sorriso.—Finalmente está aqui.

Quase gemi outra vez quando descobri o que continha o frasco. Onadyn, ou “Sem Fôlego”, a forma líquida da droga. Mais forte que em pó e mais potente que em pílulas. Dez mil vezes melhor

que a “Neve de Anjo”. Não apenas se voava até as estrela com o “Sem Fôlego”; chegava a ser uma delas.

Por um pouco, pelo menos, recordei, mas fui incapaz de afastar o olhar do frasco. Minha mão tremeu pelo desejo de se estender e a arrebatar. Poderia beber isso antes que Jamie se desse conta que o fiz.

Quando se joga, se joga com força, Phoenix. *Não precisa disto agora*. Depois de tomar “Sem Fôlego”, uma pessoa ardia, sofria e sonhava com a seguinte dose. Mataria por ela. Roubaria por ela.

Mas é tão malditamente boa. Prová-la uma vez mais, provavelmente, não podia me fazer dano.

Jamie desarrolhou a tampa, bebeu metade e me ofereceu o resto. Continuei olhando fixamente o claro líquido que formava redemoinhos por um momento, faminta, muito faminta, e os tremores me sacudiram. *Darei um passo atrás na reabilitação. Vou ferir minha mãe de novo. Perderei tudo que ganhei*.

—Quer um gole?—perguntou.

Por fim, juntei meus pensamentos e sacudi a cabeça.

—Não, obrigada.

Ela franziu o cenho e empurrou a garrafa mais perto, diretamente sob meu nariz.

—Sua mãe não vai saber.

Experimentei uma brilho de irritação… e necessidade. Tinha razão. Mamãe não tinha por que saber. Podia… apertei os dentes. *Não. Pare!* Eu não era assim. Não mais.

—Não, obrigada —repeti com firmeza.

Sem se alterar, ela agitou a garrafa para a frente e para trás. O claro líquido balançou de um lado para o outro, quase me hipnotizando. Para alguns, o Onadyn desprendia um tênue aroma de orvalho. Para outros, na maioria em realidade, não tinha aroma. Como lamentava que não fosse esse meu caso! A boca encheu de água.

—Está totalmente segura? —perguntou Jamie.

Não.

—Sim —Afastei o rosto e Jamie encolheu os ombros e tomou o resto.

Soltei um suspiro de alívio… Ou isso esperava.

O frasco se uniu à lata de cerveja no chão e rodaram juntos. Maldito seja! Olhei-o outra vez.

—Tem que vê-lo. —disse Jamie.

Minhas sobrancelhas franziram em confusão.

—Quem?

—Ryan Stone, tola. O irmão de Allison. Não sei por que veio, nem me importa. Simplesmente estou contente que esteja aqui. —Seu rosto se franziu. — E tampouco sei por que sua irmã veio. Ela não me interessa absolutamente. Lamento que não ficou em casa, aquele pedaço de cadela esnobe.

Allison nunca saiu de festa conosco. Era uma daqueles meninas boas que fazia que a vida parecesse fácil. Ela virtualmente flutuava pelos corredores, com um halo dourado sobre a cabeça e asas de anjo nas costas. Todos (menos nós) a amavam.

—Lembra como costumava nos fulminar com um olhar de nojo durante as aulas? —perguntou Jamie. —Queria arrancar seus olhos.

Sim, lembrava. E estaria feliz em ver isso.

—Me conte outra vez o que tem de especial esse Ryan. Se for como sua irmã, não pode ser tão maravilhoso.

Jamie riu bobamente, sua voz um pouco rouca e muito mais baixa enquanto seus níveis de oxigênio caíam.

—Espere para vê-lo. É digno de observar. É… —Ela olhou além da fogueira e franziu o cenho.—Onde está? Estava se beijando com... Espere. Ali! —disse, assinalando.—Ham, Ham.

Meus olhos seguiram a direção de seu dedo, mas só vi garotos que já conhecia. Uns quantos ainda estavam de pé. Outros estavam jogados pelo chão, esparramados e olhando o negro céu aveludado, voando alto.

—Não o vejo.

Jamie cambaleou adiante, rindo entre dentes, e recuperando o equilíbrio. Agarrou-me pelo pulso e me puxou mais perto.

—Olhe, ali.

Com grande curiosidade, procurei de novo… e desta vez o vi. Soube que era ele sem precisar de confirmação. Deus querido! Minha boca ficou aberta e um quente formigamento se estendeu imediatamente por minha pele. Tinha o cabelo castanho, embora pudesse vislumbrar dourados fios à luz da luz. E inclusive na distância, pude apreciar que seus olhos eram de um brilhante azul, cristalinos, mais impressionantes que o Onadyn.

Suas afiadas maçãs do rosto lhe davam um aspecto ameaçador, como se quisesse lutar contra o mundo inteiro. Tinha o nariz ligeiramente torcido, como se o mundo aceitasse a provocação uma vez ou duas. Também apreciava uma débil sombra de barba em sua mandíbula. Muito… velho para se juntar com mauricinhos e patricinhas. Não com os garotos da minha escola, que ainda estavam na etapa de desenvolver músculos, (não que admitissem alguma vez).

Ryan não era somente sexy; era ardente.

Obviamente mais experiente que os garotos do instituto que o rodeavam, irradiava uma vibração tipo Te-dou-um-chute-no-rabo-se-falar-comigo. Não bebia nem fumava, simplesmente observava tudo que acontecia ao redor.

—Matador, verdade? —perguntou Jamie com outro perverso sorriso. Então bamboleou sobre seus pés e franziu o cenho.—Estúpidos sapatos.

Sim, era culpa de seus sapatos e não da falta de oxigênio em seu cérebro, pensei secamente, ainda sem afastar os olhos de Ryan.

Ele decidiu nesse momento me dar uma olhada, como se houvesse sentido meu escrutínio. Por uma fração de segundo, nossos olhos se encontraram, chocaram. Um tremor percorreu minha coluna antes que ele afastasse o olhar, me descartando como uma maldita mosca.

A irritação me alagou, e apertei a mandíbula. Os garotos, sem importar sua idade, sempre faziam isso. Afastavam o olhar. Eu era bonita, ou isso me disseram, mas não era bela como Jamie e, pelo visto, era indigna de uma atenção prolongada. E tampouco tinha um peito espantoso. Outra coisa contra mim.

—É um imbecil —grunhi.

Jamie murmurou algo ininteligível e tropeçou uma vez mais. Estendendo a mão, envolvi o braço ao redor de sua cintura.

—Venha, vamos —disse.—Hora de deitar.

—Noite de pijamas, então?

—Definitivamente.

Sua única resposta foi um ofego estrangulado.

Deitei-a sobre a terra e mato, deixando cair minha cerveja no processo. Jamie era mais pesada do que parecia e seu vestido não dobrava com facilidade. Quando finalmente consegui a colocar no chão, arrumei sua roupa para cobrir todas as partes importantes.

Agachando-me ao seu lado, a observei atentamente e suspirei. Seus verdes olhos estavam frágeis e fixos à frente. Seus lábios separados e tingidos de azul enquanto seus pulmões tentavam sem êxito aspirar ar. Isto foi o que minha mãe viu a cada vez que cuidou de mim?

Não havia nada mais que pudesse fazer por Jamie. Ela voaria durante o resto da noite.

Com outro suspiro, levantei e girei para o círculo de dançarinos, sem saber o que fazer a seguir. Ficar com Jamie e permanecer em guarda no caso de alguém decidir incomodá-la? Ir para casa antes que minha mãe descobrisse que sai?

Não. Não podia abandonar Jamie. Jamais me perdoaria se acontecesse algo.

Com vontade própria, meu olhar deslizou de volta para Ryan. Ele me olhava, compreendi com surpresa. E prazer. Jamais conheci um garoto que irradiasse tanto poder.

De novo, um quente formigamento revoou sobre minha pele e meu estômago se encolheu. Odiei o modo como reagia. Isto jamais aconteceu antes.

Antes que ele pudesse afastar o olhar, eu afastei o meu. *Bom!! Gosta disso?*

A música alcançou um agudo crescendo, ressoando na noite. Em menos de uma hora, todos terminariam chapados. Havia muito fumaça no ar para que alguém permanecesse sóbrio por muito tempo, inclusive eu. Quando todos dormissem, iria para casa. Ninguém poderia fazer mal à Jamie se todos dormissem.

Mas odiava a ideia de ir para casa tanto como odiava a ideia de ficar aqui por muito mais tempo. Teria que lidar com minha mãe. Estremeci. As coisas ainda não estavam bem entre nós. Ela constantemente revistava minhas coisas, procurando drogas. Não estava nem de perto de confiar em mim.

Por que deveria? *Escapuli na primeira oportunidade*. Bom, realmente precisava escapar de seu triste olhar de você-vai-voltar-a-cair-nas-drogas-muito-em-breve.

Precisava esquecer.

Não pense nisso. Não aqui, entre todos os lugares onde a tentação espreitava. O que poderia fazer para manter minha mente ocupada? Dançar?

Não. Se me unisse ao círculo de dançarinos, o fogo me esquentaria por dentro e por fora e minha resolução se debilitaria. Fumaria. E se fumasse, não pararia até que estivesse intumescida. E se me intumescesse, não me importaria em permanecer limpa.

Naquele momento, me senti mais fora de lugar do que me senti em muito tempo. Não encaixava aqui, e não encaixava com os outros garotos da escola, esses que consideravam que estaria melhor morta. Tampouco encaixava na casa da minha mãe, uma mulher que me fazia sentir culpada e triste sempre que a olhava.

—Pegue sua amiga e vá para casa —disse de repente uma profunda voz masculina.

Assustada, girei de lado e meus olhos se arregalaram. Ryan Stone estava de pé ao meu lado, um intimidante macho vestido todo de negro. Nem sequer o ouvi se aproximar. Não escutei nem o estalo de um galhinho, nem as pedrinhas ou o som de seus passos.

De perto, se elevava como uma torre acima de meu metro e meio de altura. Seus ombros eram amplos, seus braços duros e fortes. Seus olhos eram… estranhos. Achei que eram bonitos na distância. Engano. Virtualmente eram um redemoinho de azul e pontinhos púrpura. Não pareciam olhos humanos.

Era um alien?

Não, não podia ser. Exceto por seus olhos, aparentava ser totalmente humano. Os alienígenas não. Sempre pensei que eram reconhecíveis a simples vista. Os Delenseans tinham a pele azul e múltiplos braços. Os Bre-Alees soltavam baba e sempre pareciam molhados. Os Mecs mudavam de cor segundo seu humor, se iluminando como sinais de néon. Os Arcadians tinham corpos e rostos similares aos nossos, mas sua pele era muito mais pálida e a cor de seus olhos um púrpura metálico, desumano.

Podia citar mais tipos de alienígenas, mas seriam mais do mesmo. Tinham uma aparência diferente da nossa. Os que conheço, pelo menos… Mas não queria considerar isso.

Ryan me olhava com o cenho franzido, e a sua era uma das expressões mais escuras que jamais vi. Dava medo.

—Pegue sua amiga e vá para casa —repetiu.

—Por quê? —perguntei, elevando o queixo e me negando a me mover. Ele me ignorou a apenas alguns minutos. O fato que agora estivesse impaciente para se desfazer de mim só o tornava ainda pior. Quem se acreditava ser?

—Vai haver problemas com outros-mundos esta noite, e não vai querer ser parte disso.

Aliens, aliás “outros-mundos”. Não tinha nada contra eles; viviam e caminhavam entre nós há sessenta anos. Aprendi nas aulas de história que a eles só foi permitido trabalhar e entrar em nosso sistema escolar há aproximadamente vinte anos. Mas sempre foram parte da minha vida e jamais me causaram problemas, assim Ryan podia ir à merda sozinho.

Os outros-mundos poucas vezes causavam problemas porque, para ser honestos, tinham muito medo de ser assassinados pela A.I.R., a Agência de Investigação e Exterminação de Alienígenas, uma unidade militar muito similar à polícia, militares ou F.B.I. Exceto que era mais mortífera. Mais temível.

Mais sedenta de sangue.

Eram material de lendas e filmes.

Todos, inclusive os humanos, os temiam. Podiam te crivar ou esmagar se apenas suspeitassem que era culpado de ajudar um aliem a cometer um crime violento. E seria absolutamente legal. Eram juiz, jurado e carrasco.

—O que o faz pensar que vai haver problemas? —perguntei, seguindo a conversa. Uma parte de mim não queria que se afastasse do meu lado.

Não me olhou quando disse:

— Talvez eu tenha descoberto alguns aliens quando dei uma volta pelo bosque.

—Só por isso? —disse com um sorriso.

—Só por isso —disse ele com um cenho.

Soprei e agitei a mão com desdém.

—Odeia os aliens ou algo assim?

Os olhos de Ryan se entreabriram, mas não respondeu.

—Está paranoico, então? —Estava pensando em partir apenas alguns minutos antes, mas agora queria ficar.

Possivelmente fosse rebeldia da minha parte. Possivelmente fosse pelo fato que estava falando com um dos garotos mais sexys que jamais vi… um garoto que, com apenas algumas palavras, me fez sentir mais viva do que estive em muito, muito tempo, mesmo enquanto ele não podia esperar para se desfazer de mim.

—Acredita que outros-mundos estão aí fora esperando para nos pegar e roubar nosso planeta? Bom, sabe o que? Deveria ter prestado mais atenção na aula. Inclusive eu sei que a Guerra das Espécies terminou. Faz sessenta anos. Todos somos amigos agora.

Para terminar a guerra que quase destruiu nosso planeta, os outros-mundos e os humanos assinaram um tratado de paz que permitia aos aliens ficar aqui e outorgava o direito ao A.I.R de vigiá-los e destruí-los quando fosse necessário. Eu tinha memorizado todas essas estúpidas coisas, não que agora pudesse lembrar uma só palavra.

Um músculo palpitou sob o olho de Ryan.

—Tem certeza científica que são amistosos?

—Quando foi a última notícia de crime violento, humm!?

—Então os meios de comunicação sabem tudo? Isso é novo para mim. —Ele riu, mas o som careceu de humor. — Ignorante, isso é o que é. Não tem nem ideia do que diz, menina.

Ignorante? Menina? Meus olhos se entreabriram, como os seus tinham feito antes, e me aproximei. Ele cheirava a luz e pinheiro.

—Todas as garotas daqui têm minha idade ou menos. Por que veio a este lugar? Para conseguir um pedaço destas meninas, não? No que o converte isso?

Sua mandíbula endureceu, tornando-a um quadrado decidido.

—Isso não é…

De repente um estranho e misteriosos uivo cortou através da noite. O som era agudo, animal. Próximo. Assustada, olhei à esquerda e à direita, meio esperando ver um lobo se

aproximar. Não que restassem muitos deles no mundo, mas com minha sorte, pensei, o último ainda poderia estar espreitando perto, faminto por um grande e delicioso prato de carne humana.

Ryan amaldiçoou baixo. Retirou uma estranha arma de seu lado e eu ofeguei. Afastei-me, elevando as mãos, o lobo esquecido.

—O que está fazendo? Guarde no lugar antes que faça mal a alguém.

Outro dilacerador uivo no ar, seguido de outro e outro mais. Obviamente, não havia só um lobo.

Ali havia… Deus sabia quantos. Estremeci.

—Disse que partisse. —disse Ryan. Franzindo o cenho, girou o botão sobre um lado da arma. — Mas não, tinha que ficar. Essa decisão vai te custar caro.

Os uivos se misturavam com múltiplos grunhidos, todos baixos e ameaçadores.

Parei de olhar a arma de Ryan e ignorei sua ameaça.

—O que é isso? —Sussurrei, tentando ver algo através dos matos, algo que pudesse fazer um som tão terrível.

—Isso é a morte. —disse Ryan sombriamente. — E já é muito tarde para evitá-la.

CAPÍTULO 2

No tempo de uma piscada, um monte de criaturas com aparência animal saiu do afastado matagal, as verdes folhas tremendo sob seu ataque. As criaturas, que tinham a carne colorida e nada de pelo sobre sua enrugada pele, avançavam lentamente sobre quatro patas. Não, não era certo, compreendi. Saltavam, saltando do chão aos tocos das árvores e vice-versa.

Fiquei boquiaberta ao vê-los, enojada e assustada, mas incapaz de afastar o olhar, com uma mórbida fascinação me mantendo em seu aperto. Os garotos gritaram e correram, rodeando o fogo e se dirigindo ao bosque, cheios de pânico e tentando escapar. Meu coração começou um errático repico no peito, um acelerado bom, bom, bom. Vi alguns outros-mundos de aparência estranha ao longo dos anos, mas jamais vi nenhum como estes.

Meus olhos se arregalaram quando uma das criaturas saltou sobre um dos garotos inconscientes, abriu sua dentada boca sobre o rapaz e…

—Oh, meu Deus! — disse entrecortadamente.

Brancos e dourados brilhos de luz atravessaram o ar ao seu redor e o corpo do garoto sacudiu, como se algo estivesse puxando profundamente em seu interior. Estava inconsciente, mas de todo modo lutou, agitando braços e pernas.

—Acredito que não. —ouvi Ryan dizer, antes de apontar sua estranha arma e disparar uma, duas vezes. Raios de um azul intenso iluminaram a noite e pude sentir seu calor até onde estava parava.

Mais gritos humanos ressoaram, mas a luz da arma não tocou nenhum deles. Não, os raios se centraram sobre os monstros, os golpeando e congelando no lugar.

Os que evitaram as rajadas, perseguiam e saltavam sobre as assustadas pessoas, os derrubando no chão e tentado… beijá-las? Baixavam as bocas, as abrindo amplamente, fundindo juntos aliem e humano.

—O-o que é isso? —disse entrecortadamente.

—Sybilins —soltou Ryan, disparando outra vez. Outra rajada de raios azuis explodiu. Esta golpeou um monstro no meio das costas e este também congelou. Mas havia muitos deles e seu número só parecia crescer a cada segundo que passava.

Sybilins? Jamais escutei a palavra antes. Jamais topei com algo assim, e não estava segura do que fazer. Mas nem sequer pensei em fugir. Meus amigos estavam aqui, alguns deles chapados e necessitados. Como Jamie, ainda aos meus pés. Não podia abandoná-los para simplesmente me salvar.

Várias das criaturas —Deus, quantas estavam aí fora?— grunhiram e uivaram com raiva, focando sua atenção em Ryan. E em mim. Seus olhos brilharam vermelhos, de um vermelho vivo, possivelmente na tonalidade exata do sangue radiativo.

—Corre —ordenou Ryan sem me olhar.—Vá ao carro. Eu os deterei. —Disparou a arma com uma mão e retirou uma faca oculta em sua cintura com a outra.

A ameaça que irradiava era tão assombrosa como o aspecto dos outros-mundos.

—Uma porra. —disse, me inclinando e agarrando duas pedras. Endireitando-me, sopesei-as nas mãos, me dispondo a jogá-las e brigar.

—Vá! —gritou Ryan. — Isto não é um jogo.

—Verdade? —disse com secura. Não pude evitar. Confrontei os alienígenas, os medindo.— Quer dizer que não conseguirei um prêmio se continuar viva pela manhã?

Ryan me deu um escuro olhar e posso dizer que quis me sacudir. Ou me matar ele mesmo. Mas girou de novo para as criaturas, os pés fincados no chão enquanto disparava várias rodadas mais.

—As coisas estão a ponto de ficar feias.

—De certo modo eu suspeitava. —respondi, segurando as pedras mais forte. O medo não me abandonou, e só parecia crescer.

—Ainda está em tempo de fugir.

Correr e fugir pareciam boa ideia. Mas não podia fazê-lo. Não queria. Isso me converteria numa covarde. Não me faria ser melhor que meu pai, que abandonou minha mãe e eu quando as coisas ficaram difíceis.

O odiei por isso e não daria o troco fazendo o mesmo.

A arma de Ryan resistiu aos monstros por um tempo, mas logo aprenderam a se esquivar das ardentes e azuis rajadas, saltando em zigue-zague, se aproximando. Quase… nos alcançando. A bílis subiu por minha garganta, mas consegui me manter estável.

Enquanto Ryan disparava, joguei uma pedra. A rocha cinza golpeou uma enrugada cara, bem entre os acesos e vermelhos olhos, mas não parou nem deixou a criatura mais lenta, mas sim a enfureceu mais. O medo continuou me apunhalando, mais afiado que uma faca.

A criatura grunhiu sob sua garganta e soltou uma língua parecida com um funil em minha direção. Estava tão perto agora, que pude observar a amarela saliva gotejar de sua grande boca.

De novo Ryan disparou, mas a besta saltou à esquerda e logo à direita, me alcançando no segundo seguinte e me jogando no chão. Ainda restava uma pedra e a usei para a acertar contra suas têmporas.

Uivando, o inseto rodou se afastando de mim e Ryan usou a distração em seu benefício e acertou um tiro na cara. A coisa congelou, ficando exatamente como estava, com os traços retorcidos de dor e aquela asquerosa saliva amarela gotejando pela metade de seu queixo.

—Obrigada. —murmurei, me empurrando a uma posição agachada. Não podia ficar de pé sozinha. Meus braços e pernas estavam muito instáveis. Isso me tocou; essa coisa me tocou, e me sentia violada. Enfurecida e doente.

Com expressão inóspita, Ryan me ofereceu uma mão para me ajudar. Peguei, e seus fortes dedos fecharam nos meus. Meus tremores ficaram piores enquanto ele me arrastava sobre os pés.

—Bom trabalho com a pedra.

—Obrigada. —repeti. Mais aterrorizados gritos humanos cheios de dor perfuraram a escuridão e minha pele se arrepiou. — O que está acontecendo?

Ryan manteve o braço estendido, disparando rapidamente num meio círculo, nos protegendo da invasão durante vários preciosos segundos.

—Os Sybilins chupam a água de seus amigos, os secando.

Suas palavras se repetiram em minha mente, surrealistas, quase alheias. Como era possível?

Como era algo assim possível? Pensei, incrédula. Chupar a água dos corpos humanos… Não estava segura de acreditar se visse num filme ou lesse num livro.

Os aliens não eram violentos, trabalhavam e iam à escola, lado a lado com os humanos. Como humanos. Não era verdade?

Não estes Sybilins, com certeza.

—De onde vieram? —Pude perguntar, com a mão cobrindo minha garganta.

—Importa? —Ryan girou, ajustando a arma a uma detonação mais quente. Sabia disso porque pude sentir o calor emanando, quase abrasando minha pele.

—Merda! —grunhiu ele. — Isto não funciona. Ainda continuam se multiplicando.

Sem outra palavra, correu adiante. Quando as criaturas — os Sybilins — se aproximaram, ele os cortou com a faca. Um líquido amarelo gotejou deles, mais espesso que sua saliva, e gotejou sobre o chão. Agh! Notei que também havia uma garota humana lutando.

Allison Stone, compreendi pouco depois.

Por um momento, simplesmente fiquei olhando, intimidada e aterrorizada. Ryan e sua irmã lutavam experientes contra os outros-mundos, esfaqueando com as mãos, seus pés ligeiros e rápidos. Os movimentos eram quase uma dança. Uma dança mortal, controlada e sangrenta.

Obviamente, já fizeram isto antes. Possivelmente muitas vezes. Eu mesma estive em algumas brigas, mas jamais tão violentas. Nenhuma foi assim mortal.

Tinha que os ajudar.

Inclinei-me, temerosa de desviar a vista enquanto procurava mais pedras. Senti só terra.

Dois garotos histéricos passaram correndo, me acertando nas costas com sua pressa para escapar. Enquanto lutava para me estabilizar, um deles caiu sobre o corpo de Jamie, levantou de um salto e continuou correndo. Jamie não mostrou nenhuma reação.

Deveria segui-los, pensei; sabia que deveria, apesar do meu desejo de proteger.

Em vez disso, me encontrei segurando um longo e grosso galho. Era serrado e não tinha folhas. Perfeito. Não estava pronta para a revelação desta macabra cena, certo, mas não cairia sem lutar.

Dei um passo no círculo e parei, um pensamento passando por minha mente. Seria uma distração para Ryan e Allison?

Eles sabiam o que faziam. Eu não. Se os atrapalhasse e fizesse que saíssem feridos, todos os outros estariam condenados.

—Pensa, pensa — cantarolei baixo, segurando mais forte o pau. Avancei outro passo e logo parei de novo. Que dano posso fazer realmente com um pau?

—Dois à sua esquerda. —ouvi Ryan dizer.

Dei a volta, mas não havia ninguém à minha esquerda. Todos os monstros estavam agora no centro, combatendo com Ryan e sua irmã. Ele devia ter falado com Allison. Girei rapidamente para o fogo bem a tempo de ver o giro de Allison, um apagado borrão negro enquanto ela disparava dois tiros rápidos, cravando ambos no peito de seus objetivos.

Não congelaram; arderam até ficar feitos cinza. A carne chispou e a fuligem encheu o ar, quase me sufocando.

O que deveria fazer? O que seria melhor para ajudá-los?

—Precisamos de reforços. —grunhiu Allison, levantando uma perna e deixando-a cair com força. O chute golpeou nas costas de uma criatura, a derrubando de barriga para baixo. Depois disparou; também uma chama mortal e aquela coisa ardeu até morrer, seus gritos ressoando em meus ouvidos.

Minha boca secou.

—Deveriam chegar logo. —disse Ryan.

Quando vi um dos feridos Sybilins se elevar lentamente sobre uma mulher humana, por fim saí da minha petrificação e saltei em ação. *Farei que minha mãe fique orgulhosa de mim. Farei o que precisar para proteger meus amigos.* Ryan e Allison não podiam destruir todas as criaturas, especialmente aqueles que deslizavam sigilosos e às escondidas pelo chão. Desses podia me encarregar sem incomodar os irmãos.

Enquanto os lábios da criatura baixavam sobre a moça, me aproximei e balancei meu pau. Contato! Meus braços tremeram pela força do golpe enquanto a madeira quebrava sobre sua bochecha e o derrubava no chão

Uma impressionante onda de satisfação me alagou.

—Ryan! —gritou Allison, com uma borda de desespero em sua voz. —Não sei quanto mais poderei aguentar.

—Só continua disparando —respondeu ele.—É nossa única esperança até que outros cheguem.

Olhei-os e pude ver que Ryan e Allison estavam completamente rodeados, ainda presos num ameaçador círculo. O som de grunhidos e gemidos encheu meus ouvidos. Luzes amarelas e azuis cintilaram.

Certo. Se desfazer dos Sybilins nos extremos não estava indo muito bem, compreendi. Teria que fazer mais.

Corri para proteger as costas de Ryan, mas fui derrubada no chão por um outro-mundo antes de dar três passos. Fiquei sem fôlego e um forte enjoo atravessou minha cabeça e tudo o que pude fazer foi permanecer imóvel, tentando recuperar a orientação.

Um segundo mais tarde, fui posta de costas e uma das criaturas segurou meus ombros, prendendo minhas mãos entre nossos corpos. Depois, pousou seus lábios sobre os meus. Estavam molhados e quentes, muito molhados e quentes, e crescendo cada vez mais. Escutei uma sugada e um borbulho e logo senti uma dura sucção abrindo minha boca. A língua, parecida com um funil que vi antes, desceu por minha língua e cobriu a parte traseira de minha garganta.

Senti náuseas.

O Sybilin começou a chupar, e a chupar e a chupar. Uma e outra vez. Não podia respirar, mas isso não conseguiu me aterrorizar. Pirei tantas vezes que estava acostumada a ficar sem ar. O que me incomodava era como minha boca parecia seca de repente, como meu sangue começou a bombear lento. Como minha pele ficava tensa e dura.

Lute, Phoenix. Lute! Sacudi a cabeça, puxando de seu aperto, tentando afastá-lo. Finalmente pude liberar as mãos e golpear sua cabeça. Não se moveu absolutamente. Então a criatura pegou de novo meus pulsos, os segurando dos lados. Nem uma vez deixou de me chupar, se apoderando de cada gota de água que possuía. Comecei a ficar fria. Muito fria, apesar do calor que irradiava da ainda ardente fogueira ao meu lado.

Aí foi quando o pânico ameaçou me consumir. *Pará. Pará!* Tentei gritar. *Solte-me!* Não estou pronta para morrer. Acabava de conseguir ficar limpa. *Para!*

Acalme-se, Phoenix, disse a mim mesma. *Acalme-se e pensa*. Obriguei-me a ficar quieta. O que deveria fazer? Como podia conseguir que o bastardo rouba-água saísse de mim? *Melhor se apressar…*

Pontos negros cintilaram em minha visão, e uma espessa teia se estendeu na minha frente. O tempo se esgotava. Sabia. Logo seria drenada. Meus dedos já eram blocos de gelo e sentia os braços muito pesados para levantá-los. E ainda assim, a criatura continuava chupando. Meu corpo inteiro se sacudiu num espasmo.

Os olhos da criatura pulsaram com uma misteriosa cor vermelha, atravessando inclusive a teia em minha mente, fazendo que me focasse só nele. Parecia tão… letal. *Lute contra ele. Lute contra isto. É esperta. Pode escapar*. Fui presa da mesma forma durante a reabilitação, me prenderam e drogaram quando lutei para me soltar. Como agora, fui dominada, mas consegui escapar repetidas vezes.

Agora minha vida estava em jogo.

Usando uma reserva de força em meu interior que sempre conseguia me surpreender, me impulsionei para cima numa dolorosa e quase impossível ação, jogando o Sybilin de lado. Ele

liberou meu pulso esquerdo para se estabilizar e, com um rugido, enfiei os dedos nos olhos dele. Me encolhi diante do molhado calor que encontrei.

Essa coisa soltou um grito incrédulo e se afastou de mim como se eu fosse veneno, esfregando os olhos. Enquanto se retorcia, fiquei imóvel por vários segundos —talvez anos ou uma eternidade— tentando recuperar o fôlego e encontrar um pouco de energia. Doía minha garganta. Terrivelmente. E minha pele parecia uma tira de borracha, seca e tensa, a ponto de se quebrar.

Vamos, vamos. Não há tempo para descansar. Ia deixar sua mãe orgulhosa de você, lembra?

Levantei pesadamente. O Sybilin continuava se retorcendo. Tinha medo de tocá-lo de novo, medo que essa coisa, de algum modo, fosse capaz de me prender uma segunda vez, mas me aproximei de todo modo e me agachei sobre ele. Comecei a dar murros. Mais e mais murros. Esta coisa tentou me matar, o mataria se deixasse.

Não deixei de bater, inclusive quando tentou se afastar de mim se arrastando. Inclusive quando me esquivou e gritou, ainda continuei batendo. Golpeando até que a criatura assassina parou de se mover. Nenhum outro Sybilins veio em seu resgate.

Só quando parei me dei conta que meus nódulos palpitavam em sintonia com minha raiva. Doía tudo e não podia parar de ofegar.

Ryan estava de repente ao meu lado. Agarrou-me pelo braço e me arrastou até o ponto exato em que estava antes que tudo isto começasse. Meus joelhos fraquejaram e minha adrenalina dissipou com rapidez. Caí de bunda e apoiei a cabeça contra uma das árvores. Naquele momento, queria vomitar. Entretanto, não tinha nada mais em meu interior, nem sequer energia para me mexer.

—Está bem? —perguntou-me, agachando na minha frente.

—Estou… bem… —disse enquanto minhas pálpebras fechavam de mútuo acordo. Minha garganta estava seca, em carne viva, e cada palavra saia rasgada. Jamais me senti tão fraca em minha vida.

—Sinto não chegar antes. —Ele inclinou meu queixo e usou os dedos para levantar minhas pálpebras e estudar meus olhos.—Nunca vi um humano inexperiente rechaçar com êxito um Sybilin que já começava a se alimentar. —Havia incredulidade em seu tom, como se mesmo testemunhando isso não estivesse ainda convencido. —Não acredito que tenha nenhum dano permanente. Só precisa de água. Muita água.

—O que aconteceu… com os outros monstros? —não podia puxar o ar bastante rápido.

—Os temos contidos. Por fim. —Ele retirou um recipiente de um de seus bolsos e o apoiou sobre meus lábios. — Bebe.

Bebi com gula, minha engomada boca absorvendo cada gota de umidade.

—Tudo vai estar bem.

—Quem… é… você? —Ofeguei quando não restava nada mais. Um garoto normal não poderia lutar dessa forma. Um garoto normal não carregava um arsenal como esse. — Quem é… realmente?

—Não sou ninguém. —Com cara séria, se girou e inspecionou a clareira.

Olhei além dele para fazer o mesmo. Os bichos estavam espalhados pelo chão, inconscientes, e muitos Sybilins ainda congelados no lugar. Engoli o ar.

—Estão mortos?

—Seus amigos ou os Sybilins?

—Ambos.

—Alguns dos humanos precisarão passar uns dias na UTI, mas a taxa de sobrevivência deve ser alta. Os Sybilins… bom, alguns deles ainda estão vivos, mas não será por muito tempo. —Ele falou com uma ponta de prazer.

—O que…

—Não. —Ele negou com a cabeça.— Sem mais perguntas.

Sua irmã se aproximava, notei. Ela embainhou suas armas —uma pistola e uma faca, réplicas exatas das de Ryan— em sua cintura e me deu uma olhada. Tinha o mesmo cabelo negro de Ryan, mas seus olhos eram verdes enquanto que os dele eram de um estranho azul. Ele era alto, ela baixa. Onde ele era musculoso, ela parecia suave.

Difícil acreditar que esta doce adolescente lutasse tão letalmente.

—O que vamos fazer com ela? —exigiu, me apontando com uma inclinação de queixo.

Ela tinha minha mesma idade, dezessete, mas tentava aparentar mais. Mais domínio. E eu desejava ter força para enfrentá-la. Pela primeira vez em anos, fiz algo bom. Algo justo. Não merecia castigo. Merecia uma medalha. Talvez flores. Um diploma pelo menos.

—E bem? —exigiu Allison.

—Não o que pensa —disse Ryan com firmeza.

O que pensava? Parecia que deveria saber a resposta, mas minha mente parecia aturdida e de repente tinha problemas para me concentrar através da espessa névoa.

—Viu muito —disse Allison entre os dentes apertados.

—Também nos ajudou. Então a deixe e verifique o que aconteceu com nossos reforços. Já deveriam ter chegado.

Allison abriu a boca para protestar, mas Ryan a cortou com um olhar. Um olhar tão escuro que a fez pressionar os lábios juntos numa linha de censura. Depois, é óbvio, me mostrou os dentes e franziu o cenho como se tudo isto fosse culpa minha e girou bruscamente, se afastando enquanto gesticulava.

Encontrei-me de novo a sós com Ryan… quem não estava segura de gostar. Era muito mandão, muito arrogante, muito tudo. Mas sabia que gostava de olhá-lo. Era um (sexy) mistério, um (belo) confuso quebra-cabeças.

—Como se chama? —perguntou. Seus olhos azuis formaram redemoinhos, revolveram-se. Como uma tempestade no oceano.

—Phoenix.

—Bonito —disse ele.

—Não pensaria assim se fosse seu nome —me queixei.

Seus lábios se estiraram num sorriso.

—Falava de você, não do nome. Mas também gosto.

Ele achava que era bonita?

—É estúpido.

—De maneira nenhuma.

—Todos os dias alguém me compara com um pássaro que queima até morrer.

—Esse pássaro também renasce de suas próprias cinzas, mais forte que antes.

Bom. Agora oficialmente eu gostava do meu nome. Jamais pensei nele dessa forma, mas gostava da ideia. Eu renasci das minhas próprias cinzas e tentava melhorar minha vida.

A expressão de Ryan mudou de divertida para arrependida numa piscada.

—Sinto muito, Phoenix —disse.

Pisquei confusa.

—Por que? —Apesar de sua grosseria anterior, realmente não fez nada mais que me ajudar.

—Por isso. —Sua mão voou de repente e pousou no meu nariz. A ação foi surpreendente, inesperada e… molhada. Umas gotinhas escorreram por meus lábios e queixo. Um aroma amargo encheu meu nariz, logo desceu pela garganta ao respirar e em seguida à língua quando abri a boca.

Agarrei seu pulso e tentei afastá-lo, mas o manteve apertado. Fraca como estava, não pude me mover e, de forma estranha, só me sentia mais fraca. Muito rapidamente.

— Meus dedos estão impregnados com algo que te fará dormir —explicou ele com calma.— Dorme, Phoenix.

Nossa conversa e seu elogio ao meu nome obviamente só foi uma estratégia para me distrair, pensei sombriamente. Tentei gritar, amaldiçoá-lo, mas só consegui aspirar mais dos amargos vapores. Como se atrevia a fazer isto comigo! Como… se… atrevia… a… fazer… isto…

De novo na minha frente se estendia uma escura teia. Esta mais forte e potente que a outra. Atraindo-me, me chamando para a paz. Como uma droga. O sonho seria incrivelmente doce.

Ia sucumbir; sabia que o faria.

Mas lutei contra isso, contra a doçura, da mesma forma que lutei contra o Sybilins, igualmente agora lutaria contra Ryan. O que planejava fazer comigo? Sacudi-me e contorci, conseguindo golpear seu olho direito. Meu punho se estatelou contra o osso e a satisfação me encheu.

—Maldição. —grunhiu ele, mas não havia verdadeiro calor em suas palavras. Tentou capturar minhas mãos com a sua livre. —Isso doeu.

Bom. Consegui acertar uma segunda vez antes que ele me agarrasse ambos os pulsos.

—Não vou te machucar. —disse ele. Soava longínquo, como se arrastasse as palavras.—Pare de lutar. Por favor. Estou fazendo isso por seu próprio bem.

Não queria obedecer, mas o mundo ao meu redor desmoronava. Não, não desmoronava. Desmoronou. Completamente. Não tinha nenhuma âncora sólida a qual me agarrar e me encontrei flutuando. Minha cabeça pesava muito, meus ombros pareciam carregar tijolos. Minhas pálpebras fechavam, virtualmente grudando juntas. Para mim, só havia um escuro túnel interminável.

—Como ainda luta? —Escutei Allison dizer. Não a ouvi retornar.

—Não sei. —respondeu Ryan, e havia assombro em seu tom. —Dorme, Phoenix. Dorme. —Seu quente fôlego fez cócegas em minha orelha. —Tudo vai ficar bem. Encarregarei-me disso. Cuidarei de você. Prometo isso.

Isso foi a última coisa que escutei antes de afundar por fim no esquecimento.

CAPÍTULO 3

—Pegue-a. — Ouvi um homem dizer. Soava familiar. Ryan, compreendi pouco depois. Humm, Ryan. Tão lindo. Não, bastardo. — Leve-a para sua casa e tome cuidado com ela.

De repente me encontrei flutuando.

—Kadar. —chamou Ryan.

—Sim?

—Diga a seus pais… não sei. —Ryan fez uma pausa.—Odeio dizer que somos policiais e a pegamos consumindo. Não quero metê-la em problemas depois do que fez.

—Não mencionarei as drogas, de acordo? —alguém, Kadar?, respondeu. Um homem; um estranho para mim. —Só direi que a encontrei assim e que usei sua identificação para descobrir seu endereço. Deixaremos que seus pais decidam o que fez ou não na festa.

Deveria protestar. Tentei abrir a boca, mas não saiu nenhum som.

—De acordo —disse Ryan. — Isso está bem.

A neblina me reclamou de novo e só houve escuridão.

—Como pôde, Nix? Como pôde?

A voz zangada da minha mãe golpeou a escuridão que cobria minha mente. Notei que meu corpo palpitava de dor, como se estivesse num acidente. Uma briga. Alguma coisa.

Minha boca estava seca, muito seca. Minha pele picava e esticava.

Cuidarei de você. Prometo.

A rouca voz masculina foi à deriva na minha mente. Por um momento, esqueci tudo, menos aquela voz. Havia consolo nela. Segurança.

—Nix! Acorda. Agora mesmo.

Aí estava minha mãe outra vez, insistente e furiosa. O que fiz desta vez? Estive fora muito tempo e perdi o toque de recolher?

Tudo vai ficar bem.

De novo, a masculina voz encheu minha cabeça. Queria ver quem falava. Ver seu rosto que, de alguma forma, zombava de mim ficando nas sombras. Gemi, tentando me obrigar a despertar por completo.

Enquanto a consciência me reclamava gradualmente, umedeci os lábios secos. Deus, tinha tanta sede!

—Por fim. —se queixou minha mãe. Seus dedos se fecharam sobre meus ombros, e me sacudiu.— Vamos, Nix. Estou cansada de esperar. —Houve uma pausa cheia de tensão. — E não vou fazer mais isso, não quando é a responsável por cada pedaço da minha dor.

Entreabri pesadamente as pálpebras. A brilhante luz do sol se filtrava através das cortinas brancas, fazendo meus olhos arderem e lacrimejar. Esfreguei o rosto com mãos instáveis e cocei a bochecha.

—Água. —soltei com a voz rouca passando pelo duro nó da minha garganta. Passando pelo algodão da minha boca. — Água.

Exasperada, minha mãe saiu com passo firme do meu quarto, só para voltar minutos mais tarde com um copo. Bebi o conteúdo em segundos, engolindo como se minha vida dependesse disso. Hummm!, bom. Tão bom. Frio e úmido. O céu na Terra. Quando terminei, pus o copo sobre a mesinha de noite.

—Está pronta para falar? —disse ela.

—O que aconteceu? —perguntei. Estava em meu quarto, deitada na minha cama, mas a última coisa que lembrava eram árvores. E terra. E a luz da lua. Sim, a luz da lua. Imediatamente, o rosto de um garoto surgiu na minha mente. O rosto do garoto que continuava falando em minha mente.

Tinha o cabelo negro e olhos azuis; e era alto. Ele era… sua imagem desapareceu. Lutei para recuperá-la, mas… nada. O que estava errado comigo?

—Drogou-se de novo —disse minha mãe, seu desprezo e decepção clara.—Isso foi o que aconteceu.

—O que? —Me endireitei de um pulo. Uma onda de vertigem me golpeou, me deixando nauseada, e passaram vários minutos antes que a sensação se acalmasse. —Não me droguei. —Estava muito segura disso.

Fui à festa, recordei. Fiquei parada na borda da clareira, olhando a fumaça e meus amigos dançando, mas resisti. Sim, tinha resistido. E depois… o que? Ryan Stone se aproximou de mim. Era isso. Ryan Stone. Meus olhos se arregalaram quando os acontecimentos da noite se repetiram claramente em minha mente.

Ryan era quem estava dentro da minha cabeça. Sua irmã, Allison, estava no bosque conosco. Os outros-mundos chegaram e tentaram nos matar. A luta explodiu. As armas e facas cintilaram. Meus amigos quase morreram.

—Escapei. —disse, olhando para minha mãe. —Admito. Mas é tudo do que sou culpada. Juro que não me droguei. Os aliens nos atacaram. Tentaram aspirar a água de nossos corpos, mas brigamos contra eles. —Não mencionei que quase me converti numa vítima eu mesma.

Minha mãe me fulminou com os olhos e lutei contra o impulso de afastar o olhar. Éramos um reflexo uma da outra. Minha mãe e eu. Ambas compartilhávamos o mesmo cabelo loiro, os mesmos grandes olhos negros. As mesmas sardas sobre nossos lindos narizinhos de duende. O mesmo corpo magro. Por que ela não podia ter me dado seios? Olhá-la era como olhar uma delicada flor, facilmente pisoteada. Sinceramente, esperava que as pessoas não vissem essa imagem de mim quando me olhavam.

—Me comportei bem, mamãe.

—Se drogou e ao que parece acredita que sou tão estúpida que não me daria conta. Assim mente. Briga contra alienígenas? Por favor! Algo assim sairia em todas as notícias.

—Estou dizendo a verdade! Poderia fugir, mas fiquei e briguei. Ajudei a salvar vidas. Eu… acreditei que ficaria orgulhosa de mim.

Ela passou a mão pelo rosto, massageando as linhas de tensão ao redor de seus olhos e boca.

—Sua pele está seca, Nix, como se não conseguisse suficiente oxigênio. Há círculos negros sob seus olhos e seus lábios estão tingidos de azul. Os típicos sinais de ingerir Onadyn. Deveria saber. Vi milhares de vezes.

—Mamãe…

As lágrimas encheram seus olhos.

—Pensei que estava limpa. Prometeu que desta vez ficaria limpa!

—Mas mamãe…

—Estou tão decepcionada com você. Quase acreditei em sua palavra. —disse ela, me cortando outra vez. — Não aprendeu nada na reabilitação? Esqueceu que as drogas podem te matar?

—Sei. —insisti. —Aprendi.

Ela soprou, limpando as lágrimas com o dorso da mão.

—Pensei que era mais esperta e agora compreendo que está afundada num escuro espiral de tristeza e morte. —Enquanto ela destrambelhava, andava ao longo do meu quarto, se convertendo numa imagem apagada contra as brancas paredes, a cômoda metálica e as fotos holográficas de meu amigos. — Deus! Se até uma vez ameaçou ajudar uma pessoa a se suicidar.

Minhas bochechas arderam de vergonha.

—Jamais me senti tão mortificada e horrorizada em minha vida. E agora, descubro que de novo tomou a mesma substância que a converteu naquele monstro…

—Não estou mentindo. Não me droguei.

—Oh, sério? Ontem à noite um estranho te encontrou e a trouxe para casa. Estava inconsciente e não reagia. Pensei que precisaria leva-la a um hospital para que te dessem uma transfusão de sangue rico em oxigênio.

—Um estranho me trouxe para casa? —Sacudi a cabeça, limpando minhas ideias. — Como era?

Ryan teria me trazido? Ele me deixou nocauteada, assim era completamente possível.

Recordar a forma como me enganou, a forma em que, tão sem piedade, me deixou inconsciente, elevou meu aborrecimento a níveis mais altos e apertei as mãos em punhos. Por que fez isso?

—Como era? —Insisti.

—O que importa como era o homem? —disse minha mãe, de repente histérica. —Tinha o cabelo negro e olhos cor avelã. Contente? Disse que a encontrou fora, no bosque, e que leu sua identificação para descobrir seu endereço.

Por alguma razão, me pareceu familiar. Não sabia por que, e doía minha cabeça quando tentava pensar nisso. O que realmente sabia é que o homem que me trouxe para casa não era Ryan. Seus olhos eram de um estranho azul, não cor de avelã.

—O homem poderia ser um assassino, um estuprador, ou um alien. —disse minha mãe. —Poderia te matar ou pior, torturar até o ponto que desejaria que a matasse, e ninguém saberia. Eu passaria anos chorando, preocupada com você, rezando. De novo minha vida seria lançada no abismo por você.

—Juro por Deus que estou limpa! —Possivelmente deveria procurar Ryan. Ele esteve lá. Sabia a verdade. Minha mãe se negava a acreditar, mas talvez acreditasse nele.

—Sinto-me tão frustrada com você, Nix. As drogas nos estão destruindo e não posso suportar mais.

—Mamãe, tem que acreditar em mim! —Minha voz se quebrou. Mantive os olhos fixos nos dela, pedindo silenciosamente que confiasse em mim. Só uma vez. Agora eu era uma pessoa diferente e queria que ela visse, reconhecesse. — Pode fazer um teste… de níveis de oxigênio. —terminei sem convicção. Se meu nível de água estava baixo, também estariam meus níveis de oxigeno? Se fosse assim, pareceria culpada. — Mamãe, por favor.

—Mudou de ideia sobre o teste, verdade? —rindo sem humor, ela enredou a mão em seu loiro cabelo; o som de sua risada carente de humor repercutindo nas paredes. Seus ombros se inclinaram com tristeza. —Sinto Nix, mas os sinais falam por si mesmos. Não tenho que pagar por um teste.

Meu estômago se apertou de dor. Jamais fiz nada para ganhar sua confiança, sabia e me envergonhava disso. Não sei porque a esperava agora. Mas pela primeira vez em anos, dizia a verdade.

Deixei cair o queixo sobre meu peito e observei minhas mãos, as retorcendo em busca de consolo. Linhas púrpuras e azuis se bifurcavam de meus nódulos até meus pulsos. Estavam muito inchadas e cada movimento de meus dedos provocava uma aguda dor. Minha pele estava escamosa.

Tente outra vez.

—Mamãe…

—Economize isso. Obviamente não posso te controlar e, como disse, estou cansada de tentar. Estou esgotada. Tão estressada que já não posso dormir. Tenho contínuas dores de cabeça. Não tenho vida social, nem amigos. Estou muito ocupada te perseguindo.

—Sinto muito. —sussurrei.

—Eu… simplesmente não posso mais.

Minha cabeça se ergueu de repente e a olhei atentamente com temor.

—Não me envie de novo para a reabilitação. Por favor. Não consumi. Não fiz! Tudo que quero é que se sinta orgulhosa.

—Pare —soltou ela com dureza, me cortando de novo.—Simplesmente pare.

As lágrimas encheram meus olhos, queimando com veemência. Esfreguei os braços, olhando-a fixamente, tentado fazer que acreditasse em mim.

—O cara que te trouxe para casa me disse que enviou sua filha a um acampamento de treinamento especial para adolescentes rebeldes. —Ela me confrontou por completo, sua expressão triste, decidida. —Me deu o número e já os chamei. O diretor não estava, mas me ligará assim que voltar.

Um ofego escapou dos meus lábios.

—Não. Não faça isto. Não me mande para longe de novo. Acabo de voltar. Dê-me uma oportunidade. Estou tentando endireitar minha vida de novo.

Ela permaneceu firme e inflexível.

—Se a aceitarem, irá. Fim da discussão. —Com isto, deixou meu quarto, fechando a porta com um suave estalo.

Passei o resto do fim de semana em meu quarto. Quis ligar e averiguar o estado dos meus amigos, mas estava proibida de usar o telefone. De maneira nenhuma desobedeceria minha mãe agora. Não precisava de mais problemas. Além disso, deviam estar bem ou todos os canais de notícias teriam divulgado se acontecesse algo. Não que alguém tivesse feito um artigo sobre o ataque. O que me fez pensar em Ryan quando disse—: Os meios de comunicação informam tudo agora?

Possivelmente não eram tão abertos e honestos como eu assumia.

O que sabia disso?

Suspirei. A maior parte do tempo fiquei bebendo água. A engolia na realidade, incapaz de me saciar. Contemplava fixamente as fotos holográficas na minha parede, os quadros animados meus e de Jamie brincando no pátio traseiro, nos rindo e abraçando uma à outra.

Foram tiradas antes que alguma das duas começasse a consumir.

Ela foi a primeira a provar. Quando descobriu o intumescimento que se sentia por dentro e por fora, pedi para provar. No princípio fui feliz. Achava que nada poderia me fazer mal. Agora era mais sábia.

Deixei a porta do meu quarto aberta e peguei minha mãe caminhando corredor abaixo várias vezes. Olhava-me e chorava, mas não parava. Finalmente, em sua quinta viagem, tentei falar com ela. Saltei da cama e sai pela porta, com as mãos apoiadas na moldura da porta.

—Podemos resolver isto, mamãe. Só temos que tentar.

Ela parou bruscamente, de costas para mim. Não se virou quando me disse:

—Não podemos. Sempre terminamos voltando aqui, com você até o pescoço e eu num feixe de nervos. Sinto muito.

Não soube o que responder porque era verdade.

Ela riu amargamente.

—Talvez se fosse uma melhor esposa, seu pai não nos largaria e formaria outra família. Estaria aqui e você obedeceria.

—Não precisamos dele. —Não perdoei o modo como nos abandonou, sem nem sequer uma advertência. E não o perdoava por não entrar em contato conosco depois. Era como se para ele já não existíssemos.

Sim, uma parte de mim sentia sua falta. Às vezes chorava por ele, me perguntando o que fiz errado, me perguntando se podia fazer algo diferente para que ficasse. Mas ainda assim o odiava com todo meu ser. Ele se desfez de mim como se fosse lixo.

As lágrimas umedeceram meus olhos, mas as sequei com um rápido movimento de pulso.

—Só precisamos uma da outra.

—Obviamente, você precisa mais. —Então ela se afastou de mim.

Desanimada, voltei torpemente à cama e me deixei cair no colchão com um profundo suspiro. A cama se adaptou ao meu corpo, adotando meu nível de comodidade programado.

—Faça uma boa ação —resmunguei—, e será castigada pelo resto de sua vida. Sim, grande justiça.

Apesar de estar presa e aborrecida, o fim de semana passou rapidamente e a segunda-feira, — o dia do Julgamento Final —, chegou muito rápido.

O diretor do acampamento especial ligou por fim para minha mãe. Quando o telefone soou, soube quem era. Mamãe estava na cozinha preparando o café da manhã, por isso usou o telefone dali. Eu tremia enquanto me aproximava nas pontas dos pés até o vestíbulo para escutar.

—…drogada. —a ouvi dizer.— É obstinada e desobediente. Escapa, rouba, e para que contar mais? — A risada amarga.

Uma pausa enquanto ela escutava a resposta.

—Já não posso controlá-la, e perdi a vontade de tentar.

Escutá-la dizer essas coisas para outra pessoa… me destroçou. Fez-me sentir não desejada, não amada. Uma amolação. Abandonava-me do mesmo modo que fez meu pai. Só que desta vez, com ela, era ainda pior. Desta vez doía muitíssimo mais.

Papai fez suas malas, parou na entrada e me disse adeus sem olhar nos meus olhos. Ela, a mulher que me abraçou, que me prometeu que sempre cuidaria de mim e choraria comigo nos dias sombrios que viessem, agora fazia a mesma coisa, ainda sabendo como seria doloroso para mim.

—Cs, Ds, e Fs. —disse minha mãe. Deviam estar pedindo minhas notas. —Sei que são más, mas é uma garota esperta quando não consome e suas notas melhorarão.

Então por que me afasta? Dê-me outra oportunidade.

—Sim —disse minha mãe.—É engenhosa.

Pausa.

—Sim. Pode ser poderosa.

Minha testa se enrugou com confusão. O que tinha isso a ver com tudo isto?

—Por que me pergunta isso? —exigiu minha mãe, expressando meus pensamentos.— O que importam essas coisas? Ela precisa de ajuda com as drogas, não uma mudança de personalidade.

Passaram alguns minutos e minha mãe murmurou um —certo— a cada poucos segundos. Finalmente desligou e eu deslizei de volta ao meu quarto, esperando que as lágrimas em meus olhos secassem e que parasse de tremer tão violentamente antes de me encaminhar à cozinha.

Não queria que soubesse que escutei escondida, por isso não mencionei a chamada telefônica.

E ela tampouco o fez.

Quando me serviu o café da manhã, aceitei-o com um cortês "obrigada". Não sabia mais o que dizer. O que podia dizer?

—Coma e vá à escola. —Foi sua única resposta e se dirigiu a pia para lavar os pratos a seco num polvilhar de enzimas, me dando as costas.

Pisquei com surpresa. Então mudou de ideia sobre me levar ao acampamento? Ou eram eles que tampouco queriam se encarregar de mim?

Não sabia como fazê-la entender que tinha mudado. Que já não era a drogada que costumava ser. Estou tentando, queria gritar. E mais, ainda queria encontrar Ryan — e Allison —, arrastá-los na frente dela e obrigá-los a explicar o que aconteceu realmente naquela noite.

Não que eu entendesse completamente o que aconteceu.

—Não quero que chegue tarde. — me apressou minha mãe.

—Me leva de carro?

—Desta vez não.

—Bem então. —Silêncio. —Suponho que isto é um adeus.

—Sim.

—Eu te amo. —disse enquanto me dirigia para a porta e à parada de ônibus.

Ela não disse nenhuma palavra.

Fiz uma pausa fora, esperando que dissesse algo pelo menos. Não fez. Tentei que aquilo não me incomodasse a caminho da escola. Observei os carros passando zumbindo na minha frente. Olhei as velhas casas meio destruídas e depois as novas com sistema de segurança robóticos de alta tecnologia. Minha mãe sempre olhava aquelas casas com ânsia quando dirigíamos por ali. Vivíamos numa vizinhança similar quando meu pai ainda estava conosco.

O instituto de New Chicago apareceu por fim à vista. Era um dos edifícios mais novos e era prateado, muito alto e muito amplo. Cada porta e janela estavam equipadas com telas automáticas para impedir que as pessoas vissem o interior, um detector de metais e um computador que registrava a identidade de todos que entravam e saíam.

Todas as escolas eram exatamente iguais. Nenhuma cor exceto o prateado, nenhum nome de equipe (eram considerados "depreciativos"). Havia equipes esportivas, é óbvio, mas estritamente para os humanos, desde que certas habilidades alienígenas eram consideradas "injustas".

Havia uns poucos Arcadians que frequentava minha escola, a raça conhecida por seu cabelo branco, olhos violetas e capacidades psíquicas. Havia alguns Terans, os quais eram como felinos (com pelagem, orelhas bicudas e línguas ásperas), e um MEC, uma coisa desengonçada que era todo branco, até seus olhos.

Jamais passei tempo com algum deles. E agora, mais que nunca, não queria fazê-lo.

Entrei no Comp II, minha primeira aula do dia, e experimentei uma sacudida de surpresa quando descobri Jamie na parte de trás. Parecia sã e ilesa. Manobrei para esquivar uma estudante também atrasada —que saltou fora do meu caminho para assim não ter que me tocar, me fazendo sentir ainda mais inferior— e acelerei o passo para sentar na cadeira ao lado de Jamie.

Minha mochila me golpeou o lado quando a deixei cair no chão.

—Ei! —disse Jamie quando me viu. Parecia bonita, bem descansada e vestia um espartilho negro e calças finas da mesma cor.

—Está bem? —Não perdi tempo em conversa fútil.

Ela franziu o cenho, confusa.

—Sim. Por que não deveria estar?

Por que não deveria estar? Uh, porque fomos atacados por aliens. Porque bebeu suficiente "Sem Fôlego" para matar dez pessoas.

—Lembra-se de algo da noite da sexta-feira?

—Sim —repetiu ela e riu.—Foi completamente… —Pausa. Mordeu o lábio inferior enquanto procurava a palavra exata.—Assombrosa!

Bom. Não era a palavra que eu escolheria.

—E quanto aos Sybilins? Eles a teriam matado se Ryan e Allison não os detivessem.

Por vários segundos, Jamie não disse nada, simplesmente me olhou como se eu precisasse voltar ao Castelo Insano para outra rodada de terapia. Então seus brilhantes lábios vermelhos se curvaram num lento sorriso.

—Pensei que se afastava de nós, mas também voou nessa noite e alucinou. Deus, é tão bom ter você de volta!

—Espere. —Elevei a mão em busca de silêncio. Podia aceitar que não se lembrasse dos Sybilins ou a batalha seguinte. Sabia o que vi, sabia que não consumi drogas e que não foram uma alucinação da minha parte. O que não podia aceitar era que todos assumissem que consumia de novo. — Não me droguei.

Seu sorriso se alargou.

—Por certo que não.

Apertei os dentes.

—Como chegou em casa?

O ombro de Jamie se elevou num delicado encolhimento, e enganchou vários cachos escuros atrás da orelha.

—Um policial imbecil me levou para casa. Ficou me dando sermões por voar todo o caminho. Blah, blah, blah. Perdi a consciência depois de um tempo e despertei ontem pela manhã na cama.

Soava-me familiar.

—Meus pais quase tiveram um ataque quando despertei, já que o oficial disse que eu "abusei do Onadyn". —Ela bateu suas pestanas com inocência.—É óbvio, alguém deve ter jogado na minha bebida porque jamais faria tal coisa.

Abri a boca para responder, mas a Sra. Howard entrou na sala, a porta fechando automaticamente atrás dela com um estalo.

—Bom dia, classe. —Era toda profissional, com um ajustado traje de calça negra e o liso cabelo afastado do rosto, e direta ao assunto. — Tirem seus computadores e cliquem na página cento e dezesseis de seu livro do Comp II.

Vários estudantes gemeram.

O computador de Jamie já descansava sobre sua mesa, assim ela teclou uma série de botões. Um quadrado azul cristalizou diretamente em cima do teclado, semelhante à água, mas mais espesso. Quase como geleia. Depois seus dedos teclaram o código apropriado e o número de página e as palavras se materializaram, pequenas e negras, completamente legíveis.

Procurei em minha mochila, mas não vi meu computador. Assustada, me endireitei. Devo ter deixado em casa.

—Phoenix Germaine, tire seu livro. —ordenou a Sra. Howard.—Temos muito assunto para hoje e muito pouco tempo para dá-lo.

A encontrei me observando severamente e não me permiti estremecer.

—Não trouxe. Sinto muito.

Seus lábios se apertaram com desagrado.

—É inaceitável, senhorita Germaine. Sem seu computador, não pode fazer anotações. Sem anotações, será suspensa do próximo exame, e você querida, não pode se permitir uma suspensão.

As cadeiras patinaram para trás quando todos giraram para me olhar. Alguns riam dissimuladamente e outros sorriam com satisfação. Minhas bochechas avermelharam. Por sorte, um golpe na porta me salvou de pronunciar uma resposta.

A Sra. Howard pressionou um botão no controle remoto, e uma escurecida tela no centro da porta clareou, revelando o rosto do diretor Edgars e… não pude distinguir quem estava com ele, só via uma silhueta negra. A Sra. Howard pressionou outro botão e a porta deslizou aberta.

Edgars entrou com um passo longo, ladeado por um alto e musculoso homem que não reconheci e uma igualmente alta mulher ruiva. Pararam no centro e procuraram ao redor da classe. OH, não. Não, não, não. Só havia uma razão para que pessoas assim fossem à escola.

Meu coração pulsou em meu peito com tanta força que temi que minhas costelas rachassem. *Por favor, não diga meu nom…*

—Phoenix Germaine. —disse o Diretor com sua profunda e aguda voz. Tinha traços simples de cor café e olhos da mesma cor que varreram sobre os estudantes até aterrissar sobre mim. —Junte suas coisas e saia ao corredor.

De novo todos me olharam. Minha boca secou, como se o Sybilins ainda chupasse cada gota de água. Não me livrei do acampamento, apesar de tudo.

Os dois estranhos não disseram nenhuma palavra, só me observaram de cima a baixo, me inspecionando como se fosse uma casa ou um carro que queriam comprar. Puxei ar. Não podia acreditar que minha mãe realmente o fez; não podia acreditar que me afastasse sem sequer me dizer adeus.

As lágrimas arderam em meus olhos, mas as reprimi. *Não chore, não chore, não chore.* Seria forte. Estaria bem.

—O que acontece? —sussurrou Jamie atrás de sua mão.

Quanto tempo passaria até que a visse de novo? Quanto tempo estaria obrigada a ficar no acampamento por um crime que não cometi?

—Phoenix? —disse Jamie, insegura.

—Minha visa se desmorona, isso é o que acontece. —Fiquei de pé sobre minhas pernas instáveis e coloquei a mochila no ombro.

—Não precisará disso —disse o forasteiro masculino, falando pela primeira vez desde que entrou na sala.

Por que não? quis perguntar, mas não o fiz. Tive medo da resposta. Mordendo o lábio inferior, deixei cair a mochila no chão.

—A Sra. Howard cuidará de seus pertences —disse Edgars.

Olhei adiante, deixando que meus pés seguissem o caminho do meu olhar, sem desviar a vista para a esquerda ou direita, ignorando as pessoas que me observavam fixamente e que se perguntavam. Muito rápido, me encontrei de pé em frente a Edgars e os desconhecidos. Lutei contra um Sybilins e ganhei; não deixaria que tudo isto me vencesse.

—A estão detendo de novo? —murmurou um estudante atrás de mim.

—Esperemos que sim. —respondeu alguém.

Edgars moveu levemente a cabeça para mim, com compaixão em seus escuros olhos.

—Boa sorte, menina. —Girou sobre seus calcanhares e saiu do quarto. Os desconhecidos, entretanto, me esperaram. O homem até assinalou a porta com o queixo.

Endireitei os ombros.

—Se o que queria era ver meu traseiro, senhor, só precisava falar. —Acreditei ver que seus lábios se estiravam, se estendendo quase num sorriso, mas não perdi tempo para estudá-lo mais atentamente. Deslizei pelo corredor como se não me preocupasse nada no mundo.

Jamais me senti tão miserável, mas não os deixaria ver como estava perto de desmoronar.

—À entrada dianteira —ordenou ele, ainda atrás de mim, mas mais perto do que pensava. Sua voz, de algum modo, soou familiar.

Não olhei para trás enquanto continuei caminhando, sem diminuir jamais o passo.

—Onde está localizado esse acampamento especial, de todo modo? —Assim era como minha mãe o chamou, um acampamento especial para adolescentes rebeldes. Argh!

—Em lugar nenhum. —respondeu o homem enigmático.

Soprei.

—No inferno?

—Alguns diriam que ali, sim.

OH, genial!

Os corredores estavam vazios, o que não era surpreendente. Durante as aulas, as salas ficavam fechadas. Ninguém podia entrar ou sair sem uma exploração de digitais e permissão do Diretor.

—Não pertenço ao seu acampamento, sabem? —disse quando alcançamos as portas exteriores de vidros chumbados. Estavam protegidos contra o sol, assim não podia ver o estacionamento.

—Possivelmente sim, possivelmente não. Logo averiguaremos. —Imediatamente, me agarrou pelo braço e me fez girar.

Não tive tempo para protestar, amaldiçoar ou lutar.

Empurraram um saco sobre minha cabeça e o mundo ao redor se tornou negro. Estava tão assustada que passou um momento antes que compreendesse o que aconteceu. Então meu coração saltou um batimento ao me dar conta do que acontecia e a fúria e o medo me inundaram.

—O que está fazendo? Deixe-me ir!

—Não se preocupe. —disse o homem. — É para seu próprio bem.

Lutei contra seu agarre.

—Me deixe ir!

—Se acalme. Tudo terminará logo, Phoenix.

Fiquei quieta, engolindo em seco. Entrando em pânico. O que acabaria logo? Minha vida? Deus querido! O que minha mãe me fez?

CAPÍTULO 4

Tudo terminará logo… tentei arrancar o capuz da minha cabeça, mas afastaram minhas mãos com um tapa. Explodi de novo, dando chutes e murros com todas as minhas forças, golpeando às cegas, acertando às vezes meu objetivo.

Ele grunhiu.

De maneira nenhuma ia permitir que me tratassem desta forma. De maneira nenhuma ia ser levada aonde? Para a frente de um pelotão de fuzilamento? Para um quarto cheio de gente que queria que quebrasse o pote? Tudo para me castigar por um crime que não cometi!

—Não fiz nada errado! —Grunhi. — Maldito seja! Pela primeira vez fiz o certo. Não mereço isto.

—Fique quieta e calada, Phoenix. —O homem ofegava enquanto tentava me submeter, mas sua voz soou surpreendentemente tranquila.

—Já disse duas vezes. Deixe-me ir!

—A amordaçarei se tiver que fazê-lo. —disse ele. Imediatamente, meus braços foram atados atrás das costas, impedindo que os levantasse. Algemas-laser grudaram na minha pele, e me cortariam até o osso se tentasse puxá-las.

Apertei os dentes enquanto continuava chutando. Inclusive tentei golpeá-lo com a parte traseira da minha cabeça, mas jamais acertei o alvo. O homem — precisava dar um nome — se esquivava dos meus membros com facilidade.

Finalmente me agarrou e jogou sobre seu ombro. O aroma de pinheiro e… rosas encheu meu nariz.

Um aroma estranho para um homem, sobretudo um homem duro e forte como este. Rosas. O chamaria de Rosas.

—Os outros não agiram desta forma. — disse Rosas.

—Ela vai ser um problema. —respondeu uma doce voz feminina.

—Os bons sempre são. —respondeu ele.

—Já que diz, não fiz nada errado. Não mereço isto.

Rosas riu entre dente, uma risada profunda e rica.

—Tem razão. Não merece isso, mas tentar com suficiente força e se aplicar nisso, simplesmente poderá fazê-lo.

Confusa por suas palavras, fiz uma pausa. Então, de repente, o ar quente beijou meus braços e meu estômago exposto. Estávamos do lado de fora, compreendi. Podia ouvir os carros passando zumbindo por uma estrada próxima. Queria ver, mas não podia distinguir nada com o capuz negro.

—Onde estão me levando? —Direto ao acampamento? Provavelmente. Não iam deixar que eu recolhesse minhas coisas, nem minhas fotografias holográficas. Cortariam todos e tudo o que eu conhecia e gostava.

—A levamos para um mundo completamente novo, querida. Simplesmente se recoste e desfrute do passeio — disse Voz Doce.

—Desfrutar? Desfrutar! Pode enfiar seu "desfruta" exatamente no c… —Minhas palavras foram detidas bruscamente quando fui jogada sobre um duro assento sem acolchoar. Uma porta fechou de repente, e logo só houve silêncio. Retorci-me, tentado tirar o capuz sem mover os braços e as sensíveis algemas-laser.

—Isso não vai adiantar. —disse alguém. Uma nova voz. Uma quase ronronada voz de menina. — O capuz está grudado na sua roupa como as algemas-laser estão grudadas na sua pele.

Congelei e tentei forçar a vista para transpassar as fibras negras do capuz e ver algo. Qualquer coisa. De novo, só me saudou a escuridão.

—Quem é?

—Uma recruta, como você. — respondeu ela, e havia uma mistura de felicidade e frustração em seu tom. — Me chamo Kitten.

Kitten também estava encapuzada? Perguntei e ela me respondeu com um zangado sim. Saber disso me tranquilizou por alguma razão, possivelmente porque não estava sozinha nisto. De todo modo, lamentava não poder ver quem me levava.

—Por que enfaixaram nossos olhos?

Uma pausa. Um rangido de roupa, como se encolhesse os ombros.

—Se formos aceitas, seremos enviadas para casa. Desta forma, não saberemos onde fica o acampamento.

—Aceitas?

—Sim. No programa.

—Ainda estou perdida. —disse. — Por que temos que ser aceitas?

—Só os mais fortes sobrevivem a toda essa merda.

Genial. Imagens minhas, presa num quarto com outros garotos —delinquentes— obrigados a lutar até a morte encheram minha cabeça. Embora, de bom grado, estaria disposta a tomar uma surra se isso significasse ser considerada fraca e enviada para casa.

—Como se chama, garota nova? —exigiu a voz ronronante.

—Phoenix.

—Espere. —disse uma desconhecida voz masculina.—A chamaram como o pássaro mítico?

Minha cabeça girou à esquerda, em direção à nova voz. Um rapaz.

—Quem é você? E quantos garotos mais há aqui?

—Sou Bradley, e já estamos todos aqui. Só três. Um ménage. —respondeu felizmente.

O carro se pôs em movimento de repente, me jogando adiante e fazendo minhas algemas se apertarem. Fazendo uma careta, me endireitei.

—Bradie, rapaz, ninguém quer te ouvir falando. —disse Kittie com sua áspera voz.

—Como se isso me detivesse alguma vez. Não posso acreditar que temos um pássaro e um gato no carro. —Bradley riu entre dentes. — Suponho que isso me torna o domador. Genial.

—Sou uma Teran —disse Kittie com dureza—, não um gato. E se te ouvir me chamar de gato outra vez, tirarei seus olhos com um arranhão. Entendeu?

—Oh, entendo. Embora não acredite que queira que entenda que o que acontece é que não pode esperar para pôr suas mãos em cima de mim.

Ela gemeu.

Ele riu, mas havia um rastro de nervosismo no som.

—Assim… o que sabe dos Terans, passarinho?

—Não me chame assim —espetei.

—Tenho que me distrair de algum modo. —resmungou ele.

Ele tinha razão. Tínhamos que nos distrair para não pensar nas probabilidades. De outra forma começaria a gritar.

—Sei que alguns Terans são coberto de pelos. —disse, respondendo sua pergunta.—E que outros simplesmente tem pupilas raiadas e orelhas bicudas.

—Alguma vez viu realmente algum? —perguntou ele.

—Sim.

—Alguma vez os viu atacando um humano?

—Não.

—Já basta! —gritou Kittie, com uma sacudida de cabeça. — Soa como alguém que tem fobia de aliens.

Eu — temendo os alienígenas?

—Não tenho. —disse com convencimento. Não tinha nenhum problema com os outros-mundos que viviam entre nós. Ou com a maioria. Só os Sybilins, e queria vê-los mortos.

—Se uma garota for quente —disse Bradley, e estava segura que em seus olhos brilhava a luxúria —, não me importa que raça seja.

—Já imaginava isso de você. —respondi secamente.

—Aposto o que for que já deseja um pedaço de mim também.

Kittie e Bradley continuaram discutindo, me ignorando. Apoiei-me contra o encosto do meu assento e soltei um suspiro. O ar dentro do meu capuz era surpreendentemente fresco e limpo, como se houvessem bolsas de ar costuradas no material.

—O que sabem desse tipo de acampamento de treinamento? — perguntei, interrompendo sua acalorada conversa.

—E agora porque tinha que falar disso? —perguntou Bradley com um gemido. — Estava fazendo um bom trabalho me esquecendo de onde estava e para onde ia.

—Não sei muito. —admitiu Kittie. — O que sei, sei porque minha irmã se graduou faz vários anos. Bem, a cada três meses um grupo de juízes — suponho que poderiam se chamar assim — escolhem alguns estudantes e basicamente os põe a prova. Metade é enviada de volta para casa em poucas semanas.

Primeiro. Prova para reabilitação de drogas? Era uma loucura. Segundo. Metade era enviada de volta para casa? Possivelmente eu fosse uma nessa afortunada metade.

—O que fizeram para que os enviassem aqui? —perguntou Kittie.

Outro rangido de roupa.

—Não fiz nada. —disse Bradley. — Um dia estava jogando futebol virtual com um grupo de Arcadians, e no seguinte me enfaixaram os olhos e empurraram num carro com duas gostosas.

Girei os olhos. O fato que não fosse pego consumindo drogas me surpreendeu. Não era esse um campo para drogados?

—Estou aqui porque golpeei até fazer picadinho um Ell Rollis. —disse Kittie.—E estou a ponto de fazer picadinho a um menino humano.

—Venha, vamos, se atreva! —disse Bradley.

Ell Rollis… folheei meus arquivos mentais, mas não pude imaginar o que eram. Sentindo minha confusão, Kittie disse:

—São enormes. Como dois homens musculosos fundidos juntos, inclusive as fêmeas parecem assim. E não têm nariz. Acredito que respiram pelos ouvidos ou algo assim. —ronronou baixo, como se adorasse suas palavras. —Dar uma surra num Ell Rollis a converte numa extraordinária chutadora de traseiros.

Para ganhar de uma criatura assim, Kittie devia ser gigantesca, mas os Terans que vi eram ágeis, pequenos e cheios de graça. Assim que… esse acampamento era para lutadores —e no caso de Bradley para pervertidos—, assim como para drogados. Não querendo admitir onde me encaixava nessa equação, mantive a boca fechada sobre meus crimes.

Bradley soltou uma risadinha e disse:

—Teria ficado encantado em ver essa briga. Por certo que não houve puxões de cabelo nem dentadas. —Ele fez uma pausa.—Espera, apaga isso. Dentadas estariam bem.

Só conhecia o menino há uns minutos, mas era o tipo de comentário que esperava dele.

—Pergunto-me o que nos farão. —disse. — Os caras do acampamento, quero dizer. Não os Ell Rollis.

—Quem sabe? —Kittie se moveu em seu assento. — Provavelmente umas poucas aulas de tolerância ou controle da ira. Já sabe, esse tipo de merda. Minha irmã nunca me falou dessa parte. Disse que a fizeram jurar que guardaria o segredo.

Eu já aguentei suficientes aulas desse tipo na reabilitação. Conte-nos seus sentimentos, Phoenix. Visualize um prado de felicidade, Phoenix. Inspire e expire profundamente, deixe sair toda a energia negativa, Phoenix. Que pesadelo! Grande perda de tempo!

Nada era mais aborrecido que isso.

O carro virou de repente e me jogou à esquerda. Não pude me agarrar a nada, já que minhas mãos estavam presas nas costas, e terminei deslizando sobre um corpo quente.

—OH sim. —disse Bradley. — Adoro, eu adoro. Sinta-se livre para ficar bem aí.

Quando ele não tentou apalpar meus seios, soube além de toda dúvida que estava preso como eu e que este par não estava mentindo. Endireitei-me murmurando.

—Pervertido.

—Não tenho como ser melhor.

—Algum dia uma garota cortará sua língua —disse Kittie.

—Se fizer com os dentes, estarei completamente de acordo com isso.

Contive uma gargalhada.

Depois disso, o tempo passou em silêncio durante muito tempo. Sem distrações, minha mente vagou. O que estaria fazendo minha mãe agora? Alguma vez veria minha casa de novo? Já sentia uma onda de saudade.

Finalmente Kittie suspirou.

—Isto é uma merda.

Sim, era. Esperar… Não saber... Minutos mais tarde, o caminho ficou acidentado, fazendo que eu saltasse para cima e para baixo.

—Onde infernos estamos?

—No pátio do diabo, suponho. —disse Kittie.—Embora tenha passado todo o ano passado nessa área, esta deve ser outra seção.

—Diria que estamos no céu. —soltou Bradley com uma risada, embora de novo houvesse um rastro de nervosismo em seu tom.—Por certo é um acampamento misto e na vida não há nada melhor que isso.

—Deus me livre dos pervertidos. —disse, tentando ocultar a diversão em minha voz.

Bradley simplesmente riu outra vez.

—Não precisa de Deus desta vez. —respondeu Kittie.—Será um prazer para mim te livrar do pequeno Bradie.

Bradley limpou a garganta.

—Na verdade espero com muita ansiedade sua tentativa, Gata.

Kittie gemeu de novo.

—O avisei. Não saberá quando nem onde, mas pagará isso.

—Gata, gata, gata.

Apertei os lábios para sufocar uma risadinha. Graças a Deus que não me meteram neste carro sozinha. Estes dois brigando me salvava de uma inexprimível preocupação.

Infelizmente, um giro abrupto, vários golpes e uma brusca parada mais tarde, chegamos ao nosso destino. Meu estômago apertou e perdi qualquer pingo de diversão, incapaz de colocar de lado minha preocupação por mais tempo.

—Já chegamos. —disse Kittie, parecendo nervosa.

—Sim. —disse Bradley com voz quebrada.

De novo ficamos calados, desta vez num silêncio carregado de forte tensão. Meus nervos faiscaram, um pouco descontrolados. O que aconteceria agora?

Ouviu-se o som de uma porta deslizando, depois passos. Depois… nada. Espere. O rangido do vento, o balanço das árvores. O gorjeio dos insetos. Minhas mãos começaram a suar. Queria que tirassem o capuz e as algemas-laser já! Este sentimento de impotência e vulnerabilidade era quase tão terrível como ser arrancada de casa, da única vida que conhecia.

—Bem, vocês três. —disse Rosas, e acredito que esfregou as mãos de prazer. — É hora de começar o espetáculo.

—E aí, vai nos fazer cantar e dançar? —exigiu Kittie.

—Se fizer as garotas dançarem —disse Bradley—, posso tirar o capuz e olhar?

—Não somos macacos de feira. —resmunguei.

Rosas riu com genuína diversão.

—Será o que eu disser que seja.

—Veremos. —eu disse.—Possivelmente seja você a dançar.

—Um problema. —disse Voz Doce.—Disse que ela seria um problema. Já responde com insolência.

Rosas continuou:

—Isto é o que vai acontecer, garotos. Serão levados para dentro um por um e conduzidos a um quarto onde serão entrevistados. Respondam todas as perguntas com sinceridade.

Arqueei as sobrancelhas. Não que alguém pudesse ver minha expressão.

—E se não o fizermos?

Uma pausa e depois…

—Responderá com sinceridade —disse ele com uma borda sinistra — porque não gostará do que acontecerá se ficar calada. E antes que pergunte como saberemos, direi a resposta. Sabemos tudo.

Meu estômago encolheu em milhares de nós diminutos e dolorosos.

—Por que perguntam, então? —Não queria ficar aqui, fazendo joguinhos secretos e respondendo perguntas sobre minha vida. E seriam sobre minha vida, minhas escolhas. Sabia. Sempre eram.

—Já que está tão impaciente para falar —disse Rosas—, pode ser a primeira, Phoenix. O resto de vocês esperam aqui. Nem tentem abandonar o veículo. Já coloquei guardas nas portas.

Alguém estirou o braço dentro e me agarrou pelo braço. Tiraram-me arrastada do carro e me puseram de pé. Minhas botas afundaram em algo suave. Mato, provavelmente. A escuridão do capuz me desorientou, e balancei.

—Tirem a amarra dos olhos, pelo menos.

—A usará até que mereça que tiremos isso — respondeu Rosas. — Senão, precisaria te deixar cega de outra maneira. —Seu tom duro sugeria que simplesmente se adiantaria e me arrancaria os olhos.

—O capuz está bem. —Logicamente, sabia que ele não me faria mal. Ou pelo menos esperava que não me fizesse mal. O acampamento não permitiria que seus orientadores ferissem os garotos sob sua responsabilidade, verdade?

Apesar disso, esse conhecimento não pôs fim ao meu medo. Não podia ver sua expressão, não o conhecia e não sabia do que era capaz… nem sequer sabia se lhe importava cumprir a lei.

Inclusive não estava certa cem por cento de que tipo de acampamento era, apesar — ou talvez pela—explicação de Kittie. Este acampamento não parecia com nenhum outro que conheci. Tudo isto de capuzes, algemas-laser e secretismo, estava fora do limite da minha experiência.

Rosas me introduziu no interior de um edifício. Soube no momento que entrei porque o ambiente era diferente. De repente não havia brisa. Só um aroma de ar esterilizado, como se usassem algum tipo de produto de limpeza que bloqueava qualquer rastro de fragrância.

Giramos uma vez, duas vezes, descemos por um longo vestíbulo, supus. Não escutei outros passos, nem ouvi outras vozes.

—Nervosa? —perguntou-me Rosas.

—Não. —respondi com um falso alarde.

Ele estalou a língua.

—Mentindo já. Avisei a você sobre isso.

—O que vai fazer? Expulsar-me? —Sim, por favor, e rapidinho.

—É isso que quer? Que a expulsem? —Estalou outra vez. — Esperava mais de você, Phoenix.

Então, era o primeiro a esperar algo bom de mim.

—E eu esperava terminar o dia na escola, ir para casa, fazer os deveres e tirar uma soneca na minha própria cama.

—Isso é muito triste. Deveria esperar muito mais de você.

—E decepcionar tanto a mim como minha mãe? Não, obrigada.

Ele não disse nada mais e segundos mais tarde parou. Liberou meu braço, só para me agarrar pelos ombros e me dirigir alguns centímetros mais ao lado.

—Sente. —disse.

Algo duro se chocou com a parte de trás dos meus joelhos. Uma cadeira, esperava. Sentei, esperando que ele afastasse o assento em algum momento e risse. Não o fez, e consegui sentar comodamente nela.

Meus ouvidos se aguçaram quando escutei alguém suspirar e deduzi que o autor estava a uns poucos metros de distância. Houve um embaralhar de papéis e um rangido de roupa de couro.

—Bem-vinda, senhorita Germaine. —disse uma profunda e horripilante voz.—Me alegro que tenha vindo. E agora, por que não começamos, hum!?

—Começamos com o que? —perguntei, mesmo que Rosas já me dissesse que seria entrevistada. Estava nervosa e tentava ganhar tempo.

Ele me respondeu de todos os modos.

—Pode ser em decidir se vive ou morre.

CAPÍTULO 5

—Diga seu nome. —disse o homem só dois segundos depois de ameaçar minha vida.

Não respondi. Não podia. Tinha um nó do tamanho de New Chicago na garganta. Isto não ia bem. Não deveriam permitir que essas pessoas me ameaçassem assim.

Não queria ficar aqui. Queria ir para casa. Para que? Para uma mãe que lavou as mãos de você? Sim, boa sorte com isso. Embora fosse melhor que isto.

—Diga seu nome. —insistiu ele.

De novo, permaneci calada. De repente me encontrei sentindo falta do meu pai. Por que não podia ser uma dessas garotas com um pai que corria em sua defesa? Um pai que derrubava portas e violava a lei para salvar seu pequeno anjo? Em vez disso não tinha ninguém que me resgatasse.

Estava sozinha.

—Diga. Seu. Nome.

Havia uma ordem tão inflexível em sua voz que meus lábios se abriram e as palavras saíram em turba antes que pudesse me deter… embora ainda assim não obedeci.

—Isto é estúpido. Você já sabe.

—É sua última chance. Diga seu nome. —Ou sofra as consequências pareceu flutuar no ar.

—Phoenix Ann Germaine. —Simplesmente termine com isto, pensei. Responda suas perguntas e que tirem este capuz. Vá para casa. Não gostava desta gente me olhando, julgando, especialmente quando ignorava quantos haviam ou como me olhavam… ou o que faziam.

Cada um deles podia ter uma arma me apontando, o dedo preparado no gatilho. Com aquele pensamento, o suor umedeceu minha pele. Um suor frio que de algum modo esquentou meu sangue. O fôlego em meus pulmões se fragmentou, fazendo difícil eu me concentrar.

—Tem dezessete anos? —perguntou uma ofegante voz feminina.

—Sim. — Quase dezoito, estive a ponto de acrescentar, mas não quis prolongar a conversa. Agora sabia que haviam pelo menos três pessoas no quarto comigo. Voz Profunda, Rosas e a mulher. Não daria nada além do que perguntassem. Não cooperaria.

—É viciada em Onadyn. —disse outra voz, esta masculina. — Verdade?

Aquilo faziam quatro pessoas. Todo o quarto ficou em silêncio. Nem um rangido de roupa ou papel se escutava. Podia sentir seus olhos me queimando, esperando minha resposta.

Apertei a mandíbula.

—Ex-viciada. —grunhi.

Uma cadeira rangeu. Murmúrios.

—Por que está sequer aqui? —disse o mesmo homem que me perguntou se era uma viciada. — Isto é ridículo. Um drogado é sempre um drogado.

Passou um minuto; esforcei-me para escutar, mas jamais deram uma resposta.

—Ainda usa, Phoenix? —perguntou uma dura voz feminina.

Se respondesse que sim, seria enviada para casa ou me obrigariam a ficar? Passaram vários minutos enquanto considerava minha resposta. Afinal, optei pela verdade.

—Não. —disse. — Sou ex-viciada.

Pausa. Depois.

—Quando foi sua última dose?

—Faz uns meses. —respondi, de novo optando pela honestidade.

—Por que deveríamos acreditar em você?

A surpresa me golpeou, potente e forte. Ryan estava aqui. Reconheceria aquele tom rasgado em qualquer lugar. Ele não pareceu insultante ou zombador. Não, parecia espectador. Por que?

E o que fazia aqui? Era um orientador do acampamento?

—Responde a pergunta. —ordenou Voz Profunda e eu encolhi os ombros.

—Minha própria mãe não confia em mim, assim por que alguém mais o faria?

Não só consumi drogas, mas também dormi por aí, menti e roubei. Não era nada assombroso que mamãe não acreditasse em mim, pensei amargamente. Eu fui um pesadelo.

Possivelmente, em realidade, merecesse estar aqui.

Agora é diferente. Não esqueça.

—Eu gostaria de saber mais de sua mãe. A odeia por não confiar em você? A culpa? —perguntou outra mulher.

Sacudi a cabeça.

—Não. Não a odeio nem a culpo. —Ela cuidou de mim enquanto se sentiu capaz. Eu era má, não podia negar. Mas não perguntaram por que, assim não ia falar.

—Está zangada com ela?

Fiz uma pausa, logo respondi com franqueza.

—Sim.

—Por que?

—Porque sim. —disse.

—Porque porque sim? —insistiu Voz Profunda.

—Porque deveria me amar o suficiente para ficar comigo. Porque deveria me amar o suficiente para tentar de novo. Porque sou uma idiota. É isso o que queria ouvir?

Alguém riu entre dentes. Ryan, acredito, porque o som dessa risada me esquentou.

De todo modo, passei a língua pelos dentes. Não queria diverti-los. Queria que me expulsassem. Embora… mais que ir, me encontrei querendo saber o que Ryan fazia aqui. Se não era um orientador, o enviaram ao acampamento depois daquela briga? E se era assim, por que permitia que ficasse durante meu interrogatório?

—Como se sente a respeito dos outros-mundos, Phoenix? —perguntou Voz Profunda.

Lidei com a mudança de assunto com facilidade.

—Quais?

—Todos eles. —foi a lacônica resposta.

—Catalogar todas as espécies numa categoria é como catalogar todos os humanos numa mesma categoria. Alguns são diferentes. Tomemos como exemplo este grupo. Cada um de vocês é um bastardo, mas isso não quer dizer que os dois garotos do carro sejam bastardos também.

Uma garota inspirou profundamente. Um tipo limpou a garganta.

—Quero-a fora. —resmungou alguém.—Terminar com a entrevista é insubstancial.

—Se a deixarmos entrar e outros começarem a agir como ela…

Se meus pulsos estivessem livres, teria me jogado sobre quem falou. Algo nela me incomodava. Era como se se sentisse superior.

—Assim, quantas pessoas estão aqui? —perguntei.

—Um bom agente pode calcular isso sem necessidade de usar seus olhos. —disse uma garota. Allison Stone, compreendi com outra dose de surpresa.

Outra dose de choque.

Ela também estava aqui? OH, isto estava ficando quente! E o que queria dizer com "agente"?

—Por que não me deixam vê-los?

—Nós fazemos as perguntas. —espetou Allison.

—Muito bem, então decidirei se quero responder. —Rebati no mesmo tom de superioridade que ela usou.

—Isso é música para meus ouvidos, drogada.

—Allison. —disse Voz Profunda.—Feche a boca ou saia. Deixei você ficar porque está a ponto de terminar sua carreira e um dia ajudará a controlar este acampamento. Não me faça lamentar minha decisão.

Ela ajudaria a controlá-lo?

—Isto é brincadeira, verdade? Todos vocês são atores tentando voltar a lançar aquele show de brincadeiras pesadas.

Ninguém respondeu.

—Ela tem um sério problema de atitude. —escutei.

Outra vez os resmungos. Revirei os olhos. Não que pudessem ver.

—Será muito difícil de controlar. —ofereceu alguém mais.

—Sim, mas tem entusiasmo. —Isto veio de Ryan. — Não tinha nenhum treinamento. Bebeu nessa noite, mas ainda assim lutou contra os Sybilins como um agente bem treinado. Se ela não estivesse lá, nós poderíamos ter perdido.

Agente… era a segunda vez que mencionavam. Que tipo de agente?

—Terá que encarar seu problema do vício.

—E isso será um problema. Um grande.

Falavam tão depressa e tão baixinho que tinha problemas para distinguir quem dizia o que. Ainda assim, assinalei:

—Nenhum problema absolutamente já que é um ex-problema de drogas. E se algum de vocês disser à minha mãe que fumei Onadyn naquela noite no bosque, o matarei.

—Pelo menos é violenta e sanguinária; darei meu voto por isso. —disse aquela cortada voz feminina e pareceu feliz com sua declaração.

Queriam que fosse violenta e sanguinária? Sério, que diabos era este lugar?

—Sempre escolhe os violentos, Mia. —disse Voz Profunda.—Embora não estou seguro que esta mereça o esforço.

Bastardo.

—Quem são vocês? —Exigi. Puxei o laser que atava meus pulsos, tentando me libertar de algum modo para poder tirar o capuz. Mas me machuquei e fiquei quieta. Já sentia a pele irritada e em carne viva. Um pouco mais poderia perder uma mão.

Não obrigada.

—Temos algumas perguntas mais para você, garota, e depois possivelmente vai descobrir. —respondeu Rosas.

Minha mãe frequentemente me chamava "garota" e isso sempre me incomodava. Ryan também me chamou assim. Quis chamar esse cara de "velho", mas não me atrevi. Pelo que sabia, podia ter uma arma apontando para minha têmpora como temi no começo. Ou possivelmente uma afiada faca sobre minha cabeça, preparada para deixá-la cair a qualquer momento.

—Se ela falhar, a expulse. —disse Mia.—Quero que pelo menos tenha uma oportunidade.

—Li seu arquivo, e está escrito "problemas" por toda parte. —disse Voz doce, a mulher que ajudou a me trazer aqui. Só que já não parecia doce. Parecia irritada. — Não quero confusões com ela. Os novos recrutas são sempre um desafio, mas ela está desesperada.

Aquilo doeu. Não conhecia a mulher, mas suas palavras me fizeram mal. Inspirei uma baforada de ar, desejando de novo poder ver através das fibras do capuz. Como estava, nem sequer podia ver um raio de luz.

—Poderia matar?

Silêncio.

—Phoenix, poderia matar alguém? —perguntou a que se chamava Mia.

—O que, agora se dirige à garota desesperada?

—Sim. —respondeu ela sem remorsos.

—Não sei. —respondi com sinceridade. A parte lógica do meu cérebro dizia que ninguém em sã consciência ia querer que uma garota admitisse ter tendências violentas. No mundo real, só conseguiria que a metessem no isolamento ou no calabouço. Embora depois do comentário "violenta e sanguinária"…

Nessa noite no bosque, poderia ter matado. Quis matar. Os Sybilins eram maus, vis, destrutivos. Não deveriam permitir que vivessem ou fariam mal a mais pessoas. Mas, seria capaz de matar alguém ou "algo" mais? Uma criatura viva?

—Com ou sem provocação? —perguntei.

—Das duas maneiras.

Suspirei.

—Talvez. Provavelmente.

Uma pausa.

—Tem medo da dor?

—O que você acha? —Respondi secamente.

Ouvi o rangido de papel e a mudança de postura de um corpo.

—Vejamos. —Voz Profunda fez uma pausa.—No décimo grau, brigou com uma fêmea humana que tinha o dobro do seu peso. Precisou de dezesseis pontos no pescoço.

—E daí?

—A maioria das pessoas que tem tanto medo da dor não teriam desafiado — ou aceitado o desafio — de alguém maior que eles.

—Ela me esfaqueou. —disse, recordando desse dia. Estava a caminho da aula, cuidando dos meus assuntos, quando uma garota com quem nunca falei estendeu a mão e cortou meu pescoço com uma faca de cozinha de plástico que tinha afiado.

—Ele é meu. —gritou.

Ao que parece, ela foi atrás do menino com quem eu consumi na noite anterior. Os rumores tinham exagerado e se converteram em que tivemos sexo e ela teve um pequeno ataque de loucura. No momento que compreendi o que me fez, saltei sobre ela e a ataquei com todas as minhas forças, indiferente ao seu tamanho ou minha falta dele. Só tinha um pensamento: detê-la.

Inteirei-me mais tarde que esteve mirando meu rosto, querendo me marcar com uma cicatriz.

Eu tinha uma cicatriz, mas esta se esticava ao lado esquerdo do meu pescoço e a cobria com o cabelo.

—No décimo primeiro grau, quebrou três ossos do pulso. —continuou Voz Profunda.

—Sim. E daí?

—Outra vez com e daí. —resmungou Rosas. — Explique como aconteceu.

Meus dedos começavam a inchar pela falta de movimento, assim os dobrei enquanto falava.

—Foi em uma briga. Outra vez.

—Por?

—Uma garota nova na escola chamou minha amiga de puta. Reagi. Foi uma idiotice. —acrescentei. Mas não pensei isso então. Estava drogada e me sentia furiosa por tudo e com todos. Atacar a qualquer um por qualquer ridícula razão.

—Alguma outra pergunta para esta garota? —perguntou Voz Profunda.

Sabia que não se dirigia a mim.

Escutei pés arrastando e chiar de rodas. Podia imaginar estas pessoas —ou seja quantos haviam ali— se agrupando e… sim, sussurrando. Ouvi os murmúrios frenéticos de suas vozes. Sabia que falavam de mim, das minhas respostas.

—Não acredito que seja necessário nenhuma mais. —disse Rosas em caráter definitivo.

Inclusive embora me esticasse, não pude distinguir a resposta de ninguém. Passaram vários minutos e a ronda de sussurros ficou mais acalorada. O que diziam? Que me expulsavam e enviavam para casa?

Por favor, por favor, por favor.

—Tenho uma pergunta. —disse Allison em voz alta. Suas palavras se repetiram pelas paredes e em meus ouvidos.

—Ouçamos. —disse Voz Profunda.

—Na realidade não é uma pergunta, mas uma situação. Gostaria de saber o que faria nela.

—Ouçamos. —disse, imitando o tom de autoridade que usou Voz Profunda.

Ryan riu entre dentes de novo e de novo senti calor.

—Está num beco escuro. —disse Allison rigidamente. — Está sozinha e não tem nenhuma arma. Um grupo de outros-mundos tropeça com você e obviamente querem derramar seu sangue sobre o concreto do chão. O que você faz?

Todos ficaram quietos e o ar ficou pesado pela tensão.

—Por que não tenho armas? —perguntei somente para me fazer de difícil. Ela estava tentando estender uma armadilha, sabia. Devia ter uma resposta correta e outra incorreta e todos esperavam saber qual eu daria.

Enquanto uma pequena parte de mim queria dar a resposta incorreta e assim (esperava) ser enviada para casa, outra grande parte queria dar a resposta certa e descê-la de seu pedestal.

—Simplesmente não as tem!

—Nem sequer um pente de cabelo?

—Não. —ladrou ela.

Mais risadinhas e não somente de Ryan.

—E uma pedra no chão? —perguntei.

—Não! Nada. Só você e os homens.

—Estão armados?

—Sim!

—São altos ou baixos?

—Altos! E pare de tentar ganhar tempo. O que faria?

—Olha, não tento ganhar tempo. —Já não. Acreditava saber a resposta correta: Não havia uma maneira no inferno que fosse pega num beco escuro sem armas. Mas não disse isso.

—Só tentava fazer uma imagem clara da situação. Quanto ao que faria… bom, sei o que não faria. Não brigaria com eles ao saber que são homens altos, e que provavelmente poderiam me golpear até converter meus ossos em pó.

Quando não continuei, Voz Profunda me incitou.

—E o que faria você?

Encolhi os ombros.

—Memorizaria seu aspecto físico, se possível. Possivelmente arrancaria algo deles, um pedaço de roupa ou uma carteira, para que pudessem ser rastreados mais tarde e correria como o inferno.

Covarde da minha parte? Possivelmente. Mas sobreviveria um pouco mais, o que é mais importante que parecer valente.

Allison soprou. Suponho que era a resposta que esperava ouvir.

—Fumaria Neve de Anjo enquanto isso?

Antes que pudesse responder, Mia disse:

—Eu a quero. É exatamente o que este lugar precisa. Lógica, apaixonada, decidida. E como comentei, podem expulsá-la se não funcionar.

Voz Profunda suspirou.

—Sabia que diria isso. Mas tenho que estar de acordo com os outros. A droga… se provocar que algum dos outros se torne viciado…

Voz doce assinalou:

—Este é um programa exaustivo e um viciado quase sempre cai diante da tensão.

—Quantas vezes tenho que dizer? A manteremos sob controle. A cada dia, se for necessário. Até que ela falhe, lhe daremos uma oportunidade. Gente com paixão não encontramos frequentemente, e quantos de vocês podem presumir ter levado uma vida perfeita?

—Mia…

—Chefe, ela é o que este lugar precisa. Eu sei e você sabe. Tudo que quero é uma oportunidade para ela.

Silêncio. Imaginei-me afastando o olhar uns dos outros… porque não quero nem pensar como suas palavras me faziam sentir. Meio eufórica, meio arrasada.

—Bem, está decidido então. —disse Voz Profunda finalmente com um suspiro. —Ela fica.

Imediatamente, a venda dos meus olhos foi tirada. A luz perfurou meus olhos e tive que piscar contra o cegador resplendor. Várias mechas de cabelo loiro caíram sobre meu rosto e os afastei com um sopro.

Com um rápido puxão, minhas mãos ficaram livres e fui capaz de movê-las adiante e esfregar. A ação doeu, meus ombros gritaram em protesto e minhas mãos tremiam descontroladamente.

Embora não mostrasse nenhum pingo da minha dor. Não deixaria que estas pessoas vissem nenhum vislumbre de debilidade depois que despiram meu passado e fui massacrada por todos na sala. Só uma pessoa parecia me querer. Uma única vez antes me senti tão por baixo, quando fiquei sóbria e lembrei da forma que tratei minha mãe na escola.

Entretanto, o que mais odiava é que tinham razão. Poderia começar a consumir a qualquer momento. Sempre o fiz no passado. Gostava de pensar que resistiria custasse o que custasse, mas…

Por fim minha visão clareou e fui incapaz de controlar minha reação enquanto cada um deles entrava no meu foco. Ofeguei, a surpresa me golpeando.

Estava no centro de uma cela toda branca. Não havia nenhuma saída. Os abajures penduravam do teto, acesos, iluminando tudo. Uma mesa me rodeava, me envolvendo, exceto por um pequeno vão na porta. Em cada seção da mesa havia um humano. E haviam quinze deles.

Rosas estava ao meu lado. Ryan, que parecia tão sexy como lembrava, me olhava com severidade, determinação e… admiração? Tinha o cabelo revolto e seus brilhantes olhos azuis estavam emoldurados por longas pestanas negras.

Meu estômago se apertou ao vê-lo.

Allison, que parecia mais bonita do que nunca, estava sentada ao seu lado e me olhava com o cenho franzido. Ao seu lado havia um homem mais velho, com espesso cabelo prateado e pele ligeiramente bronzeada (e um pouco enrugada). Usava um par de óculos negros sobre seus olhos.

Do outro lado estava Voz Doce. Ela, também, parecia alterada.

Havia várias pessoas que não reconheci. Uma mulher com o longo cabelo negro e claros olhos azuis que pareciam quase púrpuras. Era bonita, como uma bailarina. Delicada. Uma mulher com cabelo castanho, olhos cor avelã e traços físicos perfeitos estava ao lado dela.

Jamais vi tal beleza na vida real.

O resto da audiência era compreendida por homens. Todos altos, musculosos e ferozes. Todos grosseiramente belos. Era como se cada um na cela cobrasse vida de uma foto holográfica. E todos e cada um deles me estudava como se quisessem me comer no almoço e cuspir meus ossos.

Um por um, disseram:

—Bem-vinda.

Só uns poucos pareceram felizes.

Óculos de sol estendeu os braços e sorriu.

—Todos dão boas-vindas ao acampamento de treinamento A.I.R, mas me permita que eu o faça também. Bem-vinda à sua nova casa, Phoenix. No momento, pelo menos.

CAPÍTULO 6

Não me deram tempo para reagir ou descobrir os nomes dos meus interrogadores. Imediatamente após emitir a misteriosa "boa-vinda", que não era realmente uma boa-vinda, Óculos de sol fez gestos para Rosas para que me levasse a outra cela toda branca, vazia e desprovida inclusive da mesa circular.

Rosas fez o que ordenaram: a parede abriu e me conduziu por um vestíbulo que levava a outra cela. Deixou-me ali sozinha, me prendendo sem uma palavra.

Fiquei ali de pé, a surpresa palpitando em meu interior. Como aconteceu isto?

Fui recrutada pela A.I.R. Investigação e Exterminação de Alienígenas. Eu. Phoenix Germaine. Uma bagunceira, uma ex-drogada e uma garota que não era desejada nem por seus próprios pais.

Eu, pensei outra vez. Isto era… era… não sabia o que era.

Os agentes da A.I.R. eram os melhores, a elite. Eram duros e respeitados, imortalizados nos filmes. E queriam que eu lutasse contra os criminosos extraterrestres, correndo através da noite e esquivando dos raios laser das armas?

Um pouco enjoada, me apoiei contra a acolchoada parede —acolchoada para os loucos?—, deslizei até o chão e deixei cair a cabeça entre minhas mãos. Inspirei e expirei profundamente. Minha mente se esgotava à velocidade do raio, numa espiral de pensamentos e confusão.

Realmente queria isto para mim?

Só tinha dezessete anos. Ainda não me graduei no instituto. Como podia ser uma agente? Essa devia ser uma das ocupações mais perigosas que existia. Olhe os Sybilins contra quem lutamos.

E se tropeçava com algo pior?

Era assim que queria passar o resto dos meus dias? Falando de tensões.

Na realidade, nunca considerei meu futuro. Com minhas notas, a universidade estava descartada. Com meu relatório, a maioria dos trabalhos também.

—Deus querido.

As perguntas durante a entrevista começaram por fim a fazer sentido. Podia matar? Podia lidar com a dor?

Os agentes da A.I.R. lutavam sem recuar, sem importar a escolha de armas, nem as feridas que fossem infringidas. Por isso eram considerados os melhores.

Inclusive o mais depravado dos predadores tremia ao vê-los.

O que diria minha mãe se soubesse onde estava e para o que fui recrutada? Saberia já?

Ela não disse nenhuma palavra sobre a A.I.R. Assumiria que isto era simplesmente um acampamento como me induziu a acreditar?

Uma parte de mim pensava que, se ela soubesse, por fim ficaria orgulhosa de sua menina, tentando fazer algo de bom no mundo. Outra parte… pois imaginava que se decepcionaria ao saber que sua filha supostamente estava aprendendo a matar criaturas como profissão.

Qual seria a hipótese correta? Simplesmente, não sabia.

Perdida em meus pensamentos como estava, não me inteirei que a parede se abriu e que alguém parou, me observando.

—Tudo isto é difícil de assimilar, sei —disse uma voz de repente.

Ofeguei e girei a cabeça de lado. Ryan se apoiava contra o umbral da entrada com o cenho franzido e os braços cruzados contra o peito.

—Sim — pude dizer, odiando como soei ofegante.

Deu um passo para mim, e a porta fechou atrás dele. Meu coração golpeou em meu peito enquanto levantava de um salto.

—O que faz aqui?

—Vim para ver como estava.

—Não muito bem.

Mais que o tom da minha voz, odiei o quente e duro que parecia, porque ele era maior que eu e provavelmente me via como nada mais que uma menina. Uma drogada e perdida menina pequena.

—Assim…

Cortou o resto da distância entre nós e meteu as mãos nos bolsos. Nossos olhares se encontraram e se sustentaram, seu azul contra o meu marrom, os seus de novo vazios de expressão. Que emoção mostrava eu? Confusão? Surpresa? Prazer porque veio me ver?

—O que acha? —perguntou.

Minha testa enrugou.

—Me ajude a entender. Exatamente sobre o que pede minha opinião? Sobre o que acho de você? Do acampamento? Da A.I.R.? Ou de toda essa situação de merda que é ser tirada da escola e posta aqui em segredo? Para não mencionar o fato que deixaram minha mãe pensar que me droguei naquela noite — acrescentei com a cólera fervendo meu sangue.

—Lamento isso. Não queria que acontecesse, mas então não conhecia seu passado. Não sabia que ela simplesmente assumiria…

Minhas bochechas arderam.

—Não podíamos dizer a verdade, Phoenix. O resto do mundo não pode saber que existem predadores alienígenas. Entrariam em pânico. Atacariam. Sem importar se assassinassem os outros-mundos inocentes. Nem sequer pode contar para sua mãe o que fazemos aqui. Muitos poucos sabem que este lugar existe. Ela acredita que a enviou a um lugar oculto para se desfazer das drogas.

—Sim? E onde os pais dos outros garotos acreditam que foram enviados?

—Programa para superdotados, pessoas com talento. O que for necessário à situação.

Que embaraçoso para mim! Eram dotados e talentosos; eu era a única perdedora.

—Alguém como eu foi admitida antes?

—Não. É a primeira. Quando Mia escutou falar de você, exigiu que a trouxessem —Ryan limpou a garganta. — Não temos muito tempo. Falemos da A.I.R.

Passou um minuto em silêncio, e usei esse tempo para pensar numa resposta engenhosa. Não me veio nenhuma à cabeça.

—Tenho tantas perguntas. Se eu ficar, onde viverei? O que exigirão de mim? Contra que aliens pedirão que lute? E terei que matá-los?

—Viverá aqui, com os outros recrutas. Exigirão que trabalhe muito, que demonstre lealdade e dedicação. Nada de drogas. E lutará… contra ninguém —disse ele e encolheu os ombros.—Pelo menos, ainda não.

Minha mandíbula se apertou contra o conciso “nada de drogas”, mas não disse nada. Levantei a mão e massageei a nuca.

—Não entendo. Sem brigas? Mas…

—Tem que aprender a lutar antes que seja enviada a campo aberto.

Ele apoiou o ombro contra a parede e peguei um pouco de seu aroma de bosque e sabão. Um aroma maravilhoso. O melhor que cheirei até agora. Melhor inclusive que Rosas.

—Então este lugar é um lugar de treinamento. —disse.—Como disse aquele cara.

Ryan assentiu com a cabeça.

—Ele jamais mentirá. Não importa o brutal e áspero que pareça, jamais mentirá.

—E quanto à escola? Quero terminar minha graduação.

Houve um tempo em que não teria me importado em terminá-la ou não. De fato, preferia não terminá-la. Mas foi numa época que só me importava minha próxima dose. Já não era essa garota, independentemente do que todos pensassem.

—Terminará a graduação, não se preocupe. Em alguns dias, se não amanhã, farão um teste de eficiência. Se passar, permitirão que se gradue no instituto logo. Se não, requererão que estude depois de suas aulas de combate, armamento e espécies de alienígenas.

Genial. Se falhasse na prova, minha carga de trabalho dobraria. Se decidisse ficar.

Os testes jamais foram meu ponto forte. Sinceramente, era uma merda com eles. Cinco minutos depois de dar a volta já não recordava as respostas que devia colocar.

—E se quiser ir para casa? —perguntei brandamente.

Seus lábios se elevaram num sorriso.

—Vamos lá, Phoenix. Por favor. Depois de ver o que os Sybilins fazem, nunca vai conseguir voltar para sua vida normal, sem fazer nada, sabendo que pode tornar o mundo lá fora um lugar mais seguro.

—Primeiro de tudo, não assuma que sabe o que posso ou não fazer.

—Não terminei.

Entrecerrando os olhos, agitei uma mão no ar numa ordem silenciosa para que continuasse e ele me deu uma batidinha com o dedo na ponta de meu nariz.

—Os Sybilins fazem algumas espécies de aliens parecer bichinhos domésticos. Acredite-me, há coisas muito piores rondando pelas ruas, espreitando nossas famílias.

—Então, por que não soube nada deles antes?

—Como disse, nos asseguramos que o público não saiba.

Não respondi. Não sabia o que responder. Algo a respeito que era uma ignorante?

—Me diga que não se importa que as espécies predadoras vigiem sua família. Diga-me que isso não te incomoda. Que será feliz não fazendo nada.

—Me escute bem. Farei o que for e lutarei contra tudo para manter minha mãe a salvo — inclusive embora ela me enviasse para cá e pensasse o pior de mim. Uma dor aguda e cheia de pesar me atravessou, mas a ignorei. Frágil como era, minha mãe não seria capaz de se defender contra essas criaturas predadoras. — Mas isso não significa que o faça aqui, que este seja o lugar para mim. Gosto da ideia, claro, mas simplesmente estou…

—Não deixe que o Chefe a ouça falando assim —saltou ele, me interrompendo. — Garotos de todo mundo matariam para estar em seu lugar e, tal e como estão as coisas, está num terreno escorregadio.

—Possivelmente sim, possivelmente não — passei a mão pelo rosto. — Se ficar, poderei ver meus amigos?

—Não.

Ele não vacilou, nem tentou mentir. Simplesmente Não.

Com um meio sorriso, me golpeou o ombro com o dele.

—Não é tão mau, prometo isso. Fará novos amigos.

Fazia parecer tão fácil! Não como a espantosa tarefa que com certeza seria. Aquela garota, Kitten, era agradável, mas não conhecia meu passado. Poderia começar a gritar no momento que o fizesse.

—Eu treinei aqui —disse Ryan, recuperando minha atenção. — E agora dou aulas.

Meus olhos se arregalaram.

—Que tipo?

—Combate corpo a corpo.

Uma vez mais ele estendeu a mão, mas desta vez pegou uma mecha de meu cabelo em vez de me dar um toque no nariz. Depois, pôs a mecha atrás da orelha. Embora, antes que a ação fosse completada, ficou rígido, deixou cair o braço, limpou a garganta e se afastou dois passos.

—Este não é um lugar tão mau como parece. Até poderia gostar.

O que foi isso? Por que se afastou? Totalmente insegura, olhei fixamente meus pés. Poeira e gotas de cerveja seca manchavam minhas botas.

—Eu… não sei —admiti.

—Me diga o que não sabe. Ajudarei você a averiguar.

Lamentei não poder fazer, mas minha mente ficou de repente em branco. Cega. Tantas emoções percorriam meu corpo que não podia nomear todas.

—Tem um lar para onde voltar, Phoenix? —perguntou Ryan, sem mostrar nenhuma piedade.

Mordi o lábio inferior. Minha mãe realmente lavou as mãos de mim; não podia retornar para ela. Nem sequer me disse adeus. Deus, como doía ainda! Inclusive meu pai, sendo o patético covarde que era, me disse isso.

Se voltasse, ela simplesmente me enviaria para outro acampamento. E no seguinte poderia ser mil vezes pior que este.

Aqui, pelo menos, aprenderia a lutar, defender a mim e ao mundo. Pode matar? Eu respondi que podia; sabia que podia, se fosse necessário. Mas não acreditava que estivesse preparada para fazê-lo. Não realmente. Estremeci ao pensar no que aquele primeiro golpe de morte seria. Mesmo assim…

—Ficarei — disse, meu tom quase inaudível.

Ficaria. Por agora. Se mais tarde decidisse partir o faria, e nada do que dissessem ou fizessem me deteria.

Devagar, Ryan sorriu amplamente.

—Me alegro.

Quando sorria assim, eu também me alegrava. Inspirei profundamente, me sentindo quente, enquanto subia um arrepio. De repente, precisava ser tocada. Beijada. Não entendi minha reação, então rapidamente mudei de assunto.

—Bom, hummm, quem eram essas pessoas? Por exemplo, a bailarina?

—Bailarina?

Ele se engasgou, seus olhos quase saindo das órbitas e golpeou o peito com o punho. Limpou a garganta.

—Quer dizer a riqueza de cabelos morenos e olhos violeta?

Assenti com a cabeça, sem gostar que chamasse a mulher de riqueza.

Seu sorriso ficou maior.

—É Mia Snow, que a defendeu. Não a irrite e não deixe que descubra que a chamou de bailarina. Aconteceu algo, não sei o que, que aliviou um pouco do ódio em seu interior, mas ainda é uma das pessoas mais ferozes e temperamentais que conheço. Ela mata primeiro e pergunta depois.

E deixavam a mulher ao redor dos garotos? Fabuloso.

—A mulher de cabelo marrom e olhos avelã é Le'Ace —disse Ryan.

Ah, a que parecia perfeita. A que tinha traços tão deliciosos que facilmente poderia ser uma caríssima obra de arte andante.

—Ela é… não sei se existi uma palavra para descrever o que é — disse Ryan. — Foi modificada geneticamente e é mais forte, mais inteligente e mais rápida que ninguém jamais viu. É impassível e não desobedece ordens por nenhuma razão. Se disserem que destrua alguém, ela o destrói. Não importa a idade ou o sexo. Não importa o porquê. Simplesmente estão mortos.

—É humana?

—Não há ninguém o suficientemente valente para perguntar —respondeu ele com um sorriso.

Meus olhos se arregalaram de novo. Querido Deus! Isto só ia de mal a pior. Era com essas pessoas que eu ia aprender?

—E quanto ao homem que me fez todas aquelas perguntas? O de cabelo prateado e óculos de sol?

Um véu escuro desceu pelo rosto de Ryan, cortando todo sentimento de diversão. Mostrou-se tão impassível como assegurava que Le'Ace era.

—É o Chefe. Está aqui há muito tempo e ajudou a fundar a A.I.R. É o responsável por tudo e todos aqui, e fará o que ele mandar, quando mandar. Sem demora. As consequências por desobedecê-lo sempre são duras.

—E a ruiva com voz doce?

—É Siren.

Um nome perfeito, pensei. Tinha uma personalidade malvada, mas suspeitava que sua voz podia convencer as pessoas que fizesse tudo.

—É humana?

—Sim. Embora não se preocupe com ela, não a verá quase nunca. Ajuda a reunir os novos recrutas e logo desaparece por um tempo. Não sei aonde vai.

Antes que pudesse responder, a porta abriu e uma garota jovem foi introduzida no quarto por Rosas. Tinha o cabelo mais estranho que vi, com listras laranja e douradas e partes marrons e brancas. Seus olhos, dourados e de forma amendoada tinham a íris rajada e sua pele era de um bonito âmbar.

Rosas, de algum modo, parecia mais alto e musculoso que lembrava.

—Phoenix, apresento-lhe Kitten —disse ele.— Kitten, esta é Phoenix.

Os lábios de Kitten se enrugaram num sorriso de boas-vindas, e devolvi a saudação, já não me sentia tão sozinha. Ela não era a garota enorme e musculosa que previ. Na realidade, era delicada e serena como os outros Terans que conheci.

Como lutou esta criatura contra um Ell Rollis e ganhou?

—É agradável te ver —disse ela.

—Para mim também.

Por que foi escolhida uma aliem num acampamento que lutava contra aliens? Era estranho. Isso não significava que teria que matar os de sua própria espécie?

—Agora sei o nome de todo mundo menos o seu. —disse a Rosas.

—Sou Kadar —lançou um duro olhar para Ryan. — Vamos, menino. Seu pai quer que volte para a sala.

Seu pai?

Devo ter dito as palavras em voz alta porque Kadar disse:

—O Chefe. O Chefão, o peixe gordo.

Minha boca abriu, e dei uma olhada de maneira inquiridora para Ryan.

Ele não me olhou, apenas observava Kadar… que estava em processo de girar sobre seus calcanhares e se afastar rápido, completamente indiferente. Ryan o seguiu sem dizer nenhuma palavra. No momento que deixou o quarto, a porta deslizou brandamente até fechar.

Seu pai era o homem no comando. Não sabia o que pensar disso.

—Que diabos era isso de Q e A? —Exclamou Kitten no momento que ficamos sozinhas.— Merda! Fizeram-me mais perguntas que nunca. Que-nun-ca. Minha irmã me disse que me entrevistariam, mas não mencionou que me interrogariam de todos os meios possíveis. Conheciam todos os erros que cometi alguma vez.

—Os meus também.

Graças a Deus, não me perguntou quais eram. Expliquei o que Ryan me disse e os olhos de Kitten —aqueles encantadores olhos de gato— se arregalaram ainda mais. Realmente, ronronou.

—Quanto tempo acha que teremos que ficar neste quarto? —perguntou, esfregando as mãos. — Estou pronta para a ação.

—Não sei.

Tampouco sabia por que o Chefe não nos explicou nada disto. Queria que estivéssemos às escuras? E se era assim, por que? Acredito que se o objetivo do homem era acumular tanta tensão sobre nós como fosse possível já o conseguiu.

—Pergunto-me quantos garotos estarão aqui e como reagirão —disse Kitten, com uma ponta de nua vulnerabilidade em sua voz. — Já sabe, porque sou uma outro-mundo.

Que temesse ser rejeitada me comoveu. Se não gostasse dela antes, o faria agora.

—Eu gosto de você. —disse.

—Talvez possamos ser companheiras ou algo assim. Mas é melhor que não falhe. Me nego a ser uma das perdedoras que enviam para casa —saltou por todo o quarto, irradiando entusiasmo. Inclusive esfregou as têmporas contra as paredes. — Simplesmente pensa. Se chegarmos ao final do programa, conseguiremos lutar contra o crime e toda essa merda. Não há nada melhor que chutar traseiros e capturar gente!

Eu podia pensar em outras coisas que gostava mais. Garotos, música, relaxar.

—Esta é, sem dúvida, a coisa mais legal que me aconteceu.

Enquanto falava, suas unhas se alongaram e o fino e dourado pelo de sua pele se arrepiou.

Eu jamais briguei por diversão. Mas não tinha sete vidas —ela as teria?— e seria muito cuidadosa com a que tinha. Por fim.

—Me pergunto se poderemos ficar nos barracões com os garotos ou não —disse ela.

—Não sei.

O que me perguntava era se os instrutores viviam aqui. Quer dizer, um certo instrutor de combate corpo a corpo chamado Ryan… Teria namorada? Minhas mãos se apertaram em punhos com a ideia.

—Uh, em quem pensa, garota? —Kitten riu de mim. — Seu rosto está todo vermelho e emocionado. Melhor que não diga que é no Bradley. Teria que machucá-la. Esse menino é um mhore e nenhuma amiga minha vai sair com um mhore. Espere. Vamos ser amigas, verdade?

—Sim —pisquei com confusão. — Um o quê?

—Um mhore. Um macho puta.

Soltei uma gargalhada.

—Não tem que se preocupar por Bradie e eu. Não é meu tipo.

Não saía com ninguém há muito tempo e poucas vezes o fiz com garotos da minha idade, mas não disse. Não queria que fizesse perguntas, como onde conheci meu último namorado. Então teria que admitir que foi na reabilitação.

—Então somos amigas? —perguntou Kitten de novo.

—Espero. Sinto que poderíamos começar agora mesmo.

—Eu também —se apoiou perto e sussurrou. — Por que está…?

A porta abriu pela terceira vez, e a bailarina — Ryan a chamou de Mia Snow — entrou com um pote plástico na mão. Kitten pressionou seus lábios juntos e a olhou com temor.

Mia exsudava confiança como uma capa; gotejava segurança. Mas apesar dessa confiança, não parecia capaz de lutar contra mim e sair ganhando. Eu era cinco centímetros mais alta que ela.

Entretanto, realmente parecia capaz de me matar a sangue frio. Havia algo naqueles enigmáticos olhos azuis que diziam “Desfrute desse fôlego porque será o último”.

Por que ela falou a meu favor? Não entendi e tinha medo de esperar que visse algo bom em mim. Sim, mencionou a paixão. Mas isso não parecia suficiente.

—Meu nome é Mia, e serei sua guia —parou diante de nós e deixou de repente o pote na minha mão. —Isto é para você. Estou segura que sabe o que tem que fazer.

O rubor esquentou minhas bochechas. Ao que parece, meu primeiro controle de drogas seria hoje. Kitten observou o pote com confusão.

Sem nada a comentar, voltei minha atenção para Mia, que estava vestida do pescoço aos pés com um ajustado vestido de couro negro. Pelo menos, achava que era couro. Jamais vi o suave e flexível material. Certamente, não era autêntico.

Quando os aliens vieram pela primeira vez ao nosso planeta através de portais interestelares e a guerra explodiu, os animais e plantas quase foram dizimados. Alguns dos nossos lagos inclusive secaram. Tiveram que reconstruir tudo, e esse era um dos motivos pelo qual o chamávamos “o Novo Mundo”. Agora éramos uma sociedade que confiava plenamente nas falsificações sintéticas e na fabricação de reproduções.

Não conhecia a história pelos livros. Conhecia por meu avô. Ele a viveu e adorava me contar as histórias do que aconteceu e da fome e pobreza que veio depois. Durante a reconstrução, na “Idade Culta”, tiveram que encontrar novos métodos de sobrevivência e acreditaram na tecnologia e nos mantimentos alienígenas.

—Ficarei durante umas poucas semanas, as ajudando a se instalar —continuou Mia.—Se tiverem sorte, até treinarei com vocês —sua voz era suave, mas como seus olhos, sustentava uma capa de puro aço.—Se alguém as aborrecer ou criar problemas, não venham até mim. Solucionem

vocês mesmas. Faz parte de ser um agente —fez uma pausa, nos estudando. Se gostou do que viu, não podia dizer. — Acredito que formariam uma boa equipe trabalhando juntas, mas uma boa equipe se gosta e respeita uma à outra. Não posso conseguir que gostem dos outros. Têm que conseguir.

Certo. Com isso acabavam de diminuir seriamente minhas possibilidades.

—Nenhuma pergunta? Bem —disse antes que tivéssemos tempo de responder.—Vamos. Por aqui —girou sobre seus calcanhares e se afastou como se flutuasse.

Kitten e eu compartilhamos um vacilante olhar e logo saímos atrás dela. Mantive o pote ao meu lado enquanto um comprido e branco corredor se fechava ao nosso redor. O que tinha esta gente com a cor branca?

Desta forma, destacam os monitores, sussurrou meu bom senso.

Ahhh. Agora tinha sentido.

—Bradley conseguiu ou foi rejeitado? —perguntou Kitten para Mia, e tive curiosidade por sua obsessão com o moço. Parecia mais que simples bisbilhotice.

—Por agora, está aqui —foi a resposta de Mia.—Quem sabe quanto tempo permitirão ficar. Foi levado aos barracões dos garotos.

Kitten franziu o cenho.

—Humm, nada de quartos mistos. Tem que merecer.

Mia deu uma escura olhada sobre seu ombro.

—Não proíbem a confraternização, mas isso está completamente desaconselhado. Pelo menos no início. Nenhum de vocês precisa de distrações agora—seu olhar se enfocou em mim durante mais tempo, duro e conhecedor.

Experimentei uma chispada de ressentimento. Ela lutou por mim, mas inclusive ela agia como se a coisa mais leve me jogasse de cabeça no consumo de drogas.

Por certo que nada irá me distrair, Agente Mia Snow. Fiquei a olhando fixamente. O longo cabelo negro balançava sobre suas costas e as mechas pareciam uma cascata meia-noite. De todo modo, parecia como alguém que ia à batalha. Pronta para matar.

Deu um giro e as paredes se tornaram painéis prateados.

—O chão é sensível ao calor e ao peso; as registrarão na base de dados no momento que deem um passo sobre eles. Seu número, medidas e sua identificação de retina já foram tirados.

Uau. Falando de alta tecnologia.

Falando da sociedade Grande Irmãos. Constantemente sendo observados por uma câmara como se fôssemos alienígenas sem licença.

—Esta é uma área restrita, e saberemos no momento que entrarem sem permissão —disse Mia.—O computador reconhecerá sua identidade, e devido às suas medidas, saberá exatamente quanta descarga elétrica subministrar sem mata-las.

Já não estava impressionada com a tecnologia. Estava irritada.

—Então, somos prisioneiras? —grunhi.

Ela encolheu os ombros, indiferente.

—É para sua proteção.

—OH, sério? E do que? —insisti.

—Há outros-mundos aí fora que não querem nada mais que destruir esta escola e todos em seu interior. Se partirem, sem querer, poderiam trazê-los até aqui quando retornarem. Entende agora? —disse.

Minha irritação morreu e assenti lentamente com a cabeça. Kitten fez o mesmo. Se decidisse partir para sempre, me deixariam ir sem lutar? O temor deslizou por meu corpo.

Duas voltas mais e nos encontramos com um beco sem saída. Mia colocou a mão sobre um dos painéis prateados e uma luz azul cintilou, iluminando seu braço até o cotovelo. Ao mesmo tempo, um raio vermelho explorou seu rosto.

—Bem-vinda, Mia Snow —disse uma voz mecânica.

A parede frontal do beco se abriu no centro, revelando uma longa fenda que dava acesso a uma ampla sala completamente diferente das que viu até agora. Cores brilhantes. Móveis. Sofás. Como um lar.

Apesar disso, minhas palmas começaram a suar.

Entramos no salão onde já estavam umas quantas garotas. Algumas olhavam uma tela holográfica, outras sentavam numa mesa, comendo salgadinhos e conversando, e outras estavam jogadas pelas cadeiras e sofás lendo. Todas pararam o que faziam e ficaram olhando para mim e Kitten. As conversas diminuíram e permaneceram quietas.

Que não notem o pote, que não notem o pote. Ninguém nos olhou de forma amistosa. Ninguém falou ou se dirigiu a nós.

Kitten, pelo que pude ver, era a única outro-mundo do grupo.

Mia se manteve um passo adiante de nós.

—Esta área é conhecida como área comum. Aqui poderão relaxar, socializar e desfrutar de seu lazer.

—Mencionou que não nos permitem abandonar o edifício— disse. —Significa que não podemos sair absolutamente?

—Não durante um tempo —respondeu Mia.—Pela razão que mencionei antes e porque a maioria do mundo desconhece este programa e queremos que fique assim. Uma vez que saibamos que podemos confiar que guardarão o segredo, inclusive sob tortura, e que são bastante boas para partir e se confundir com as sombras, será permitido que saíam em seus momentos livres.

Esqueci de partir e me confundir com as sombras. Tinha o pressentimento que demoraria muito tempo para convencer os agentes que podiam confiar que guardaria segredo. Além disso, tortura? O único modo de demonstrar que podia manter o segredo enquanto era torturada era sendo torturada e guardando o segredo. Um calafrio percorreu minha coluna.

Saímos da área comum e entramos num vestíbulo que se bifurcava. As paredes eram pintadas de um bonito tom azul, mas não havia nenhum quadro nem nenhuma imagem holográfica.

Mia girou à esquerda.

—Seu quarto é por aqui —disse.—Espero que tenham memorizado o caminho.

Uh, não. Não o fizeram. Algumas garotas no corredor se esmagaram contra a parede quando Mia as passou.

—Cada uma tem uma companheira de quarto —continuou.—Não devem haver brigas em seu quarto. Deixem para a arena de combate.

Fazendo girar os olhos, Kitten levantou o punho acima e abaixo na frente de seu peito, imitando a masturbação de um menino.

—Eu vi, menina —disse Mia sem virar.

Kitten empalideceu e deixou cair a boca. Eu apaguei meu sorriso.

Mia parou numa porta arqueada no final do corredor e nos olhou com o rosto sem expressão.

—Este é seu quarto. Kitten, coloque a palma no centro do exploratório negro.

Dei uma olhada por cima da cabeça de Mia para ver de que exploratório falava. Estava ao lado da porta, um quadrado perfeito à altura dos olhos, com botões multicoloridos em cima.

Hesitantemente, Kitten estendeu a mão e fez o que pediu. Uma débil luz azul, similar a que tocou a mão de Mia, explorou a palma inteira de Kitten.

—Está quente —disse ela.

—Exploração completa —disse uma voz animada por computador.—Bem-vinda, Kitten.

Piscando pela surpresa, Kitten deixou o braço cair de lado.

Mia me deu uma olhada.

—Sua vez, Phoenix.

Uma vez que minha exploração terminou, Mia teclou uma série de botões e a porta abriu.

—Além do pessoal, só vocês duas serão capazes de entrar neste quarto —fez uma pausa de vários segundos, com a cabeça inclinada como se estivesse pensando.—A não ser, é óbvio, que alguma das garotas tenha aprendido enfim a forçar as fechaduras e possam abri-la. Sugiro que estudem modos de aumentar sua segurança.

Impressionada, perguntei:

—Aprenderemos a invadir as casas das pessoas?

—Certamente —disse, sugerindo em seu tom que era tonta por perguntar.—Nem todos os seus objetivos vão se render facilmente. Eles se esconderão. Se trancarão longe. Terão que ser capazes de alcançá-los sem importar onde estejam, verdade?

—Sim —disse, excitada pela ideia. Era só que era tão… perverso, embora fosse totalmente legal quando o fizesse como agente. O que aconteceria!

—Diabos, sim —disse Kitten.

Devagar, Mia sorriu abertamente. Suponho que gostou do nosso entusiasmo.

—Sugiro que também estudem o mapa dentro de seu manual. Não mostrarei o percurso pelo resto do edifício. Esperarão que aprendam a memorizar a distribuição sozinhas, assim como esperarão que memorizem as cidades e as presas que tenham que caçar.

Não esperou nossa resposta, então entrou no meu, novo quarto.

Curiosa sobre o lugar que agora chamaria de lar, a segui rapidamente. Era pequeno, mas limpo, com duas camas que pareciam duras, dois simples e metálicos armários, duas mesas do mesmo material e um banheiro com um vaso, um espelho e uma ducha de enzimas.

—Há roupa para cada uma nos armários. Uniforme padrão de calças e camisa brancas.

—Yuuu-piiii —murmurou Kitten.—Uniforme.

—Podem escrever para suas famílias, mas advirto que toda a correspondência será fiscalizada —estendeu os braços amplamente.—Se tiverem alguma pergunta, há um manual dentro da gaveta superior de suas mesas. Sugiro que o leiam e memorizem.

—Claro —disse.

Ela deu a volta para Kitten.

—Vai passar o próximo dois minutos correndo pelo corredor.

—Espere. O que? Eu…

—Vamos! —gritou Mia.

Kitten saltou à ação, entrando correndo no corredor. Depois Mia me olhou.

—Sugiro que encha o pote. Comprei dois minutos para você. O faça ou não…

Não ouvi o resto. Corri ao banheiro. Tão rapidamente como pude, enchi e fechei o pote, pus a roupa, e voltei ao quarto. Mia, notei, usava luvas. Agarrou o pote e seus olhos se cravaram nos meus.

—Será melhor que não me engane.

—Não o farei — eu esperava.

Ofegando, Kitten entrou no quarto.

—Feito — se curvou, escorando os cotovelos sobre os joelhos. —Por que isto?

—Me faça perguntas outra vez e correrá por uma hora. Nos vemos, garotas —Mia saiu apressada do quarto, e a porta fechou atrás dela.

—O que tem contra nós? —sussurrei.

—Ainda não estou certa — Kitten caiu sobre uma das camas.—Se descobrir, eu te aviso.

Se você pegou esse livro no blog "Romances Sobrenaturais', da Isis, saiba que ela prejudica propositalmente nosso grupo.
Estamos sendo ameaçados por editoras, cujos livros pedimos para não serem postados, e o blog citado, insiste em não acatar um dos pedidos que fazemos: "A não divulgação desses livros (séries compradas por editoras no Brasil) em blogs abertos".
Ela quer que vocês fiquem sem os livros!!!
E vocês estão colaborando com isso, ao participarem do blog dela.
Gostou desse livro? Pegue direto na fonte e não de terceiros que somente prejudicam quem verdadeiramente faz o trabalho!

CAPÍTULO 7

Página um do manual do recruta A.I.R

Querido recruta A.I.R.,

A metade de vocês serão enviados para casa antes de finalizar o primeiro mês com as lembranças apagadas. A outra metade será enviada para casa no segundo mês. Por agora, está aqui. Esqueça tudo que sabe da A.I.R. Esqueça cada movimento de defesa pessoal que aprendeu. Basicamente, esqueça tudo que o mundo exterior ensinou. Isso não significa nada aqui. Menos que nada, na realidade, porque o que acredita que sabe poderia matá-lo neste novo mundo.

O mundo real.

Assustado? Se não estiver, é estúpido. Ainda não tem as habilidades necessárias para se proteger do inimigo escorregadio que anda —e caça— entre nós. Esperemos que ao final deste longo ano de treinamento, o faça. Aqui lutará com suas mãos, com sua mente, com todas as armas imagináveis e até algumas que não são.

Você será uma arma letal.

Será permitido matar e golpear indiscriminadamente? Não. Os agentes da A.I.R devem encontrar e deter os aliens que são predadores, destrutivos. Mas só esses. O resto deve ser deixado em paz.

A A.I.R foi formada para proteger às pessoas, mais que tudo, é nosso trabalho.

Você foi escolhido para este programa porque demonstrou potencial, valor e o temperamento justo. O que significa que o resto do mundo já o acha muito selvagem, muito indisciplinado e também violento.

Inclusive embora admiremos essas qualidades, não cometa o engano de pensar que aqui estará à vontade. Suportará mais regulamentos que jamais suportou antes… e os obedecerá todos, provavelmente pela primeira vez em sua vida. Se não, será castigado com severidade.

Reze para que nunca descubra o que quero dizer com isso.

Deixe-me começar com algumas das regras ditas antes.

1. Não tente deixar o edifício sem permissão.

2. As garotas não entram nos barracões dos garotos e os garotos não entram nos das garotas. Sem exceções.

3. As relações entre recrutas e treinadores estão proibidas. Você é legalmente adulto, sim, mas não encontrará ou terá nenhum tipo de relação sexual com os instrutores.

4. Não usarão drogas. Isso inclui: Onadyn em todas as suas encarnações: Neve de Anjo, Sem Fôlego, Nariz Caramelado, Rajadas e Aviadores. Todas as formas de cocaína, Cavalo Branco, Zumbido, Ouro Líquido, Pressa, Beberagem de Ferro, Geleia, Vallies, Chronic, Rochas de Dragão, Mergulhado, X, Maconha, ou qualquer outra mistura superior, inferior, em pó, líquido ou vapor, para não mencionar que prejudicará seu julgamento de qualquer modo. Se ficar doente, vá à clínica daqui. Não se automedique.

5. Não chegue tarde a aula por nenhuma razão.

Agimos sobre a base de três regras. Quebre uma regra e será castigado com severidade tal e como mencionei acima. Quebre duas regras e será castigado. De novo, o castigo será severo. Mas se quebrar três regras, suas lembranças serão apagadas e o enviaremos de volta para casa.

E saiba isto, se quebrar uma regra, será pego. Meus olhos estão em todas as partes.

Boa sorte e bem-vindo.
O Chefe

Página dois
O mapa (ou melhor labirinto). Edifício após edifício, tudo conectado por intrincados corredores e mais corredores. Haviam salas de aula, barracões tanto para garotos como para garotas, duas áreas comuns, muitas áreas restritas, um ginásio, uma sala de armas, uma sala de interrogatório (só de imaginar me doía o estômago), e uma sala de observação.

Página três
Coisas que fazer em seus momentos livres:
Exercício. A resistência é importante.
Estudar suas anotações das aulas. Uma mente aguda é importante.
Praticar o manejo de sua pyre-arma. Uma mão estável é importante. Procure não acertar um tiro em seus companheiros de equipe.
Práticas de combate. A capacidade de derrubar seu oponente é importante.

Belisquei a ponta do nariz. Aquelas eram as coisas que deveríamos fazer em nossos momentos livres? Interessante que não mencionassem que nos batêssemos ou esfaqueássemos uns aos outros enquanto dormíamos. Ferir e matar era importante, verdade?
Gemendo, virei a página.

Página quatro
As aulas às que assistirão durante no próximo ano:
Anatomia alienígena.
Biologia alienígena.
Armas terrestres e de outros-mundos.
Combate.
História alienígena e sociologia.
Invasão de moradia.
A arte de espreitar.
Raças de aliem e relações.
Governos globais.
Interrogatório.
Informática.

Com um suspiro cansado, deixei de lado o manual e deitei.
—Luz —murmurei e imediatamente a luz do meu lado do quarto apagou, deixando o quarto tão escuro quanto a boca de um lobo. De toda forma, a maior parte do dia acabou e Kitten já

estava dormindo. Ela e eu tínhamos falado por horas, chegando a nos conhecer melhor. Quanto mais aprendia sobre ela, mais gostava.

Era brincalhona, engenhosa e leal. Vinha de uma grande família e podia ver o afeto em seus olhos sempre que mencionava suas irmãs e irmãos. Se precisassem, faria o que fosse por eles.

Senti-me um pouco invejosa. Sempre quis uma irmã, mas minha mãe não voltou a se casar e nem sequer teve um encontro desde que meu pai partiu. Trabalhava ou cuidava de mim, e isso era tudo. Possivelmente meu pai teve mais filhos com sua nova esposa. Poderia muito bem ter uma irmã ou irmão de quem não sabia nada. Desde que saiu de nossas vidas, nem sequer ligou.

Uma dor aguda me atravessou com a ideia.

Simplesmente durma. Pelas poucas horas seguintes, me sacudi e dei voltas, incapaz de encontrar posição. Usava uma roupa estranha, dura e pouco cômoda. O colchão era mais firme que o de casa e a manta não tinha o fresco aroma da que eu usava. O quarto estava muito escuro, a única luz vindo do relógio de parede. Podia ouvir a respiração suave de Kitten e seus ronronados.

Minha mente não parava de ruminar os fragmentos da carta de "boas-vindas" do manual. Se quebrasse três regras, minhas lembranças seriam apagadas, mas, quanto? Todas ou só as do acampamento? Todas poderia não ser uma coisa tão má. Pensei que gostaria de poder começar de novo, sem nada adiante que poluísse meus pensamentos.

Embora… não sabia se algo assim era possível.

Decidi ficar por agora. Mas não gostava das regras —nunca o fiz — e não gostava da ideia que me obrigassem a cumpri-las. E ainda menos… se me castigavam se falhasse.

Soltei um profundo suspiro e me esforcei para pensar qualquer outra coisa fora da A.I.R. É óbvio, minha mãe foi a primeira coisa que me veio à cabeça. Com o que sonharia ela neste momento? Sentia minha falta?

Quando era menina, ela me abraçava forte e cantava até dormir todas as noites. Preparava-me o café da manhã todas as manhãs, sorrindo a todo o momento. Ela foi tão feliz. Tão despreocupada. Então meu pai partiu e comecei a tomar drogas. Toda a sua felicidade pareceu desaparecer. Todos os problemas do mundo pareceram cair sobre seus ombros.

Pelo menos eu tinha Jamie para me apoiar, mesmo sendo uma influência tão má como foi. Minha mãe não teve ninguém quando deveria me ter.

Deus, devia tanto a ela! As lágrimas arderam em meus olhos.

Bem. Agora não podia pensar nela, tampouco.

Pensa em Ryan… sua sexy imagem saltou na minha mente, me fazendo tremer. As relações entre treinador e recruta estavam proibidas, segundo o manual, mas isso não me impediu de desejar que Ryan me achasse metade de sexy do que eu achava ele. Teria gostado de beijá-lo. Só uma vez. Com língua, seus braços…

De repente, todas as luzes do quarto se dirigiram para mim, deslumbrando meus olhos que já se acostumavam à escuridão. A luz refletia nas paredes beges, nos armários e no espelho. Me vi nele: o longo cabelo loiro alvoroçado, os olhos negros pesados pelo sonho, os lábios inchados. Suponho que os mordi sem me dar conta todo o tempo que estive sem poder dormir.

—Kitten e Phoenix —disse uma voz mecânica.

Kitten se endireitou de um salto, seu olhar selvagem enquanto dava uma olhada ao redor.

—O que acontece? O que está errado? —Sua voz era rouca.

—Requerem sua presença na sala Três A. Têm dez minutos —terminou o computador.

Gemendo, levantei e esfreguei o rosto com uma mão.

—Me pergunto o que vão nos fazer.

—Ou o que nos obrigarão a fazer —se queixou Kitten enquanto jogava as pernas para fora da cama.—Que horas são?

Dei uma olhada no relógio digital e em seus intermitentes números vermelhos.

—Três da manhã.

—O que? —Franziu o cenho.—Está de brincadeira.

—Olhe você mesma.

Fez e seu cenho ficou mais profundo.

—Isto é uma loucura! Quem se levanta às três da manhã?

—Ao que parece, nós.

Pesadamente, saí da cama. Tomamos uma rápida ducha seca de enzimas e escovamos os dentes e o cabelo apressadamente antes de estudar o labiríntico mapa do manual.

—Deveríamos tê-lo estudado com mais atenção antes de ir para a cama —resmungou ela.

—Nota para mim mesma —disse.—Escute Mia Snow quando fala.

—Três A —disse Kitten, dando um toque com sua longa e bicuda unha no queixo.—Parece que é quatro corredores daqui. Nunca chegaremos a tempo.

—Merda. Não podemos quebrar uma regra no nosso primeiro dia.

—Bem, só temos três minutos.

—Então mova o traseiro! —A determinação me encheu.—Vamos.

Corri até a porta e ordenei que se abrisse.

—Que porra nos farão se nos perdermos? —disse Kitten atrás de mim.—Nos estrangular com nossos próprios intestinos?

Não queria averiguar.

—Chegar tarde provavelmente seja pior que cometer um assassinato.

—Nunca conseguiremos —repetiu ela.

—Sim, o faremos.

Entramos precipitadamente no corredor e manobramos por outro desconhecido. Enquanto corríamos, Kitten prendeu seu multicolorido cabelo num rabo-de-cavalo.

Diferente das paredes do quarto das entrevistas, as paredes deste corredor eram azuis e tinham pôsteres pendurados por toda parte. INSIGNIFICANTE, ORGULHOSO E FODIDO, li em um deles. NÃO É COMO O FAZ, É O RESULTADO FINAL QUE CONTA, dizia outro.

Surpreendentemente, haviam outras garotas nos corredores, se precipitando de um quarto ao outro. Nenhuma falou ou olhou em nossa direção. Estavam muito ocupadas alcançando seu próprio destino.

Por fim encontramos uma porta com TRÊS A em letras muito grandes e negras. Depois de uma exploração rápida da mão, conseguimos entrar. Mia Snow estava de pé à frente do quarto, os braços cruzados atrás de suas costas.

—Chegaram tarde —disse.—E esse não é um bom modo de começar o programa. Têm sorte que não lhes dê um chute agora mesmo.

—Não chegamos tarde —contei com os dentes apertados, tentando não ofegar—, são exatamente dez.

Suas escuras sobrancelhas se arquearam.

—Se alguém chegar seis segundos tarde, isso é…?

—Tarde —murmuramos Kitten e eu juntas.

—Disse que estudassem o mapa.

—Fizemos —disse Kitten.—Um pouco.

Eu dei uma olhada ontem à noite, mas não tentei memorizá-lo. Muito complicado, pensei. Não cometeria esse erro outra vez. Aprenderia isso.

A resposta da Mia foi uma ordem.

—No chão. Agora!

Olhei Kitten e ela me olhou. No chão? Sério?

—Não disse que olhassem fixamente uma à outra —havia violência no tom de Mia.—Disse abaixo.

Nos atiramos no chão.

Passou um minuto de silêncio antes que Mia dissesse algo mais. Deu uma olhada em suas unhas e de repente irradiou um estado de ânimo jovial.

—Sinto-me magnânima hoje. Vou observar como fazem vinte e cinco flexões, vinte e cinco abdominais e vinte e cinco torções de joelho. Comecem.

—Tá tirando sarro? —disse Kitten entrecortadamente.

—Que sejam cinquenta — Mia arqueou uma sobrancelha.—Há algo mais que gostariam de dizer?

As palavras “Socorro” e “OH Deus meu” me vieram à cabeça. Embora permaneci em silêncio e me obriguei a me colocar em movimento. Quando terminei, estava suarenta, tremente e ardendo. Jamais fiz tanto exercício na minha vida. Kitten, entretanto, estava tão fresca como uma rosa, como se fizesse toda sua vida.

Senti uma onda de ciúmes.

—É lenta, Phoenix. Espero que melhore da próxima vez.

Próxima vez? Mal reprimi um gemido.

—Farei melhor.

—Se assegure disso —foi sua cortante resposta.—A propósito, passou pela prova.

Uma pausa.

—Que prova? —perguntou Kitten.

—Não me dirigia a você —grunhiu Mia.

Não, ela se dirigia a mim. Passei pelo controle de drogas. Graças a Deus.

—Se assegure que passe na seguinte também ou estarei muito irritada.

Engoli ar e assenti com a cabeça, sem olhar em direção à Kitten.

—Sentem as duas.

Inclusive dando ordens no meio da noite, Mia era ainda tão bonita como uma bailarina. Seu escuro cabelo brilhava à luz, como seda negra. Seu rosto era suave, seus olhos brilhantes. A mulher não precisava dormir?

Tanto Kitten quanto eu nos sentamos no chão, bem onde estávamos. Dei uma olhada em toda a sala. Era igual o resto das salas de aula nas que estive e isso me surpreendeu. Suponho que esperava armas e facas penduradas nas paredes. Talvez uma esteira para lutar. Não equações de matemática projetadas por uma tela holográfica. Nem mesas e cadeiras.

—Uma mesa, garotas —disse Mia fazendo girar os olhos.

Kitten e eu corremos às mesas da primeira fila e sentamos como boas e pequenas robôs assustadas.

—Agora, bem-vindas à orientação —Mia parecia tranquila e impassível de novo e fechou as mãos atrás das costas.—Por certo se perguntam por que as tiramos da cama tão cedo em seu primeiro dia aqui —disse enquanto passeava na nossa frente.

Assenti com a cabeça e Kitten fez o mesmo. Nenhuma das duas falou. Não que Mia nos tivesse intimidado (bom, a mim sim), mas sim por que nos sentíamos afligidas por ela. Seus movimentos eram fluídos, cheios de graça e ágeis, como ela. E mais, era mortal de um modo que já compreendi antes. A cada poucos segundos, deixava cair a mão de lado e tocava o punho da faca presa em sua cintura.

—Estão aqui a esta hora porque a maioria dos agentes da A.I.R. trabalham de noite. Sim, alguns trabalham de dia, como os policiais, porque a lei também é necessária nessas horas. Mas nosso sol é muito forte e prejudicial para quase todos os outros-mundos. A maioria dos crimes ocorrem de noite. Têm que aprender a trabalhar nesta hora.

Cabeceei outra vez, mesmo que uma parte de mim quisesse deixar a sala. Claro que estava fascinada pelo que ela dizia (não sabia que os aliens eram sensíveis à nossa luz solar), mas me enfurecia ser ensinada desta forma, como se tivéssemos que pedir permissão até para respirar.

Um pouco de bondade não a mataria.

—Enquanto suas aulas regulamentares começam mais tarde, primeiro observem uns vídeos de crimes alienígenas. Verão como os agentes da A.I.R. satisfatoriamente, e às vezes sem êxito, caçam e lutam contra seus objetivos. Observem atentamente e aprendam.

—Você matou? —perguntei, encontrando minha voz.

Ela assentiu sem vacilar.

—Muitas vezes.

—Lamenta?

De novo, ela não vacilou.

—Não lamento nenhuma só ação que tenha tomado. Será melhor para você se assumir o que tem a fazer agora que mais tarde. As emoções a debilitarão. Distrairão.

Ela levantou a manga da camisa, revelando comprimento de seu braço.

A primeira coisa que notei foi a tatuagem da Morte. Esta se estirava do pulso até o cotovelo, como um escuro talismã. A segunda coisa que notei foi a longa e dentada cicatriz que corria ao seu lado.

—Ooohh —ofegou Kitten.

—Outro-mundo predador —continuou Mia— não vacilará em te matar. Ou sua família. Não vacile em matá-lo primeiro —deixou cair a manga, levantou um controle remoto do balcão de granito que havia atrás dela e apertou um botão. As imagens começaram a cintilar sobre uma tela holográfica.

Imagens violentas. Imagens sangrentas. Humanos que lutavam contra criaturas que jamais viu antes, de modo que tampouco viu antes. Minha boca caiu aberta. Este era um baile mortal de facas, armas e punhos. De dentes, garras e fúria.

De sangue carmesim e sangue negro.

Duas ou três vezes escutei o ofego de Kitten. Dei uma olhada, embora só fosse para evitar olhar para a tela por mais tempo. Tinha o rosto pálido. Ela estava contente pela perspectiva de brigar a apenas algumas poucas horas. Provavelmente antes que compreendesse o que a morte suportava. Possivelmente, a sua própria.

Não estava tão horrorizada como provavelmente deveria estar. Assustada, sim. Medo, tinha muito. Quem não teria ao saber que os aliens podiam atravessar paredes, controlar a mente ou se teletransportar? Para não mencionar as armas, facas, garras e dentes.

Como já disse ao Ryan, estava disposta a fazer o que fosse para proteger minha mãe dessas coisas. Queria, por fim, ser uma garota de quem estivesse orgulhosa. Queria compensá-la por todas as vezes que disse que seu trabalho como garçonete era insignificante e que não fez por mim o bastante. Queria, só por uma vez, não causar estragos e dor naqueles ao meu redor. Se decidisse aceitar todas as coisas da A.I.R., por fim, poderia mudar isso. O entusiasmo borbulhou no meu interior pela ideia. Por uma vez, poderia ser uma heroína.

Mas as dúvidas esmagaram meu entusiasmo. E se me expulsassem depois do primeiro mês? Ninguém, exceto Mia, me queria neste lugar. Quero dizer e se realmente pusesse toda a minha energia em algo e, o mais provável, me tirassem isso?

Simplesmente não sabia.

De repente, a mulher chamada Siren, a da voz doce, saltou na tela, capturando minha atenção. Caminhava para um grupo de outros-mundos, cantarolando baixo como se nada a preocupasse. As criaturas de pele pálida e olhos brancos riam como se estivessem encantados. Quando ela os alcançou, silenciosamente saltou, mais rápido e mais alto do que jamais vi alguém se mover e os atacou com uma só faca.

Estavam mortos em segundos.

Então o belo rosto de Mia apareceu na tela. Era de noite e espreitava um gigantesco e musculoso homem com escamas amarelas em vez de pele. Não tinha nariz. OH, um Ell Rollis, pensei, recordando a descrição que Kitten me deu. Os outros-mundos tinham um menino preso pela garganta e a apertavam. O menino estava se asfixiando.

Mia se aproximou deles silenciosamente. Quando os alcançou, levantou uma faca. Esta cintilou à luz da lua. Sem uma palavra, se colocou atrás do monstro e cortou sua garganta. Só isso. Num minuto estava vivo e no seguinte não estava.

Kitten ofegou de novo quando o gigante caiu num montão sangrento, soltando o rapaz no processo. Nunca descobrimos o que aconteceu com aquele menino porque a tela ficou em branco.

A Mia real se colocou na frente da tela. Por muito tempo, não disse nada. Nos estudou atentamente. Então, cortando o silêncio tão habilmente como cortou os aliem, disse:

—Pensam que podem suportar esta vida?

Eu podia?

Kitten assentiu hesitantemente com a cabeça.

—Sim —disse, de repente, sabendo além de toda a dúvida.

Poderia. A verdadeira pergunta era, a A.I.R. deixaria?

CAPÍTULO 8

Passamos mais de duas horas em orientação, nos examinando em algumas prova para ver se podíamos nos graduar do instituto logo ou precisaríamos de mais aulas e para saber exatamente que nível de instrução requereríamos. Não nos disseram o resultado. Teríamos que esperar para isso.

Depois, Mia nos escoltou à nossa próxima aula. A sala era uma réplica exata da outra… exceto que nesta havia mais garotas dentro. Senti os nervos a flor de pele, como se este fosse de novo meu primeiro dia no instituto. Gostariam de mim? Me odiariam imediatamente? Quanto tempo estavam elas na escola?

Poderia meu cérebro sangrar por me fazer tantas perguntas?

—Atenção todas. Gostaria de apresentar Kitten. —Mia impulsionou Kitten adiante com um forte empurrão.—E esta é Phoenix —disse e me empurrou também.

Parei com um tropicão e saudei com a mão.

—Olá!

—Olá! —responderam algumas. Um pouco do meu nervosismo se dissipou. Obviamente, não planejavam me ignorar.

—Esta é a sala de aula 101, Anatomia alienígena —disse Mia.—Mishka Le'Ace será sua instrutora. Todas a chamam l'Ace.

Não quis fazê-lo, mas bocejei. Suponho que devido à falta de sono.

Os olhos da Mia se entreabriram sobre mim.

—Está aborrecida, senhorita Germaine?

Minhas bochechas arderam quando a atenção de todo o mundo se focou em mim.

—Não.

—Você é a que me aborrece — disse uma voz cortante.

Pela extremidade do olho, vi uma mulher dar um passo adiante. Girei e a confrontei, vendo imediatamente que era a beleza da entrevista de ontem, a que tinha os traços mais deliciosos e perfeitos que qualquer humano que vi. Provavelmente do mundo inteiro.

“Está geneticamente manipulada” disse Ryan.

De perto, seu rico cabelo castanho era mais brilhante do que acreditei, seus olhos avelã se misturavam com o verde e seus lábios resplandeciam com a quantidade justa de brilho. Sua pele era impecável. Usava um traje vermelho que se adaptava como uma luva em suas perfeitas curvas.

Quis odiá-la, mas parecia muito com um anjo.

Ryan disse que era impassível, nascida para matar qualquer um que ordenassem. Se a encontrasse pela rua, jamais teria adivinhado. Pensaria que era uma modelo ou uma empresária. Possivelmente por isso fosse tão boa em seu trabalho. Quem esperaria que desse um golpe mortal? Provavelmente se aproximava de seus objetivos, sorria docemente e logo os matava antes que compreendessem o que ocorria.

—Obrigada, senhorita Snow. —disse Le'Ace nessa voz formal dela. Tinha um rouco sotaque que não podia adivinhar. Russo, talvez. —Posso me encarregar a partir de agora.

Mia saiu com passos longos.

Movi-me em volta de uma das escrivaninhas vazias, mas Le’Ace me deteve.

—Ainda não, Phoenix. Primeiro tenho um teste para fazer com você.

Franzindo o cenho, congelei no lugar. Aparentemente, a professora nova já se metia comigo.

Kitten tentou me rodear.

—Não. Você também, Kitten. Girem de cara à parede. —disse Le'Ace, sem mostrar nenhuma piedade.

Passaram vários segundos e não fizemos nada. Simplesmente ficamos quietas. Que prova seria essa que tínhamos que girar de cara à parede? Planejava nos açoitar para ver quanto suportávamos? Nos atacar pelas costas? Ou ver se girávamos era a prova real? Talvez supunha que devíamos saber que dando as costas dávamos poder sobre nós.

Maldita seja! Tudo era tão confuso! Tive uma visão de mim mesma escolhendo a opção incorreta e me dando chutes por isso.

—Virem-se. Agora —ordenou Le'Ace com brutalidade. Obviamente não estava acostumada a ser desobedecida.

Apreensão e um pequeno ressentimento deslizaram através de mim ao ser tratada de novo como uma menina e apertei fortemente a mandíbula quando por fim girei sobre meus calcanhares. Agora não era momento de me rebelar. Kitten me seguiu rapidamente.

—Bem —disse Le’Ace. Ela caminhou ao redor, seus vermelhos saltos ressoando contra os ladrilhos.—Agora vão me dizer o que recordam da sala e seus ocupantes. Cada detalhe. Phoenix, você primeiro. Me fale das garotas.

Soltei um suspiro de alívio. Bem, girar não foi a prova. Só tinha… OH, merda! Não podia recordar nem um só detalhe das garotas? Estive tão nervosa que na realidade não as observei.

—Não lembro.

—Deve lembrar de algo. —Estava de costas, mas pude sentir a condenação irradiando dela.—Se concentre! —ladrou, soando como um general militar.—Pense!

Fechei os olhos e deixei em branco a mente. Me concentrei como ela ordenou e imaginei minha entrada de novo, tentado pegar todos os detalhes. Vi… Nada.

—Não ficará muito tempo no acampamento — disse Le'Ace.—Se esta fosse uma missão, agora estaria morta.

Várias moças riram dissimuladamente e minhas bochechas arderam pela segunda vez.

—Me diga o que viu —ordenou.

Pense. Tem que lembrar de algo.

—Há oito garotas sentadas nas escrivaninhas e usam roupa branca. Igual a minha. —Valeria declarar o óbvio e tentar comprar um pouco de tempo? —Duas são morenas.

Sim! Pensei com satisfação. Tinha razão, sabia. De repente uma imagem delas se formou na minha mente e detalhes que pensei que tinha passado por cima se esclareceram como se as estivesse observando agora mesmo.

—Uma das garotas é asiática. Outra, a do cabelo branco tem uma tatuagem no rosto. —Estava tão orgulhosa de mim, que quis aplaudir.

—E como é a tatuagem? —foi a resposta pouco impressionada.

Meus ombros se esticaram enquanto focava a garota na minha cabeça. Mentalmente tirei as mechas brancas que protegiam sua bochecha, revelando cada vez mais sua face… sua marca…

—É azul. —E tinha um rastelo… não. Engano. O que era isso?—As bordas são dentadas, mas… não posso vê-la com claridade —admiti.

—Sim pode. Pense mais. — Le'Ace me aplaudiu as costas com dois toscos golpezinhos, com mais força da que considerei que tal beleza fosse capaz de demonstrar.

Fechei as mãos em punhos e apertei as pálpebras tão forte como pude. Imaginei a garota de cabelo branco de novo. Sua escrivaninha estava na terceira fila. Seu cabelo era comprido e liso e oh! Tinha mechas azuis no cabelo. Mechas combinando com a cor da tatuagem. Assim o disse a Le'Ace.

—Assim é —respondeu ela—, mas não é o que quero saber.

Obviamente a mulher era uma mandona. Concentre-se! Tatuagem. Azul. Finais bicudos. Três finais bicudos, para ser exata. Meus olhos piscaram até se abrir quando a resposta me golpeou:

—É um tridente —disse, confiante.

—Bem. Lenta, mas bem. — Le'Ace me aplaudiu as costas de novo, e desta vez quase me manda ao chão. Não devia conhecer sua própria força. Ou talvez sim e simplesmente não se preocupava.

—Lembre de estudar um espaço e seus ocupantes sempre que chegar a um lugar novo.

Sua aprovação me esquentou, e me encontrei sorrindo amplamente.

—Kitten —disse ela—, é sua vez. Fale-me da sala em si mesma.

Torci de modo que pudesse ver as garotas sobre as quais acabava de falar. Eram exatamente como as imaginei, inclusive embora só desse uma olhada. O orgulho me inundou. No passado,

estudei o entorno para me assegurar que não me pegassem enquanto me drogava. Desta vez, o fiz por uma boa razão.

Meus professores costumavam me dizer que acabei com tantas células cerebrais ao consumir Onadyn que jamais seria perspicaz, que nunca seria considerada inteligente. Aqueles comentários doeram, ainda doíam na realidade, quando me permitia pensar neles. Gostava de pensar que disseram essas coisas para conseguir que eu deixasse as drogas, não porque acreditassem que era estúpida.

—As paredes são marrom claro. —começou Kitten.

Quando não disse nada mais, Le'Ace indicou:

—É a única cor?

Houve uma longa pausa e cruzei os dedos atrás de minhas costas. Pode fazê-lo, Kitten.

—Sim? —disse ela, embora a palavra surgisse como uma pergunta.

—Está segura?

—Não. Sim. Sim, estou segura.

—Bem. Mas não deixe que ninguém a faça duvidar e não dê uma resposta a não ser que esteja segura. Agora, o que mais lembra? Teve muito tempo para pensar.

—Há uma tela holográfica sobre a plataforma do centro e o chão é feito de azulejos prateados.

—Pode ver o chão agora mesmo. —disse Le'Ace secamente.—Isso não conta. E quanto às escrivaninhas? Cadeiras? Quantos há?

—Não sei — respondeu Kitten e sua voz soou torturada.

—Pense.

—Estou fazendo! —protestou.

—Pense — disse Le'Ace com voz formal e seca.

Outra pausa.

Kitten encolheu os ombros.

—Vinte?

Le'Ace soltou um suspiro.

—Mau, vire-se e conte. Se estas escrivaninhas fossem aliens, estaria morta.

Parece que estaríamos mortas por muitas coisas se este fosse o mundo real.

Kitten girou e suas bochechas avermelharam com uma atrativa cor vermelha.

—Vinte e uma. —Ela deu um pisão. —Estive perto!

—Perto não a manterá viva. Perto a enviará logo à tumba.

Os ombros de Kitten afundaram.

—Farei melhor da próxima vez.

—Isso espero. Inclusive se houvesse dito vinte e um, estaria adivinhando e isso não é suficiente. Disse a vocês, não suponham. Os detalhes são importantes. Cada detalhe. Um só detalhe pode salvar sua vida ou destruí-la. Devem ser conscientes de tudo a todo momento.

—Impossível — disse. O que dizia era impossível. De nenhuma forma uma pessoa podia assimilar tantos detalhes tão rápido.

—Você cruzou os dedos uma vez. —Ela arqueou uma sobrancelha perfeitamente depilada. —Sei, mas não estava olhando para você.

Pressionei os lábios e tentei não me sentir impressionada.

—Mas está —disse como se lesse minha mente. Talvez o fizesse. Era possível? Engoli ar. Quanto mais aprendia, mais me dava conta do pouco que sabia do mundo e seus habitantes. —Sentem-se, garotas. E tomem uns minutos para conhecer as demais.

—Mas ela é uma alien. —disse uma loira, assinalando Kitten.—Não quero chegar a conhecê-la.

Kitten protestou e Le'Ace franziu o cenho.

—Ela não é uma predadora. A tratará como os outros estudantes ou voltará para casa. Entendido? Se não, pode ir para seu quarto e recolher suas coisas agora mesmo.

Todas assentiram com a cabeça, o que as salvou da minha ira. Agora mesmo, Kitten era minha única amiga, o que fazia que me sentisse protetora com ela.

Caminhei para o assento atrás, entre a loira tatuada e a encantadora asiática.

—Olá! —disse a asiática.

—Olá! —respondi.

A da tatuagem girou, ficando de lado para mim. A asiática se inclinou para mim e sussurrou o bastante forte para que todos soubessem.

—Sou Cara. Não preste atenção em Emma, a garota do seu lado. Odeia todas.

Emma não respondeu à provocação.

—Sou Johanna —disse uma das garotas loiras, a que falou contra Kitten.—A vi entrar na área comum ontem. Hoje não parece tão nervosa.

—Bom, após isso li esse manual tão consolador. — disse secamente.

Todas as garotas riram. Exceto Emma, cujos olhos permaneceram à frente. De todo modo, me encontrei relaxando. Quase todas pareciam gostar de mim. Por quanto tempo?

—Ei, Phoenix —Kitten me chamou. Pegou o assento livre da frente. — Estas são Dani, Lindsay e Jenn —disse assinalando uma bonita loira, uma ruiva e a segunda garota morena.

As garotas me sorriram e eu devolvi a saudação.

—São muito agradáveis —acrescentou Kitten dando um duro olhar para Johanna.

—Ei, sou agradável —disse Johanna.—Suas origens me pegaram com a guarda baixa, certo? Supõe-se que matamos os outros-mundos, não que travamos amizade com eles.

—Nem todos os aliens são maus — grunhiu Kitten.

Johanna pôs as mãos em alto.

—Acredito em você, certo? Deus! Me dê uma oportunidade! Não pude dormir há, pelo menos, uma semana.

—Por que as duas não se dão uma oportunidade? —sugeri.

Ambas cabecearam a contra gosto. Apresentei Kitten às garotas que acabava de conhecer e trocaram saudações.

—Bem —disse Le'Ace. Estava de pé na frente da classe, as mãos ancoradas atrás das costas.—Agora que todas se conhecem, comecemos.

Era realmente mau que quisesse um descanso?

—Esta é a sala de aula 101, Anatomia alienígena. As ensinarei tudo que a A.I.R. sabe dos aliens e seus corpos. Como prêmio, falarei de seus poderes, suas capacidades e suas debilidades. Algumas sabemos com certeza, outras são nada mais que conjeturas. —Apoiou o quadril contra a mesa metálica.—O que aprenderem aqui deverão aplicar em suas aulas de armamento e combate.

Acomodei-me melhor em meu assento e dei outra olhada em Kitten. Escutava absorta, como se o mundo inteiro pudesse ser conquistado com apenas as palavras de Le'Ace. Talvez pudesse. Kitten também se lambia de vez em quando e ronronava. Estranho, mas lindo.

—Em suas mesas, cada uma de vocês tem um caderno automatizado.

Baixei a vista para minha mesa, mas não vi nada. Espere. Havia o débil contorno de uma caixa prateada. Mas não levantava e parecia ser parte da escrivaninha.

—Coloquem suas mãos sobre ele —instruiu Le'Ace.

Fiz isso e, no momento que minhas mãos tocaram o metal, apareceu uma tela virtual seguida de perto de um teclado.

—O computador reconhece suas impressões digitais. Enquanto teclam, as páginas serão impressas em seus quartos.

Nossa. Isto era realmente genial.

—Comecemos com a lição número um. Isto —disse Le'Ace—, é um Arcadian. —No momento que disse o nome alienígena, uma imagem apareceu na tela holográfica atrás dela. Um macho alto, de cabelo branco e olhos violetas nos olhava de cima. Era bonito. Hipnotizador. Poderoso. Selvagem. Feroz. Quis contemplá-lo para sempre.

—Também é o namorado de Mia Snow, assim não olhem com muita luxúria —acrescentou Le'Ace com genuína diversão em seu tom. Não era tão impassível afinal.

—Acreditava que sair com aliens era ilegal —disse Jenn, seus olhos escuros perambulando sobre as outras estudantes.—Sobretudo para um agente, não?

Le'Ace deu de ombros.

—Muitos assumem que é ilegal. É o que o governo quer que acreditem. Uma vez foi, mas agora simplesmente não se vê com bons olhos. Embora haja um inconveniente. Os civis os tratam com desdém. Mas Mia não é alguém a quem isso importe. —Olhou-nos, uma por uma.—A lição que nos ensina isto é que devem estar preparadas para as consequências se decidem romper qualquer tipo de diretriz.

Tinha muitas perguntas sobre Mia e o alien, mas Le'Ace seguiu com a conferência.

—De vez em quando traremos algum alien aliado para que façam perguntas. Há uma Raka, uma Dourada, chamada Eden Black, que matou mais alienígenas que inclusive Mia. Sua perspicácia é inestimável. Também há um Targon, os guerreiros mais fortes que invadiram nosso planeta, que prometeu nos visitar. Seu nome é Devyn e seus poderes telequinésicos são enormes.

Eu não podia esperar para conhecê-los e vê-los em ação. Le'Ace continuou.

—Já basta do que está por vir. Nos concentremos na lição de hoje. Enquanto os Arcadians têm corpos e órgãos muito similares aos nossos, possuem outras habilidades, a maioria

provenientes da mente. Alguns são psíquicos. Outros leem a mente e outros controlam seus pensamentos e ações.

—Como podemos nos proteger contra isso? —perguntei antes de poder me impedir. Não sabia qual era o procedimento correto aqui para se dirigir ao professor. Na minha antiga escola, seria enviada ao diretor por falar sem permissão.

—As ensinarei isso. —respondeu ela como se não tivesse feito nada errado.—Quando chegar o momento.

Durante várias horas, falou dos Arcadians, seu super povoado planeta e seus componentes genéticos tão diferentes dos nossos.

Absorvi tudo, teclando constantemente… e rezando para não cometer muitas falhas. Era fascinante.

—Bem, garotas —disse Le'Ace.— Falei sobre o corpo Arcadian. Agora quero que apliquem o que aprenderam. Vão. —agitou uma mão para a porta.—Ryan as espera na jaula.

Ryan?

Meu pulso saltou em galope. Fosse o que fosse a "jaula", não me importava. Simplesmente estava feliz de ver o Ryan de novo.

CAPÍTULO 9

Descemos num elevador até o porão, cada uma de nós silenciosa e insegura. Para distrair a mim mesma (Ryan!) finalmente saltei com um:

—Alguém esteve na jaula antes?

Um coro de "não" encheu o pequeno recinto.

—Não sei o resto de vocês, mas não posso esperar para ver Ryan de novo —disse Dani com um sorriso perverso.—Esse garoto é sexy!

Os murmúrios de acordo se ouviram ao redor, e lutei contra uma onda de ciúmes. Uma parte de mim o considerava meu. Da minha propriedade. Estava apaixonada por ele, o que significava que não podia pôr as mãos em cima das outras garotas. E se fosse proibido de sair comigo? E se não sentisse o mesmo por mim?

Ele era lindo e (às vezes) doce.

—Oh, que maravilha. —disse Jenn.—Olhem.

Segui a direção que assinalava. Havia uns coloridos botões na parede do lado e, em uma tela sobre a parede de trás, umas imagens do Arcadians lutando contra humanos.

Uma olhada antecipada da nossa seguinte aula, possivelmente?

—Dizem na rua que lutou lado a lado com ele, Phoenix —disse Jenn.—Como é?

Não tive que perguntar quem era "ele". Os olhos de Dani se arregalaram.

—Você lutou com ele?

—Sim —respondi—, e era bom. —Não queria que babassem ainda mais.

—Bom? —Cara me deu uma cotovelada no braço. — Isso é tudo? Venha já! Certamente há algo mais.

—Não. Realmente é tudo. —Exceto talvez, é meu. E, não se toca.

Quando se tornou tão possessiva?

Desde a noite passada, quando invadiu meus pensamentos e tudo o que queria fazer era beijá-lo.

—Pergunto-me o que teremos que fazer na jaula —disse, retomando o assunto que começou todas as perguntas sobre Ryan. Seríamos presas? Obrigadas a lutar uma contra a outra? Mordi o lábio inferior, me perguntando o que viria.

Os garotos podiam brigar e se reconciliar sem problemas. As garotas não. Nenhuma que eu conheci, pelo menos. As garotas se tornavam rancorosas a cada arranhão.

—Odeio que nos proíbam de sair com os instrutores —choramingou Cara, desprezando minha mudança de assunto.—Já imagino as coisas que poderia fazer com Ryan…

Grrr. Meus dentes rangeram. Talvez a luta na jaula não fosse uma ideia tão má. Poderia apresentar meu punho a Cara.

Toda esta raiva por um garoto que provavelmente não lembrava seu nome?

Lembra, pensei, elevando o queixo. Até beliscou meu nariz. Gestos de um irmão para uma irmã, idiota!

—Se o Grande Chefe tem uma regra tão passada de moda como essa —ronronou Kitten—, então os instrutores deveriam ser feios.

Todas rimos. Inclusive eu. Tinha razão. Até agora, todos os instrutores que vi eram candidatos a homens musculosos, anjos ou modelos de calendários holográficos. Suponho que entendia a necessidade de ter certo aspecto físico. Para pegar os predadores tinha que ser rápido, forte e flexível.

Eu não era particularmente rápida. Ou flexível. Ainda. Mas seria, me prometi. Trabalharia muito. Treinaria duro. Comeria comidas sadias. Possivelmente assim Ryan não me veria como alguma espécie de irmã.

—Que tipo de comida servem aqui? —perguntei. E o que era mais importante, quando serviam o café da manhã? Se a comida fosse igual à que comi na reabilitação, passaria mal. Porções pequenas, insípidas e asquerosas.

Antes que alguém pudesse responder, as portas do elevador se abriram e a luz se apagou. Todo olhar de diversão em nosso grupo se desvaneceu enquanto a escuridão nos envolvia.

—O que é este lugar? —sussurrou Kitten.

—Não posso ver nada — disse Johanna, vacilante.—Você pode? Alguém pode ver algo?

—Isto parece um buraco negro — ofegou Lindsay.

Como as demais, não podia ver nada além de penumbra e sombras.

—Entramos? —perguntou Dani baixinho.

—É melhor irmos. —um pouco nervosa, tomei a dianteira e avancei. Mantive os braços estendidos, tentando não bater com nada. Encontrei uma parede e girei me afastando dela.—Provavelmente seja uma prova.

—Possivelmente se supõe que devemos ficar no elevador e ver o que acontece —disse Jenn com voz tremente.

—E possivelmente esse seja o modo perfeito de falhar. —Golpeei outra parede e amaldiçoei baixinho.—Estamos juntas. Não nos acontecerá nada. —Passou um momento e nenhuma delas se moveu. Ou melhor, não ouvi nenhuma delas mover-se.

—Bem —disse Kitten.—Vamos.

A senti uns centímetros atrás de mim, me agarrou pelo braço e avançamos juntas. Tropecei uma, duas vezes, mas me mantive andando. O quarto onde nos encontrávamos estava mais escuro que o elevador e… espere. Três pequenos e dourados raios de luz se derramavam do teto ao chão. Me movi para eles, mas não pude distinguir nenhum traço do quarto. Parecia que andava no meio da noite por uma rua solitária.

Uns segundos mais tarde, meus olhos se adaptaram e por fim pude ver algo além de escuridão e dos dourados raios de luz. O chão estava cheio de formas dentadas dispersadas aqui e ali. Rochas? Franzi o cenho. Por que haviam rochas dentro do quarto?

Minha palma roçou uma parede, e parei bruscamente. Ouvi as demais fazendo o mesmo.

—Aqui é onde aprenderão a lutar —disse uma voz masculina, a curta distância. A voz de Ryan.—Bem-vindas.

Tremi.

Ele deu um passo dentro dos fracos raios, e as sombras pulsaram ao seu redor, ocultando a maior parte de seu rosto. Ele era uma navalhada de escuridão num quarto escuro.

—Corram no lugar enquanto falo —disse ele.

—Q-Que? —perguntei, ainda cambaleando ante sua repentina presença.

—Me ouviu. —Seu tom era severo, autoritário. —Corram. Todas. Agora!

Soltando um suspiro, fiquei em movimento, recebendo joelhadas e cotoveladas quando as outras garotas faziam o mesmo. Grunhindo, afastei-me o mais que pude. Estúpida escuridão. (Estúpido Ryan. Não pareceu se alegrar quando escutou minha voz.)

—Lutarão contra a maioria dos aliens pela noite —disse Ryan, agora divertido. Ele podia nos ver? —Assim devem aprender a lutar sem vê-los. Lutarão contra a maior parte dos aliens no exterior, sem nada que amorteça suas quedas. Assim as treinarei sem nenhum tipo de suavidade debaixo de vocês.

Ao meu redor, pude escutar as garotas ofegando. Minha pele já estava úmida pelo suor.

—Se machucarão nestas sessões de treinamento —explicou Ryan.— Acostumem-se já à ideia. Não serei suave com vocês, e não deixarei que sejam umas com as outras. Os outros-mundos, certamente, não serão.

Fez uma pausa.

Por favor, nos diga que podemos deixar de fazer footing. Por favor, nos diga que podemos deixar de fazer footing. Já tinha feito suficiente exercício com a Mia.

Ele não fez, é óbvio.

—Começar desta forma parece cruel, mas na realidade faço um favor. Se esperarem o pior, estarão preparadas para o pior. Se aprenderem a lutar mais à frente do esgotamento, conseguirão uma reserva de força que jamais pensaram que possuíam.

O ar ardia em meus pulmões, mas não reduzi a marcha.

Ryan falou outros cinco minutos antes de nos indicar que nos dirigíssemos à parede, coisa que fizemos até encontrá-la medindo.

—Sentem-se.

Fizemos, por fim capazes de tomar fôlego. Logo meus olhos se ajustaram à escuridão por completo e pude ver Ryan com mais claridade. E, é óbvio, foi quando decidiu acender as luzes. Pisquei, abrindo e fechando os olhos contra os pontinhos laranjas e vermelhos, tentado me adaptar de novo à mudança.

Quando o fizeram, quase lamentei que Ryan não deixasse as luzes apagadas.

Ele parecia muito bem. Muito bem. Apetitosamente bem.

Hoje usava uma camiseta, calças e botas negras. Era uma sombra, inclusive à luz. Seu escuro cabelo estava alvoroçado e seus azuis olhos brilhavam com diversão. Ele provavelmente nos via cansadas, suarentas e feitas uma merda.

—Estão prontas para começar? —perguntou, olhando fixamente a todas as garotas… exceto a mim. A mim evitou olhar por completo e isso me fez franzir o cenho. Não era somente rude comigo, era inegavelmente arisco.

O que fiz? Fiz algo errado?

Esfreguei a testa, voltando a lembrar nossa última conversa, mas não pude pensar em nada que fizesse para ofendê-lo. Com aquela compreensão veio a cólera. Não tinha direito de me ignorar. Não tinha direito de me tratar pior que às demais.

—E bem? —ordenou com mais rudeza. —Estão preparadas?

Depois que todas assentimos com a cabeça, acrescentou com mais calma:

—Então comecemos.

Durante a seguinte hora nos mostrou alguns movimentos de mãos e a melhor forma de golpear um Arcadian no peito, na cabeça, na garganta, e… na virilha. A lição correspondia perfeitamente com a lição de anatomia que estudamos antes. Eram vulneráveis onde eram os humanos, exceto em suas vias respiratórias que estavam localizadas em outro lugar.

Enquanto Ryan demonstrava os passos, movia-se com tanta fluidez como jamais vi em outro homem. Quase parecia um bailarino.

Finalmente, nos fez levantar e fazer os movimentos nós mesmas. Primeiro foi um murro com a palma aberta para quebrar o nariz ou o esterno, cortando o fornecimento de ar do Arcadian. Depois aprendemos uma joelhada circular e um mergulho. Levantamos o joelho com força e logo nos inclinávamos, descendo rapidamente nossos torsos num amplo meio círculo. O objetivo, disse Ryan, era fazer mal ao nosso opositor e evitar o golpe em vingança que estava seguro que viria.

—Imitem minhas ações —disse ele, dando um chute, se endireitando, girando e dando um chute de novo.—Bem Kitten. Muito bem, Jenn. —Felicitou a todas, sua voz destilando louvores. A mim, nem tanto. Consegui um “bem”, claro, mas o meu foi murmurado e não disse meu nome.

Talvez tivesse esquecido.

Que diabos acontecia com ele?

Todas as demais eram as preferidas do professor e eu era a lesma não desejada? Apertei os dentes. Dei um forte chute, tal e como ele fez, girei e dei outro, sua cara como objetivo na minha mente. As garotas me imitaram. Não fiz exercício em muito tempo (sem contar o treinamento com Mia e a sessão de footing do Ryan) e depois da primeira hora meus músculos começaram a arder e a suar outra vez.

Por dentro, me sentia abatida. Inclusive embora agora estivesse irritada com Ryan, não queria que me visse assim. Realmente, só via meu pior aspecto. Sério. Não só estava suando, mas também usava esta espantosa camiseta e estas espantosas calças brancas que todo recruta era obrigado a vestir. E a minha era muito ajustada! Não era favorável para um peito plano.

Kitten pegou —e precisava — do manequim maior. Seus seios e quadris eram mais generosos que os meus, um fato que me deixaria ciumenta se ela não fosse uma pessoa tão agradável.

—Necessito de uma voluntária —disse Ryan—, para demonstrar o próximo movimento.

Todas as garotas levantaram a mão. Exceto Emma, a garota tatuada que odiava todas. Ryan, é óbvio, ainda não me olhava e não me degradaria em demonstrar o quanto estava impaciente que pusesse as mãos em cima de mim.

Embora no fundo soubesse que adoraria… suas mãos sobre mim, quero dizer.

—Phoenix.

Ao escutar meu nome de sua boca senti um estranho estremecimento e pisquei de surpresa.

—Sim?

—Venha aqui. —Ele agitou a mão, ainda olhando a todas os lugares, menos para mim.

—Afortunada —sussurrou Dani.

Cada vez mais surpreendida, caminhei devagar para ele, cada um de meus passos medidos e vacilantes. Não podia deixar de me perguntar, por que eu? Quero dizer, não deu nem uma olhada na minha direção. OH, espere, pensei, franzindo o cenho. Prometeu ser muito duro conosco, o que provavelmente significava que me esmagaria contra o chão durante sua “demonstração”.

De maneira nenhuma. De nenhuma fodida maneira. Apertei a mandíbula, uma ação nascida da irritação que ultimamente fazia muito frequentemente, e acelerei o passo. Não se divertiria à minha custa. Quando estive ao seu alcance, me agarrou pelos ombros e me fez girar para as garotas. Tal como suspeitava, gostei. Gostei de suas mãos sobre mim. Eram grandes, calosas e cálidas, como um cabo em vermelho vivo. Podia sentir seu calor passando dele a mim.

As expressões das garotas passavam de invejosas a perversamente divertidas e de volta à inveja. O corpo de Ryan quase tocava o meu, seu peito contra minhas costas, mas manteve a distância.

Eu estive com outros caras, assim que a intimidade não era estranha para mim. Mas estive com eles pelos motivos incorretos. Curiosidade. Mentindo a mim mesma pensando que tinha que fazê-lo para me sentir bem sobre quem e o que era eu. Pela ânsia de afeto que parecia não poder

encontrar em outro lugar. Agora, desta vez, queria que um garoto me abraçasse devido a quem era ele.

Por que não podia me sentir atraída por um estudante?

Ryan deu um passo mais perto, seu corpo roçando o meu. Estava tão perto que podia sentir seu fôlego na nuca, me acariciando. A pele arrepiou. Ele espremeu meus ombros antes de envolver suas mãos em meu pescoço.

Meus olhos se arregalaram, e ofeguei. A neblina sensual que me apanhou por fim se dissolveu.

—O que faz?

Não me liberou, mas sim apertou mais. Não o suficiente para cortar a respiração, mas o bastante para debilitar minha atenção.

—Se um Arcadian a agarrar assim, como escapa dele?

Kitten levantou a mão.

—Sei, sei! —Seus dourados olhos de gato virtualmente brilhavam com a impaciência.

Ryan a assinalou com o queixo para que continuasse, e seu nariz acariciou o topo da minha cabeça. Bati entre a necessidade de lutar ou não lutar, e entre a necessidade de parecer calma ou provar a mim mesma. Não me machucava, mas poderia fazê-lo a qualquer momento.

—Chute para trás e tente acertar suas bolas.

Apesar da situação, pressionei meus lábios juntos para me impedir de rir. A ideia de dar um chute nas bolas de Ryan e que caísse de joelhos era tão tentadora como espantosa.

—Isso poderia funcionar se estiver tranquila e não em pânico e enquanto ele não mantenha seu corpo afastado do dele, o que é uma possibilidade. O pânico nublará sua mente e anulará seu enfoque. Sempre perderá contra seu objetivo se falhar em compreender os detalhes importantes, como a colocação do atacante. —Enquanto falava, remontou os polegares sobre meu pulso.

Tremi e tentei mascará-lo com uma tosse. Minhas bochechas avermelharam. Nenhum garoto me tocou nunca assim, como se fosse algum tipo de tesouro. E que fosse Ryan quem o fez… lambi os lábios. Possivelmente entendi mal a situação. Possivelmente não estava zangado comigo, depois de tudo.

—Seu novo lema é: fazer o que for necessário —disse—, digam comigo: Fazer o que for necessário.

Repetimos.

—Bem. Outra vez.

Repetimos uma segunda vez.

—Há várias coisas que podem fazer —acrescentou ele.—Entretanto, a primeira é gritar —se for possível— com a esperança que tire uma das mãos do seu pescoço para cobrir sua boca. O grito, também, poderia atrair ajuda e alertar seus companheiros de equipe de seu paradeiro.

Boa ideia. Abri a boca para gritar, mas Ryan riu.

—Ainda não —disse ele.

Pressionei meus lábios juntos.

—Gritar não atrairia civis conseguindo possivelmente assim que os matassem? —perguntou Cara.

—Se esse for seu único recurso, é uma possibilidade que terão que aceitar —respondeu Ryan.—As boas notícias são que um civil também poderia funcionar como distração, dando a oportunidade de se libertar e matar o alienígena, que é seu objetivo final.

—Mas, e se o grito não funcionar? —perguntou Johanna.

Cara cabeceou.

—Isso. Quero dizer, alguns outros-mundos não se importarão que chamemos a atenção. Inclusive poderiam gostar disso.

—Se não liberar uma mão para cobrir sua boca, dê-lhe uma cotovelada no esterno com todas as suas forças. Recordem, aí é onde está localizada a principal via respiratória de um Arcadian.

—E se isso não funcionar? —disse Kitten.

—Pisem em seu pé e o façam com força. Pisem fortemente repetidas vezes se for necessário, mas façam forte e rápido. O belisquem na coxa, o façam sangrar. O puxem pelo cabelo. O tempo é seu inimigo nesta posição e devem conseguir que afrouxe seu aperto logo que seja possível. O machuquem e os deixará ir, dando a oportunidade de girar e golpeá-lo.

As garotas assentiram, intimidadas e absortas.

Ryan não tirou suas mãos do meu pescoço, mas sim aumentou a pressão.

—Agora —disse.

—O que? —exclamei entrecortadamente. Ainda não me machucava, mas sua força extra era espantosa.

—Liberte-se —me ordenou.

Tentei rir, mas não pude consegui-lo. As garotas nos olharam com expressão preocupada.

—Quer que lute contra você?

—Liberte-se —disse outra vez, desta vez mais forte. Apertou mais, e desta vez doeu.—Ouvi que passou no controle de drogas —sussurrou, seu fôlego acariciando minha orelha.—Felicidades.

Obrigado por me recordar que aqui sou a drogada.

—Não me meterei em problemas se machucá-lo? —ofeguei, tendo problemas para respirar.

—Você não pode me machucar. Agora lute, maldita seja, antes que a jogue fora.

Eu não ia. De maneira nenhuma. Depois de ajudar Ryan a lutar contra os Sybilins, ele mais que ninguém… deveria ter mais fé em minhas capacidades.

—Não estou segura de poder. —consegui dizer hesitantemente, brincando de garotinha nervosa.—Me machucarei.

Seu agarre se afrouxou.

—Pode, Phoenix. Só necessita…

Enquanto ele falava, eu agi. E agi com força, justo como ele disse. Faça o que for necessário. Não voltaria atrás. Tirar sangue? Um prazer. Propulsei meu cotovelo para seu estômago. O ar saiu de seus pulmões e Ryan se dobrou, suas mãos afrouxando ainda mais.

Provavelmente superei a prova com aquele movimento, mas o belisquei na coxa de todo modo e, enquanto ele uivava, dei-lhe um pisão no pé.

Girando sobre meus calcanhares, o encarei e o golpeei no nariz. Sua cabeça girou de lado e meus nódulos palpitaram, ainda machucados pela surra que dei ao Sybilins.

Fiquei de pé, quieta, ofegando e confrontando meu instrutor, o triunfo correndo por meu corpo. Um jorrinho de sangue gotejava do seu nariz. Prova superada. Eu escapei.

Lentamente, Ryan se endireitou e me olhou, seus olhos azuis virtualmente acesos enquanto limpava o sangue com o dorso da mão. Seus lábios se estiraram num sorriso.

—Me libertei—disse, com o queixo levantado—, por qualquer meio necessário.

—Fez —se voltou, e havia uma borda de aprovação em suas palavras.

Atrás de nós, Kitten gritou e aplaudiu.

—Essa é minha garota!

Ryan sorriu por completo.

—Se valesse nota hoje, te daria um 10 por me chutar o traseiro.

—Afortunada —disse Dani outra vez.

—Obrigada. —disse, orgulhosa de mim. O latejamento na minha mão aumentava a cada segundo que passava, mas valeu a pena.

De repente os olhos de Ryan se entrecerraram e algo escuro cintilou neles, algo perigoso. Pisquei, confusa. Não fiz nem disse nada para provocar aquela reação.

—Fez muito bem —disse.—Alguém tentou te estrangular antes?

Preocupado? Por mim? Que doce! O aborrecimento morreu em meu interior e o prazer tomou seu lugar.

—Não. Foi a primeira vez. —E uma experiência que preferiria não repetir.

Pouco a pouco, sua expressão se abrandou.

—Bem, fez isso muito bem.

Sorri e seu olhar caiu na minha boca. O calor alagou sua expressão desta vez e deu um passo para mim. Queria… me beijar? O próprio pensamento me excitou. Seus lábios sobre os meus… seu sabor em minha boca… Mas pareceu se dar conta, parou por uma fração de segundo e se afastou pouco a pouco atrás.

—Retorne à fila. — ordenou rigidamente.

Mudava de humor com mais rapidez que eu podia entender. O que provocou essa repentina mudança agora?

—Ryan —disse.

—À fila, Germaine —ladrou ele.

Sem me mover, o olhei com o cenho franzido.

—A-go-ra.

Sacudindo a cabeça diante de seu comportamento, dei a volta e reclamei meu lugar na parede. Cara me olhou atentamente, com uma expressão estranha em seu rosto.

O que? Articulei. Não precisava de mais merda dela também.

Nada, articulou em resposta e se virou.

Dei-lhe uma cotovelada no ombro.

O que?

Suas sobrancelhas escuras se arquearam e pude dizer que ela tentava conter um sorriso.

Pensei que ele era muito bom.

Meus olhos se entrecerraram.

Absolutamente.

Ryan limpou a garganta e logo se lançou num discurso sobre tudo o que eu fiz certo e outras coisas que poderia ter melhorado. Como golpeá-lo na garganta ou nas têmporas para fazer mais dano em vez de golpeá-lo no nariz.

Depois disso, explicou o que aprenderíamos em sua aula durante o resto do ano e que as habilidades na luta teria correlação com nossas aulas de anatomia alienígena.

—No final, serão capazes de lutar com e contra qualquer coisa. Serão capazes de matar com suas mãos nuas.

O estômago de Kitten retumbou, e todos os olhos giraram para ela. Suas bochechas avermelharam com uma atrativa cor vermelha e começou a lamber os braços e a se esfregar contra o queixo. Um hábito nervoso, suponho.

—Faminta? —perguntou Ryan com um sorriso.

Ela cabeceou a contra gosto.

—Bem, porque já é hora de terminar. Partam. Saiam daqui. Hoje fizeram muito bem, garotas.

Não teve que repetir isso duas vezes. Saímos voando da jaula. Embora eu não pudesse evitar me deter e dar uma olhada sobre meu ombro. Ryan me olhava e aquela estranha calidez tinha retornado a seus olhos…

O café da manhã foi servido numa cafeteria muito similar a da minha escola, só que esta era menor e a comida muito melhor. Graças a Deus! Fruta fresca e quentes pãezinhos recém assados, junto com frango e arroz. Era como comer num restaurante cinco estrelas. A única diferença era que não podíamos escolher o que queríamos.

Colocamos as mãos num exploratório de Identificador Pessoal, suportamos uma rápida exploração e depois uma bandeja expressamente preparada para nós deslizava por um tubo em nossa direção. O processo inteiro levava menos de um minuto. Que maravilha! embora um pouco estilo militar.

—Gostam de nos manter sadias e cheias de proteínas. — disse Cara, sentando ao meu lado na mesa.

O resto da classe se uniu a nós depois de recolher suas bandejas. Não éramos as únicas na cafeteria, havia algumas garotas mais presentes. Embora das poucas que havia, só algumas nos deram uma olhada curiosa. Outras levantaram seus narizes diante de nós. Uma inclusive “por acaso” se chocou contra nós, nos dizendo “não cruzem em nosso caminho, fracotes”.

Havia muito silêncio na sala, muita arrogância.

—O que fizeram para ser enviadas aqui? E —acrescentei depois de engolir uma colherada de arroz—, quanto tempo estão aqui?

—Fui detida por assalto —disse Dani com um encolhimento.—E estou aqui a dois dias cheios de diversão.

Assim, não era a única criminosa. Não deveria me sentir bem por isso, mas me sentia.

—Kadar me salvou a vida —Lindsay apertou as lábios, como se não quisesse revelar mais. Logo agitou a mão no ar e se esforçou por transmitir um tom casual.—Me salvou de outros-mundos e também estou aqui dois dias.

—Minha mãe conhece chefe e o chamou e pediu que me admitisse —disse Jenn com um rastro de amargura na voz.—Ela não tinha o necessário para o trabalho de campo, assim deixou que eu vivesse seu sonho. —Forçou um sorriso.—Estou aqui a várias semanas, mas esta foi minha primeira aula.

—E quanto a você? —me perguntou Cara, seus escuros olhos curiosos. —O que fez?

Falei da noite que os Sybilins nos atacaram. Elas ficaram muito quietas e me estudaram com mais atenção. Quando terminei, me olhavam fixamente, com temor. E possivelmente incredulidade.

Dani piscou.

—Um Sybilin. Um S-E-B-I-L-I-N. Sabia que lutou com Ryan Stone, mas pensei… não sei o que pensei, mas seguro que não em um Sybilin.

Assenti com a cabeça, com o cenho franzido.

—Bom, é verdade.

—Mas… os Sybilins são um mito. Verdade? —As vermelhas sobrancelhas de Lindsay se arquearam enquanto procurava em nossos rostos.

—Juro que são muito reais.

Comemos em silêncio por uns minutos. Algumas garotas mais passaram diante da nossa mesa e resmungaram:

—Fracas.

—Por que isso tudo? —perguntei.

Jenn puxou a ponta do cabelo, os negros cachos retornando ao seu lugar.

—O complexo começa novas classes a cada três meses. Notará que em cada nova classe há menos e menos estudantes. Algumas ficam só três meses, outras seis, e outras nove. As que superaram tudo e passam aqui os doze meses acreditam, assim soube, que todas as demais… não são nada mais que fracas.

—Suas classes estão em vestíbulos diferentes —acrescentou Cara depois que engoliu um pedaço de banana, — por isso o único momento que cruzamos com elas é no almoço e nas horas sociais.

—Estiveram em alguma briga? —perguntou Kitten com clara impaciência.

—Fiquei sabendo que em algumas. —Jenn se inclinou para nós, baixando a voz.—Uma inclusive acabou em morte. Apagaram a memória da garota responsável e a devolveram para casa. Ou isso me disseram. —Se endireitando, mordiscou a borda de seu frango e seus olhos se

fecharam com rendição.—Deus, isto está muito bom. Pensei que morreria depois de todo aquele exercício.

—Onde estão os garotos? —Kitten jogou uma olhada ao redor. Acredito que ela queria saber onde estava Bradley e que fazia. Não que o tivesse mencionado recentemente, mas eu ainda suspeitava que ela o considerava fora dos limites de todas as demais.—Jenn?

—O que, tenho cara de instrutor? —Jenn estendeu os braços.—Não conheço todas as respostas.

—Tem certeza? —disse com um sorriso. Terminei o leite. Teria preferido soda, mas isso estava bem.—Sabe muito mais que nós.

—De acordo. Também sei essa resposta. —Jenn beliscou um pedaço do pão e encolheu os ombros.—Os garotos estão num edifício separado, mas conseguiremos vê-los três vezes por semana. Os de cima nos deixarão nos juntar para que assim não tentemos escapulir e chegar até eles.

—Como sabe tanto? —perguntou Kitten, incrédula, e lambendo a borda de sua caixinha de leite.

—Disse a você. Minha mãe e o Chefe são amigos. Quando fui recrutada, teve uma longa conversa comigo sobre o que esperar.

—Que não faria eu para mudar de posição com você. —disse Kitten, e lançou um bolinho.—depois da minha entrevista, só consegui um passeio por um vestíbulo restringido e ser presa em meu quarto com Phoenix.

Jenn agarrou o pão, riu entre dentes, e o mordeu exageradamente antes de lançá-lo de volta. Reclinei-me atrás em minha cadeira, compreendendo que era mais feliz naquele momento que fui em muito tempo. Estas garotas eram simpáticas e desfrutava de sua companhia.

Para elas, era simplesmente uma garota mais.

Fiquei triste ao pensar que algumas de nós logo seriam expulsas. E era embaraçoso pensar que provavelmente eu fosse a primeira. Seria inteligente manter todas a certa distância.

Mas quando alguma vez fui inteligente?

CAPÍTULO 10

Minha terceira aula do dia foi Armas 101.

Kadar era o instrutor e ele, definitivamente, sabia do que falava. Jamais vi ninguém tão a vontade com armas e facas. Era demais. Ele fazia que Ryan e Allison parecessem simples amadores enquanto segurava com firmeza cada arma, falava dela — e o que esperava que fizéssemos com ela—, e logo nos fazia uma demonstração de seu uso. Por último, nos disse:

—Alinhem-se. Cada uma tem um atribuído posto.

Nos precipitamos para obedecer. Encontrei meu posto afinal, perto da parede. Esta sala de aula era diferente das demais. Estávamos dentro de uma arena com múltiplas cabines, —ou postos—, como Kadar os chamou. Cada posto consistia num balcão que alcançava a cintura e um

longo e estreito corredor com um objetivo colocado no final, e cada objetivo era um tipo diferente de outros-mundos.

Meu objetivo era um Sybilin.

—Pensei que apreciaria —disse Kadar com um sorriso.

—E faço.

—Demonstre-o crivando durante a prática.

—Farei todo o possível —disse, e pretendia. Jamais disparei uma arma antes, mas, de repente, me senti resolvida a impressionar Kadar com minha habilidade.

—Bem. De acordo, garotas —disse ele, se afastando de mim e passeando diante do grupo.—Mudarão de posto a cada dia. Não quero que se tornem confiantes. Agora — continuou —, sobre o balcão encontrarão uma pyre-arma, uma estrela de arremesso e uma mini granada termo dirigida. Sei que mostrei como usá-las, mas, alguma de vocês tem ideia de quanto dano podem fazer com esses artigos?

—Elas matam —respondeu Kitten, esfregando as mãos de antecipação.—É tudo que temos que saber.

Franzindo o cenho, Kadar negou com a cabeça.

—Podem matar seu oponente, sim. Mas também podem se matar ou se mutilarem. Isso é o que têm que saber.

Jenn olhou das armas para Kadar e de Kadar para as armas e empalideceu.

—Disse mutilar? De que danos estamos falando?

Ele retirou uma pyre-arma de sua cintura e a mostrou para que a inspecionássemos.

—Isto tem três ajustes. Quente. Mais quente. E as chamas do inferno. Podem marcar cada ajuste assim. —Ele colheu com os dedos um pequeno disco negro e o girou à direita.

Ouvi vários oohs e ahs.

—Em quente fritará seu objetivo como uma batata crocante, mas eles provavelmente viverão para contá-lo. Mais quente terminará com tudo que toque: pele, osso, órgãos. Ainda há uma possibilidade que o objetivo possa sobreviver, dependendo do lugar que dispare. As chamas do inferno matarão seu objetivo e quem estiver de pé ao seu lado.

Houve outros oohs e ahs mais.

Dei uma olhada em minha pyre-arma, absorvendo cada detalhe.

—Não há números sobre o disco —assinalei.—Como saberemos que programamos o ajuste correto?

—Aprenderá a diferenciá-los. —No espaço de uma piscada, Kadar girou e disparou à parede do nosso lado.

Gritei quando um raio âmbar explodiu, iluminando o quarto de branco e amarelo. As manchas tremeluziram em frente aos meus olhos. Inclusive de onde estava parada, no final da linha, senti o calor do raio, o ar queimado em minha garganta.

Com os olhos como pratos, dei uma olhada à parede e ao negro e chamejante círculo. Engoli ar. E se alguém me disparasse com uma dessas? O.K. De volta à insegurança sobre ficar aqui.

—Aquela parede está composta de um metal especial que não derrete nem sob a mais quente das chamas, e mesmo assim está enegrecida. Imagine o que o raio poderia fazer a algo que sim se derretesse. —Ele fez uma pausa, cada segundo fazendo o quarto se espessar pela tensão.—Se por acidente acertar um tiro em você mesma com isto... —Kadar não terminou a frase. Deixou que a terminássemos em nossa cabeça. Nós morreríamos. Sem dúvida nenhuma.

—Uh, não estou segura de querer carregar uma dessas —disse Jenn com voz tremente.

Cara sacudiu a cabeça, seu negro cabelo roçando suas têmporas.

—Eu, tampouco.

Kadar rolou os olhos.

—Alguma vez dispararam uma arma antes? Não só uma pyre-arma, mas também qualquer tipo de arma?

Sacudi a cabeça, numa imitação perfeita de Cara. Só Emma levantou a mão, e o fez hesitantemente, como se temesse se meter em problemas.

—Que tipo de arma? —perguntou Kadar e me surpreendi pela suavidade de seu tom.

Os olhos de Emma percorreram todas com nervosismo e notei que retorcia as laterais das calças com as mãos. Sua pele estava tão pálida que sua tatuagem destacava mais que o normal.

—Uma antiga. Com balas.

Ele cabeceou.

—Bem, querida. Isso está bem. Como era seu objetivo?

Querida? Ela se encolheu e olhou fixamente suas botas.

—Bom, suponho.

—Acertou em quem apontava?

—Não —admitiu ela suavemente.

—Bem, logo o fará. —Ele parou no meio de nós e fechou as mãos atrás das costas. Neste momento, parecia com o comandante do exército por excelência.—Tirei o cristal de detonação de todas as suas armas, por isso hoje não têm que se preocupar em fritar vocês mesmas ou as outras. Isso virá mais tarde. Todas as suas armas emitirão um feixe de luz inofensivo.

O alívio me inundou, como o fez a antecipação. Nem sequer segurei uma arma antes. Minha mãe as achava perigosas até para guardá-las em casa.

—Peguem-nas. —disse Kadar, nos olhando atentamente.

Girei para confrontar meu balcão. A arma ainda estava ali, no meio, colocada para cima. Tinha um cabo negro e um centro iridescente que piscava. O cano era longo, fino e prateado. Inclusive sabendo que essa coisa não podia disparar, minha mão tremia enquanto a estendia, fechava meus dedos ao seu redor e a levantava.

Minha testa enrugou. A arma era mais leve do que aparentava, não pesava mais que uma casca de maçã.

—A estudem. — disse Kadar. —Se a tratarem bem, o pequeno bebê salvará suas vidas muitas vezes.

Pequeno bebê. Um lindo nome para um pedaço de maquinaria mortal. Embora, de algum modo, combinava bem. Fechei os olhos, permitindo que minhas mãos “estudassem” a arma,

calibrassem suas matizes. Minha mãe ficaria horrorizada se averiguasse o que estava fazendo agora mesmo ou se sentiria orgulhosa do que faria para protegê-la? Seja como for…

—Vocês gostam?

A pergunta de Kadar reverberou em minha mente enquanto passava o polegar pelo canhão.

—Oh sim —disse, abrindo os olhos e sorrindo amplamente.

Ninguém mais respondeu. Não estavam tão encantadas as outras garotas com suas armas como estava eu? Dei uma olhada à fila ao meu lado, onde estavam. Algumas já apontavam, outras estudavam as complexidades da câmara interior.

Meu sorriso se estendeu. Também gostavam. Gostavam muito. Havia algo muito poderoso em ser a proprietária de uma arma como esta. Algo seguro. Ninguém poderia me machucar. Eu era invencível.

—Apontem —disse Kadar.

O fiz sem vacilar. Fechei um olho e estendi os braços, avistando o falso Sybilin. Apontei com o cano todo reto, mantendo meu braço estável. Seria capaz de acertar no alvo na primeira tentativa? Só havia uma forma de averiguá-lo.

—Apertem o gatilho.

Meu dedo se curvou ao seu redor e apertei. Esperei um click, um raio de luz, mas não ouvi nada. Nenhum som. Nenhuma luz. O que não esperava é que algo sólido saísse voando do cano, mas o fez. Ofeguei e escutei várias garotas mais fazendo o mesmo.

Acertei o alvo? Meu olhar se estreitou sobre o falso Sybilin, procurando… procurando… Sorria amplamente quando descobri um fio vermelho sobre seu ombro direito. Apontei em seu coração, mas, bom!, consegui acertá-lo, e de primeira!

Bom para mim!

—Acredito que minha arma está quebrada. Não fez nenhum ruído —disse Jenn, torcendo a arma em todas as direções. Inclusive para ela mesma.—E não houve nenhuma luz.

Kadar saltou para ela e tirou sua arma.

—Vigie para onde aponta. Poderia ter acertado um tiro no rosto. Menti sobre a luz para relaxá-las. Hoje usamos dardos, mas inclusive isso pode machucá-las.

Ela empalideceu.

—Sinto muito. Foi um engano.

—A pyre-arma foi desenhada para ser silenciosa. —Ele a devolveu, o cano apontando para o chão.

—Às vezes terão que marcar e disparar com o inimigo perto e não vão querer que descubra sua posição.

Oh. Aquilo fazia completo sentido.

—Seu pyre também tem um ajuste para aturdir. Tudo o que têm a fazer é girar o disco para a esquerda até que não possam girar mais. Mas o atordoante só funciona sobre os outros-mundos. Repitam depois de mim: O atordoante não funciona sobre humanos.

Silêncio. O que era tudo isso de repetir? Não somos crianças.

Ele franziu o cenho.

—Fui muito amável? Acham que podem ignorar minhas ordens? Repitam o que disse!

—O atordoante não funciona com os humanos —disseram de uma vez.

—Só aliens —indicou ele.

—Só aliens —repetimos.

Kadar cabeceou satisfeito.

—Algo no alinhamento das células humanas da pele faz o raio atordoante ricochetear antes de absorver. Atualmente testamos um dispositivo que funciona sobre os humanos. Às vezes, são piores que os outros-mundos que perseguimos. —Sua repulsão soou alta e clara.—Os simpatizantes tentarão feri-las, antes de permitir que machuquem um alien, sem se importar com seus crimes.

—Eles são escória— resmungou Cara.

—Talvez precisemos de uma aula de como-abater-a-presunção-de-um-simpatizante. —sugeriu Dani.

Kadar continuou como se elas não tivessem falado.

—Os ajustes de fogo, entretanto, funcionam tanto em humanos como em alienígenas. Assegurem-se que querem ferir ou matar seu objetivo antes de disparar.

Jenn levantou a mão. Seus olhos negros estavam dilatados, e parecia alterada.

—Mas… e se não quisermos aturdi-los nem matá-los?

Ele respondeu sua pergunta com uma pergunta própria.

—Seus objetivos serão alienígenas predadores e gente que os ajuda. Por que não ia querer aturdi-los ou matá-los?

Ela mordiscou o lábio inferior. Pobrezinha! Era tão óbvio que não queria estar aqui, que não queria aprender a lutar. Ou matar. A obrigavam a aprender por sua mãe, pelo super-estranho Chefe e pelo que queriam para sua vida.

Pelo menos se preocupavam com ela, não? Queriam o melhor para ela. Nada de ciúmes, senhorita.

—Voltemos ao trabalho —disse Kadar.—Segurem a arma de lado. —Houve dois segundos de silêncio enquanto ele esperava que o obedecêssemos. —Bem. Agora apontem e disparem tão rápido como puderem.

O fizemos. Falhei desta vez. O mesmo que muitas das outras garotas, a julgar pelos numerosos gemidos que escutei. Estava tensa, ansiosa, em vez de relaxada como antes. Merda!

—Outra vez .—disse Kadar.

Rapidamente apontei e disparei. Falha. O dardo voou sobre o rugoso ombro de meu objetivo.

—Outra vez.

Relaxe. Simplesmente relaxe. De novo, apontei e disparei. Desta vez acertei o Sybilin no estômago. Apontei no coração, assim o golpe no estômago não era aceitável. Embora fosse um êxito e sorri amplamente.

Kadar me olhou fixamente.

—Continue disparando até que acerte no que aponta ou até que sua arma fique sem dardos. E a propósito, há cem pequeninas em cada uma.

—Não é possível —disse Jenn, segurando sua arma para a inspeção.

—Cem —Lindsay gemeu e enganchou várias mechas ruivas atrás da orelha.— Até agora não acertei nada.

—Sério? —soltou Dani, incrédula.—Temos que segurar isto até que o acabarmos?

Olhei atentamente minha arma.

—Está brincando, verdade? Nada tão pequeno pode comportar tantos dardos.

—Oh, sim pode. Os dardos aumentam ao liberar-se —explicou ele.—Alguma de vocês leu o manual? Supõe-se que devem esquecer tudo que acham que sabem. Abram suas mentes. Aqui, nada é impossível.

—Exceto aturdir um humano com uma pyre-arma —murmurei.

—Ouvi isso —disse Kadar, mas não pareceu zangado. Pareceu divertido.—Agora continuem treinando.

Uma e outra vez repeti o processo, sem me deter até que fosse capaz de apontar e disparar num movimento fluido… e na verdade alcançava meu objetivo na maioria das vezes. Infelizmente, não era a primeira, e meu espírito competitivo não gostava disso. Johanna era a primeira, seguida por Dani e comigo atrás.

—Bem. —Kadar bateu palmas.—Acabou nosso tempo por hoje. Emma foi a única que não acertou no alvo. Dei uma olhada e observei a quem esteve apontando. Era uma resplandecente criatura azul que não reconheci, com a pele brilhante, um corpo ágil, e mãos e pele unidas com membranas.

Seus dardos estavam estendidos ao redor dessa coisa. Com a expressão em branco, baixou sua arma até o balcão com mão vacilante. Tinha linhas de tensão rodeando seus olhos.

—Estou tão orgulhoso de vocês, garotas, que vou fazer um favor. —Kadar se apoiou contra a parede e cruzou os braços sobre o peito.—Amanhã deixarei que disparem suas armas com os cristais de detonação dentro em vez de dardos.

A umidade da minha boca secou enquanto o entusiasmo e a apreensão lutavam pelo predomínio em meu interior.

—Está seguro que estamos prontas?

—Não —disse ele com um sorriso. — Isso é o bom.

Um movimento incorreto, e poderia fritar qualquer uma das minhas novas amigas. Um movimento incorreto, e qualquer uma das minhas novas amigas poderia me fritar. Provavelmente esta noite teria pesadelos. E mesmo assim, isto me deu ainda maior sensação de poder que antes, ao pensar em disparar uma arma real. De ser dura e mortal. Embora enfrentasse um inimigo de mentira.

—Estão livres para descansar em seus quartos ou relaxar na sala comum —disse Kadar então.—Sua próxima aula não começa até dentro de uma hora.

Permanecendo na fila, saímos da sala. Ou melhor, tentei. Kadar me agarrou pelo braço e me levou à parte. Olhei-o com confusão e temor. Ele tinha uma expressão séria, os olhos mais escuros, a barba de dois dias mais proeminente.

—Algo errado? —perguntei.

—Sinto muito, mas não pode ir com as demais Tem uma entrevista com Anjo. Ela é uma… doutora.

—O que? Por que? Não estou doente.

Ele não explicou.

—Ela está na sala número oito e está te esperando. —Me deu um pequeno empurrão para a porta.—E não gosta que a façam esperar.

Merda! Outro controle de drogas, o mais provável. Odiava que me fizessem tantos testes quando não fiz nada errado. Não fiz nada para que estes agentes da A.I.R perdessem a fé em mim.

—Não vou suportar isto —disse a Kaden entre os dentes apertados.

Sua boca se estirou, mas ele não riu.

—Simplesmente vá à sala oito, menina.

—Como vão as novas aulas?

—Bem. —Mudei de posição sobre o sofá vermelho, com um copo de água na mão. Anjo não era uma médica como eu assumi, e não me fez controle de drogas. Não, era alguma espécie de psiquiatra. E queria sondar minha mente. Como se sente? Está triste? Blah, blah, blah.

Já vivi algo parecido em centenas de sessões deste tipo, onde uma boa pessoa, amável e entendida na alma tentava descobrir todos os meus segredos, todos os motivos pelos quais fazia as coisas que fazia.

Poderia ter economizado muitos problemas: naquela época me parecia divertido. Não havia nada mais nisso. Bom, possivelmente estava irritada com meu pai. Possivelmente queria distribuir golpes a torto e a direito. Possivelmente queria esquecer e sentir algo mais que dor. Isso não significava que precisasse de terapia.

—Teve algum problema? —perguntou ela.

—Não. —Deus, quando terminaria isto?!

—Me alegro —apontou ela.

—Sim. Eu também.

Era uma mulher muito atraente, embora carecesse da beleza atordoante das outras senhoras que vi aqui. Tinha o cabelo loiro recolhido num coque, os olhos negros e muitas sardas. Muito simples. Nada ameaçadora. E entretanto…

Havia algo nela. Não podia afastar a vista. Não queria afastar a vista. Ela irradiava confiança, uma doçura que era muito calmante.

—Realmente temos que fazer isto? —perguntei com um suspiro cansado. —Estou indo bem, sinto-me bem e não fiz nada errado. Inclusive passei no controle de drogas.

Ela estalou a língua.

—Independentemente do bem que se sinta, pelo que fez ou deixou de fazer, seja o que for pelo que passou, temos que fazer isto. Assim beba sua água, por favor, e relaxe.

—Não tenho sede.

—Acaba de abandonar uma extenuante aula de luta, seguida por uma intensa lição de armas. Não quero que se desidrate.

—Está bem. —Esvaziei o copo e o mostrei para que o inspecionasse. — Sem mais preocupações pela desidratação.

Um canto de sua boca se frisou.

—Deveria te dar uma medalha de ouro? —Ela não esperou minha resposta, mas sim agarrou o copo e o deixou ao lado de uma taça cheia de um líquido azul que descansava sobre uma mesinha próxima.

—De todo modo, por que preciso de uma sessão de terapia? —me queixei.—Nenhuma das outras garotas tem que fazê-lo. — Que eu soubesse, retifiquei silenciosamente.

—Todas as garotas falarão comigo em um momento ou outro.

—E tenho a sorte de ser a primeira, não?

Ela não tentou negar.

—Nenhuma das outras garotas é uma antiga consumidora de Onadyn —declarou ela sem rodeios.

Mia era propensa a me recordar isso, Ryan gostava de me recordar isso. Não era como se fosse esquecer. Meus olhos se estreitaram sobre ela.

—A palavra chave é “antiga”. Já não consumo.

Ela deu de ombros, sem estar impressionada por meu ardor.

—Um drogado é um drogado, querida. Não existe isso de “antigo”.

Eu rangi os dentes.

—Francamente —disse ela, descruzando e cruzando de novo as pernas—, estou surpreendida que permitissem que entrasse no programa.

Outra vez não. Nenhum deles me dava uma oportunidade.

—Mereço estar aqui. —Algo completamente oposto ao que primeiro pensei sobre o acampamento. Mas enquanto falava, uma onda de alguma coisa varreu meu cérebro. Algo estranho. Uma neblina, talvez. Uma sensação de aceitação. Meus ombros relaxaram contra o sofá, e todos meus músculos pareceram derreter sob o suave tecido. Meu sangue esquentou e o batimento do meu coração acelerou.

—Algo… algo está errado comigo.

—Não. Está bem. —Sua cara flutuou em minha visão.—Respire profundamente —disse ela.— Assim mesmo. Dentro. Fora. Simplesmente está cansada pelo esforço físico.

A cada fôlego, minhas forças voltavam. Minha vista limpou, e os batimentos do meu coração desaceleraram.

—Melhor?

Assenti com a cabeça.

—Quanto a que merece isso, já veremos. —Ela me olhou fixamente, me sondando.—Este é um lugar duro no que viver e a forte tensão às vezes envia de volta um drogado ao seu vício.

Certo. Já me aconteceu uma vez antes, da primeira vez que abandonei a reabilitação. Só transcorreram duas semanas antes que começasse a consumir de novo. A tentação foi muito grande. Cai quando escutei por acaso uma conversa telefônica da minha mãe com meu pai. Ela ligou para ele e pediu que me levasse para dar um passeio ou ver um filme. Algo, qualquer coisa para que chegasse a me conhecer de novo, assinalando que eu precisava de uma influência masculina em minha vida. Ele se negou. Eu chorei, chorei e chorei, e logo cheguei ao limite. O espiral para baixo começou de novo. Me droguei, garotos. Procurei a carência total de interesse pelas pessoas que me rodeavam.

Minhas mãos se apertaram em punhos.

—Não vou consumir —disse a Anjo.—Não vou beber Sem Fôlego. Nem fumar ou me injetar. Não gosto da garota que me converto quando o faço.

O queixo de Anjo se inclinou de lado.

—Que tipo de garota é essa?

Minhas bochechas arderam, mas não suavizei a verdade.

—Uma mentirosa. Uma ladra. Uma… qualquer. Violenta. De pouca confiança.

—E que tipo de garota quer ser?

Oh, era óbvio.

—Completamente oposta. Honorável. Confiável.

—Me alegro de ouvi-la dizer isso. —Ela deu umas batidinhas com suas unhas de cor vermelho sangue contra seu nu joelho. Sua saia subiu, revelando vários centímetros de sua coxa.—Realmente gostaria de continuar falando de suas aulas. Antes não me respondeu. O que gosta delas?

Apoiei os cotovelos sobre meus joelhos e deixei cair a cabeça entre as mãos. Simplesmente diga a verdade e acabe com isto. Recorde, quer ser de confiança.

—Eu gosto da maior parte. Os instrutores deveriam melhorar em nos tratar como adultas e algumas estúpidas regras deveriam ser rescindidas.

—Que regras?

—Todas elas —disse, sem querer mencionar a regra dos encontros.

Ela fez rodar os olhos.

—Me fale de suas companheiras de classe. Gosta delas?

—Sim.

—Inclusive Emma? Escutei que ela não fala com você.

—Ela não é má —respondi sinceramente. Não sabia o que mais dizer. Não tinha aversão a Emma. Havia algo nela que tocava uma fibra em meu interior. Compaixão, talvez? Sabia o que era ser a garota que todos odiavam.

Anjo se moveu em seu assento.

—Ouvi que lutou contra um grupo do Sybilins dias antes que chegasse ao acampamento. É verdade?

—Aparentemente, ouve muitas coisas. —murmurei. Ela me fazia sentir como se fosse espiada. Olá! Provavelmente tenha sido. —Se não se importa, preferiria não falar daquela noite.

—Phoenix.

Foi tudo o que ela disse, mas me encontrei me endireitando, endireitando os ombros e com as costas retas.

—Sim?

—Quer responder minha pergunta.

Sim, pensei, um pouco aturdida, queria responder sua pergunta.

—É verdade que lutei contra um grupo de Sybilins. —encontrei a mim mesma dizendo e franzi o cenho.

—Se sentiu culpada depois?

Sacudi a cabeça, repelindo aquele estranho desconcerto.

—Por? —Relaxei contra o sofá. Graças a Deus ela não perguntou pelo Ryan. Se admitisse minha atração, seria enviada longe dele?

—Sentiu-se culpada por ferir outro ser vivo?

—Não. Não o fiz. —E era verdade.

—Por que acha que é assim?

—Tive que detê-los. Eram malvados e teriam matado meus amigos.

Outra vez, ela arqueou uma sobrancelha.

—E a você não?

—Não.

—Interessante. —Ela levantou um caderno digital da mesa e o equilibrou sobre seu colo. Teclando, ela murmurou.—Isto é muito interessante.

—Não realmente —disse.

Fazendo uma pausa, ela me deu uma olhada.

—E por que?

—Eu não os teria deixado.

Devagar, seus lábios se estiraram num sorriso. Aquele sorriso iluminou todo seu rosto e a tornou… bonita. De algum modo, mais bonita que inclusive a perfeita Le'Ace. Sua pele brilhou, seus olhos se tornaram mais vivos. Âmbar líquido. Esta mulher hipnotizava.

—Uma boa resposta.

Ela teclou algo mais no caderno.

—Falemos da rejeição de sua mãe na manhã seguinte à luta.

O estômago deu um tombo. De maneira nenhuma. Não ia por aí.

—Ela não me rejeitou—consegui dizer. Era mentira. Ela o fez. Virtualmente me empurrou para a porta e não se preocupou nem em me dizer adeus! Aquilo ainda me feria profundamente. Ela me amará de novo. Uma vez que faça algo por mim mesma.

Anjo franziu o cenho.

—Sim, ela fez e você sabe. Jogou você a chutes de sua casa e de sua vida.

—Ah, sim? —Me endireitei de repente, dando à doutora um olhar feroz. Uma onda de vertigem me golpeou e esfreguei as têmporas.—O que quer de mim? O que quer que diga? Sim, ela me rejeitou. Sim, ela me jogou. Já está contente?

Ela não mostrou nenhuma reação externa a minha fúria.

—Por que a hostilidade? Simplesmente te fiz uma pergunta.

—E eu fiz outra. O que quer exatamente de mim?

Ela cruzou os braços, sem mostrar nenhuma piedade.

—Quero saber de sua mãe e como se sentiu quando ela chamou o acampamento.

De acordo. Queria saber, pois saberia.

—Como uma merda, certo? Me senti como uma merda. Ela sabia que o abandono de meu pai me fez mal, e mesmo assim me tratou da mesma forma. —As palavras se vertiam de mim e nem sequer tentei detê-las. —Sou sua filha, mas ela não podia esperar para se desfazer de mim. —As lágrimas encheram meus olhos, queimando. Com ira, as limpei.—Contente agora?

—Sim —disse ela, me surpreendendo.—A cólera está bem, Phoenix. A cólera está muito bem.

—Por que? Não supõe que temos que deixá-la ir?

—Só depois de ter lidado com ela. Além disso, se não sentisse nada, significaria que suprimia suas emoções. E se suprimir suas emoções, algum dia caíria. E quando um agente caí, acontecem coisas más, ao agente e todos ao seu redor.—Anjo procurou algo no bolso de sua jaqueta e o deixou de repente sobre a mesinha.

Olhei abaixo e minha mandíbula caiu aberta. Necessidade e medo lutaram em meu interior enquanto um estremecimento percorria minha espinha dorsal.

—Por que me faz isto?

—Como se sente ao ver isto? —perguntou, se acomodando em seu assento.

Tentei olhá-la, mas não podia afastar os olhos do frasco de Onadyn que descansava tão inocentemente na minha frente. Era pequeno e transparente. Sedutor. A boca salivou.

—Sinto-me… sedenta —disse sinceramente, com voz rouca.

—E?

—E me odeio por esta sede. —As palavras saíram rasgadas.

—Por que?

—Já disse a você. Sei o que acontece quando consumo. Meu cérebro começa a funcionar mau e não posso pensar com claridade. Faço coisas estúpidas, horríveis. —Deus, fiz coisas estúpidas. Infelizmente, aquele dia na escola não foi um incidente isolado. Eu degradei minha mãe na frente de muitas pessoas repetidas vezes.

Mais que isso, uma vez despertei na cama com um garoto que não conhecia. Não queria conhecê-lo, na realidade. E fui incapaz de recordar o que fizemos. Uma vez roubei uma garrafa de perfume de enzima de uma loja e fui detida poucos minutos depois.

A lista poderia continuar e continuar.

—Leve isso — disse fracamente. —Por favor.

—Não. Quero que o pegue.

—Não. —Violentamente, sacudi a cabeça. As mechas de cabelo açoitaram minhas bochechas, mas não me arrancaram do feitiço do Onadyn.

—Pegue-o —ordenou ela. Era a primeira vez que usava um tom tão severo e inflexível em sua voz.

—Não!

—Pegue-o, Phoenix, ou recomendarei que a joguem de um chute do acampamento.

Uma coisa que podia me fazer obedecer. Gostava deste acampamento. Não queria partir ainda. De todo modo, vacilei.

—Pegue-o.

—Odeio você —sussurrei, estendendo por fim a mão. Meus dedos se fecharam ao redor do frasco. —Que tipo de doutora é para me torturar assim?

Ela ignorou minha pergunta.

—Cheire-o.

Minhas mãos não vacilaram em obedecer. Sem pensar, atraí o frasco até meu nariz e cheirei, saboreando o aroma de chuva beijada pelo orvalho. Hmmm, tão bom. Tão delicioso.

Veneno, disse minha mente.

Doce, respondeu meu corpo. Uma provadinha. Um pequeno gole. Que mal poderia fazer?

No final, o joguei para Anjo e o frasco de plástico a golpeou no ombro.

—Pegue-o você —grunhi.

Por muito tempo, ela não se moveu nem falou. Finalmente, pegou o frasco entre os dedos e o guardou de novo no bolso. Dedicou-me outro daqueles sorrisos cativantes.

—Sob tensão, e ainda resiste.

Levantei o queixo.

—Assim é.

—Bem.

—Puta —grunhi.

Ela não perdeu seu sorriso.

—Quero que saiba, Phoenix, que não é porque sua mãe não a ama que a separou de seu lado. É porque a ama que o fez.

A mudança de assunto era discordante, mas agradecia. O Onadyn estava fora da minha vista, fora do meu alcance. Poderia dirigir todo o resto que me lançassem.

—Não entendo.

—Me encontrei com ela esta manhã, sabe? Estava aterrorizada por contemplar como consumia, como morria, e te dizer adeus era mais do que podia suportar. Não depois de observar como seu pai se afastava.

A menção de meu pai fez que meu estômago se retorcer de dor.

—Sua mãe quer que tenha a vida que ela não pôde ter —disse Anjo.

—Como pode estar segura? —perguntei transpassando o nó de minha garganta. Em minha mente, recordei de novo os últimos minutos que estive junto com minha mãe, estudando seu rosto, seus olhos. Estavam torturados, compreendi. Seu corpo estava rígido, como se preparasse

para um golpe. Seus olhos estavam aquosos, como se estivesse contendo as lágrimas. Eu engoli. Quase soluçando.

—Tem um coração de ferro em seu interior —disse Anjo—, um coração que assusta e intimida os que não possuem um igual ao seu. Eles sabem que não podem te controlar e não sabem como trata-la.

Não respondi. Não podia. Uma multidão de emoções formavam redemoinhos dentro de mim: surpresa, dúvida, esperança, alegria, alívio, e cólera.

—Pense no que te disse, certo?

Devagar, assenti com a cabeça.

—Bom. —Anjo agitou a mão para a porta.— Saia daqui. Tem coisas a fazer, e a sessão terminou.

Não me movi.

—Então, posso ficar no acampamento?

—Por agora —disse, como se nunca tivesse questionado.—Simplesmente recorde, mais que ninguém, jamais baixe a guarda. Tem que ficar dois passos adiante do jogo ou sempre será vista como a segunda melhor.

Franzindo o cenho, levantei e me dirigi à porta, mas suas seguintes palavras me pararam.

—Só para que saiba. Havia um soro da verdade na água que bebeu. O fato que ainda fosse capaz de resistir à droga é assombroso e algo para estar orgulhosa.

O que? Girei ao redor.

—Soro da verdade?

—Isso. Na bebida. —Ela levantou a taça do líquido azul a seu lado, segurando-o e fechou a distância entre nós.—Isto combaterá os efeitos, assim não revelará nenhum segredo às suas novas amigas.

Ela poderia estar mentindo, mas não me importava. Não queria me arriscar, assim que bebi o conteúdo. Sorrindo amplamente, ela me envolveu com os braços e me deu um abraço.

Fazia tantos anos que ninguém me abraçava que quase não soube o que fazer. Quase. Paulatinamente, a envolvi com meus braços também. Não estava segura se gostava, mas não pude me deter nem que uma arma de fogo estivesse apontada à minha cabeça.

—A qualquer momento que quiser falar —disse ela—, aqui estou.

CAPÍTULO 11

No dia seguinte, depois de todas as nossas aulas —e outra sessão de terapia para mim—, (suspiro) foi a hora do descanso, ou como eles diziam “hora de nos conhecer uns aos outros”. Não nos permitiriam beber cerveja, é óbvio, mas nos disseram que poderíamos escutar música, participar de jogos, ver filmes, jogar vídeo game ou bilhar e comer toneladas de mantimentos. Bom, comida selecionada, mas isso era melhor que nada.

—Conheçam umas às outras —repetiu Mia quando alcançamos a soleira de uma repleta, mas espaçosa sala. Eu já podia escutar o tamborilar e o chocar das bolas.—Conheçam as garotas mais veteranas e os garotos. Mas não esqueçam, nem sequer por um segundo, que os estaremos observando. Já conhecem as regras.

Tendo soltado seu discurso, partiu, nos deixando na porta aberta.

Surpreendia-me que pudéssemos passar o tempo com os recrutas masculinos —e os instrutores?—, mal tive tempo de assimilá-lo quando as garotas avançaram. Uma delas me agarrou pelo braço e me arrastou dentro. Logo me encontrei na área de jogos. A sala estava fracamente iluminada, cheia de gente e transbordante de risadas e conversa.

Experimentei um estremecimento nervoso.

Todos ao meu redor pareciam saber onde se colocar e o que fazer enquanto eu não podia obrigar meu cérebro a funcionar corretamente. Deveria rir? Ou isso me faria parecer muito desenvolvida? Acenava com a mão ou isso era algo que só perdedores faziam? Deveria dançar ou era algo que só as garotas mais veteranas podiam fazer? E falando das garotas mais veteranas e experientes, nenhuma delas parecia gostar de nos dar as boas-vindas.

Neste lugar havia uma hierarquia bem definida. Uma escala de importância, pelo menos na mente das veteranas. Obviamente, pensavam que eram melhores que nós. Muito bem. De acordo. Possivelmente algum dia nós sentíssemos o mesmo pelas novas recrutas. Até então, considerava uma atitude estúpida.

Tudo vai bem. Soltei um longo suspiro, percorrendo o mar de roupa branca com o olhar. A única diferença entre as garotas-sabichonas era a cor da pele e cabelo. Encaixaria bem, de modo que uma das minhas preocupações já podia ser riscada.

Por que ainda está parada? Faça algo!

—Oh meu Deus! Tenho uma sobrecarga sensorial —disse Jenn.

—Não sei, querem se misturar? —perguntei às garotas.

—Ainda não. Estou pensando nisso. — disse Cara, soando tão nervosa como eu me sentia.

Elas pareciam controladas, mas não era assim que se sentiam e isso me consolava. Não era a única.

—Este lugar é delicioso. —disse Kitten, soando tão impaciente para saltar à ação como sempre.

Bem, ela era a exceção.

O chão era de azulejos brancos e negros, quase enjoativo e uma luz intermitente pendurava do teto. Holografias de estrelas de filmes oscilavam em todos os cantos. Várias mesas transbordavam com o alimento prometido e as rodeavam sofás e cadeiras de suave couro para poder relaxar.

Pela extremidade do olho, vi Emma se afastar até um canto vazio e desaparecer nas sombras. Franzi o cenho.

—Qual o problema de Emma?

Dani agitou uma mão no ar, removendo as mechas de cabelo da frente dos olhos. Afastou-as com os dedos.

—Quem sabe?

—Eu sei —respondeu Jenn. Com seus olhos escuros brilhando, inclinou-se para nós e sussurrou—: Não digam a ninguém, certo? Porque não quero que isto se converta numa intriga, mas um dia que foi nadar foi violentada por um grupo de Lyrosses.

A impressão me atravessou, seguida rapidamente da compaixão. Jamais ouvi falar dos Lyrosses, mas uma violação era uma violação.

Jenn deve ter sentido minha perplexidade porque acrescentou:

—Não sabemos muito deles, mas o que sim sabemos é que faz alguns anos atravessaram os portais e agora vivem em nossos oceanos.

Bem. Jamais nadaria de novo. Por que diabos se calavam uma informação assim? Isto era algo que as pessoas tinham direito de saber. Me perguntei quantas mulheres humanas mais foram violentadas ao ir nadar.

O rosto de Lindsay se abrandou.

—Pobrezinha. Violentada —estremeceu.

—É horrível —com rosto triste, Johanna colocou uma mão sobre o coração.—É… espantoso. Minha irmã foi violentada por um namorado, e me lembro o inferno que experimentou durante a recuperação.

—Como sabe tudo isso? —perguntei a Jenn.

—Obviamente sei tudo porque o Chefe disse à minha mãe. Acredito que eles são… —se deteve, seus traços escuros fazendo uma careta enquanto soltava com voz estrangulada—… amantes. De todo modo, Emma tentou se suicidar depois e foi arrastada aqui quando se recuperou. Querem canalizar sua raiva, fazer dela uma fria assassina, como Le'Ace, ou um agente incontrolável como Snow.

Meus olhos procuraram Emma, tentado encontrá-la entre as sombras. Só vi escuridão. Violentada. Não podia imaginar tal coisa. Eu tive sexo mais vezes das que deveria ter, era muito jovem, sem estar preparada e o fiz pelos motivos errados, mas todas as vezes foi por minha escolha. Não sabia como teria reagido se tivessem me forçado.

Quis ir até ela, mas não o fiz. Só me afastaria, me rejeitaria. Sabia além de toda dúvida. Além disso, que ajuda poderia dar? Não conhecia a dor que suportou; em sua mente, jamais seria capaz de entendê-la. Similar a uma pessoa não drogada que tentasse falar comigo de adição. Nada sairia disso, exceto frustração.

Nesse mesmo momento, alguém riu. E alguém mais. Afastei minha atenção do canto e explorei a sala de novo. Nada mudou. A conversa fluía ao nosso redor como um rio.

As garotas mais veteranas preferiam a área do salão, compreendi depois de uma inspeção mais exaustiva. Mantinham a maior parte dos garotos ocupados… exceto um pequeno grupo que se mantinha a distância, observando tudo com os olhos muito abertos. Exatamente como minhas amigas e eu fazíamos.

Deviam ser os novos recrutas masculinos.

—O que achará disto o pervertido do Bradley? —perguntou Kitten se inclinando para mim.

—Ah, ah, ah. E quem é Bradley? —Cara enredou uma mecha de cabelo no dedo.—E quando o conheceu?

—Sim —assinalou Jenn com expressão pensativa.—Conte-nos.

Kitten explicou tudo com rapidez e ela não pôde ocultar o prazer em sua voz.

—Possivelmente aquele seja Bradley —disse Dani, assinalando.

Ela era bonita. O cabelo loiro, a pele pálida e os olhos verdes lhe davam um halo de conto de fadas enquanto agitava a mão em volta de um dos garotos, sorrindo com acanhamento.

Revisei no círculo de garotos, que agora nos olhava. Eram todos altos, magros e muito fortes. A cor de seu cabelo abrangia do mais escuro como a meia-noite ao mais claro como o sol da manhã. Alguns eram magníficos, outros eram lindos, e o resto tinha um rosto comum que facilmente poderia se perder entre a multidão. Era o mais bonito quem devolvia a saudação de Dani.

—Sinceramente, espero que aquele não seja Bradie. —disse.

Kitten não gostaria que Bradley gostasse muito de Dani. Mas tão arrogante como o menino era, tinha que ser um dos magníficos.

E, como de costume, me enganei.

Dois dos garotos do grupo manobraram entre as pessoas e se dirigiram diretamente para nós. Um era pouco bonito e o outro tinha tal forte atrativo que nenhuma fêmea poderia se negar. Ambos pareciam felizes. Cara e Jenn brincaram com seu cabelo e cobriram o rosto com as mãos.

—Alerta. Testosterona pura —murmurou Dani, parecendo feliz.

E excitada.

—Oh, Meu Deus! Eu o quero—disse Cara.—Fico com o alto.

Quando os garotos chegaram, pararam diante de Kitten. O mais baixinho dos dois, o de rosto comum, cabelo escuro e quase femininos olhos verdes, assinalou com o queixo o Teran.

—Você é Kitten? —perguntou.

Imediatamente reconheci sua voz. Era Bradley: o arrogante e só um pouco pervertido garoto.

—Essa sou eu —respondeu Kitten. Tão impaciente como estava por ver Bradley, agora agia despreocupadamente. —E você é?

Quis sorrir amplamente, mas não me permiti isso.

Ele fez girar os olhos, sem estar absolutamente impressionado pela atuação de Kitten.

—Como se não soubesse, benzinho. Este é meu companheiro de quarto e meu fodido colega, Erik Trinity. É seu segundo semestre aqui —seu braço rodeou os amplos ombros de Erik.

Erik tinha o cabelo castanho —e um pouco emaranhado—, e olhos verdes rodeados por longos e espessos cílios. Irradiava tal confiança e masculinidade que atraía e prendia os olhares das garotas. Era alto e forte, o tipo de cara que se queria ao seu lado e que dava a entender que faria o que fosse para te proteger.

—Quem é Phoenix? —perguntou Bradley.

—Eu —levantei o dedo.

Deveria me sentir excitada por conhecer garotos da minha própria idade. Sobretudo porque Erik era incrivelmente atrativo e me sorria abertamente como se não se importasse em chegar a me conhecer.

Ele não era meu instrutor, e estritamente não estava proibido. Assim deveria devolver o sorriso, mas…

—Apresento nossas amigas —disse e logo apresentei às demais.

Erik descobriu Cara, a que gritou "fico com o alto", e seu fôlego se prendeu na garganta.

O sorriso se alargou, e um perverso brilho iluminou seus olhos cor esmeralda.

—Olá!

Um menino volúvel, não é? Pensei, regozijada comigo mesma.

Cara enredou uma mecha de cabelo.

—Olá!

Apesar das regras, os encontros iriam ocorrer. Era óbvio. Ryan saiu com alguma companheira quando foi estudante? A ideia fez que minhas mãos se apertassem em punhos.

Alguma vez transgrediu as regras e saiu ou beijou uma recruta?

Faria-o?

Ele saberia o que fazer na cama, pensei, e possivelmente até fosse capaz de me dar um orgasmo. Me envergonhava em admitir, mas, com tantos garotos com que, me deitei, jamais experimentei um. Li sobre isso em livros e ouvi meus amigos falando, mas isso sempre me evitou.

Uma imagem de Ryan deitado na minha cama, me chamando com o dedo, cruzou na frente dos meus olhos. Estremeci. Eu caminharia para ele, deitaria lentamente sobre seu corpo, e ele beijaria o fôlego diretamente de minha boca.

—Como estão passando sua estadia aqui, senhoras? —perguntou Bradley, afastando de mim tais pensamentos diabólicos e perversos.

—Não sou uma senhora, mas de repente adoro tudo isso —disse Erik.

Todos nós rimos.

—Quer que traga algo para beber? —perguntou Bradley a Kitten.

—Não, obrigada —respondeu ela, jogando o multicolorido cabelo sobre o ombro. Vislumbrei brevemente suas bicudas orelhas.—Não tenho sede.

Ainda se fazendo de difícil, não é?

A decepção se refletiu no sardento rosto de Bradley, mas se recuperou rapidamente.

—Como quiser —disse—, provavelmente seja uma chata e, de todo modo, teria perdido o tempo.

—Chata! —ofegou ela, evidentemente ofendida.

—Assim é —ele se inclinou sobre seu espaço pessoal.—Seus ouvidos funcionam muito bem. Disse chata. Quer que soletre isso também?

—E você quer que tire seus olhos com um golpe e os coma.

Dirigiu um sorriso satisfeito.

—Ainda desesperada para conseguir um pedaço de mim, verdade?

—Por que não vai…

—Vamos, Erik —disse ele, cortando-a.—Preciso de um chute de cafeína para despertar. Kitten quase consegue me adormecer.

Sem outra palavra, os dois garotos partiram. Embora Bradley virtualmente teve que arrastar o pobre Erik, que continuou olhando Cara sobre o ombro.

—O matarei—grunhiu Kitten.—O matarei!

—Por que não tomou algo com ele? —exigiu Cara, dando um forte pisão com o pé. —Não pude falar com Erik.

—Se Erik quisesse falar com você, boneca, ficaria —murmurou Kitten entre dentes. Seus olhos observaram como Bradley se aproximava de outro grupo de garotas e sussurrou baixinho.—Um playboy. Sabia. E não sou uma chata!

—Por que simplesmente não admite? Quer um pedaço do Bradley —disse.

Ela soprou e deu as costas aos garotos.

—Há!

Sacudi a cabeça e pela extremidade do olho descobri Ryan na porta. Engoli ar.

—Uh, escutem. Preciso de um momento… longe da multidão.

—Quer que vá com você?

—Não —só vê-lo durante aquele breve segundo fez meu sangue esquentar. Meus membros ficaram instáveis e meus pulmões se fecharam.—Fiquem aqui. Divirtam-se. Voltarei logo.

Enquanto caminhava para a porta, vi que ele se foi. Onde estaria?

Apertei o passo, procurando e procurando.

—Não gosta da festa?

Ofegando, me endireitei. Ele deu um passo fora das sombras. Vê-lo outra vez, realmente doía.

—Vai à festa?

—Não. Não me toca me passar por acompanhante —ele fez uma pausa. Sua cabeça se inclinou a um lado enquanto me estudava.—Quer passear comigo? Conversar?

Não era uma pergunta que eu precisasse pensar. Assenti com a cabeça e me coloquei ao seu lado. O aroma de pinheiro procedente dele me envolveu e sua mão roçou a minha. Minha pele se arrepiou. Já deveria estar acostumada. Começamos a caminhar, as duas únicas pessoas pelo corredor.

Por que as coisas que eram incorretas sempre eram boas?

—Do que quer falar? —perguntei para encher o silêncio.

—Por que não me fala de seu último namorado? —disse ele, seus olhos permanecendo fixos à frente.

Quase engasguei. De nenhuma forma queria falar de minhas estúpidas decisões.

—Por que não me fala você de sua última namorada?

Seus ombros se elevaram com um encolhimento.

—Não duramos muito. Era uma civil e se cansou do tempo que eu passava aqui. Sua vez.

De acordo.

—Ele era quatro anos mais velho que eu. O conheci na reabilitação, mas ele não estava pronto para deixar de consumir. Quase deixei que me convencesse que me drogasse só uma vez mais. Há, só uma, é claro! Mamãe sempre dizia que saía com garotos mais velhos porque procurava uma figura paterna. Algo para compensar a forma que meu pai nos abandonou. Embora certamente agora seja mais inteligente. Mais sábia.

É por isso que se sente esmagada pelo Ryan, huh? Quanto inteligente é isso?

—Mas não se drogou —disse ele—, e isso é o importante.

—O não sair com perdedores é igualmente importante, mas ignorei essa pequena pérola de sabedoria.

Ryan riu entre dentes. Chegamos ao final do vestíbulo e giramos, nos dirigindo de novo à festa.

—Até agora, qual é sua parte favorita do acampamento?

Sinceramente?

—Sua aula —a demonstração, para ser exata.

—Lambendo o traseiro do professor?

—Se quisesse lamber o traseiro do professor, não teria dado um murro na cara.

O sorriso dele se alargou.

—Certo —embora tínhamos reduzido a marcha de nossos passos, alcançamos as portas muito cedo. Quis pôr-se a caminhar de novo, mas ele disse:

— Phoenix —se deteve e me olhou.—Ainda não está segura se quer ficar ?

Contemplei fixamente minhas botas.

—Eu gostaria de ficar, mas parece que todo mundo está esperando para me expulsar.

Não pude me deter e me aproximei. Ele não se afastou para trás. Queria beijá-lo e não me importavam as regras. Simplesmente queria sua língua em minha boca.

Mas enquanto nos olhávamos um ao outro, um trio de sorridentes garotos irrompeu na sala. Ryan se separou de um salto, com ar de culpa. Teria deixado? Se não fossemos interrompidos, teria me deixado beijá-lo?

—Se vai ser expulsa, sempre é melhor cair lutando —disse ele, se afastando.—É melhor ser a que eles lamentem e se surpreendam de perder que a perdedora que eles confiam que seja.

—Talvez.

—Definitivamente.

A decepção me embalou quando vi que ele partia.

—Nos veremos. —disse, saudando com a cabeça, girando sobre seus calcanhares e afastando-se a passos longos.

"Melhor cair lutando" havia dito. A ideia de dar tudo e ainda terminar deficiente me espantava. Essa seria a máxima prova que era uma perdedora.

Suspirando, empurrei a porta e entrei na sala. A música era igualmente ruidosa e golpeante, e minhas amigas estavam onde eu as deixei. Sorriram quando voltei para seu lado.

—Ei, Phoenix —disse uma voz dura de repente.

—Sim? —Dei uma olhada a quem me falava.

Ela estava de pé a minha esquerda e era uma bonita garota de cabelo escuro, olhos negros e expressão irritada. Allison Stone. A irmã do Ryan.

—Ouvi que ontem venceu Ryan —disse ela.

Seus olhos brilharam com desafio.

—Sim. E o que? —Ela deixei claro sua aversão por mim durante a entrevista, assim não ia esbanjar meu tempo sendo amável com ela.—O que faz numa festa para recrutas?

Ela sorriu abertamente com prazer.

—Sou a acompanhante.

Seis de suas amigas se alinharam ao seu lado e cruzaram os braços uma após a outra.

—Assim… —disse Allison com um tom satisfeito—…, acredito que pensa que é melhor que nós.

—Acha isso? Bem —Kitten ficou ao meu lado e estudou suas longas unhas, ronronando baixinho.—Não sei de onde tira a informação, mas está errada. Ela não pensa isso; sabe. Nós sabemos.

A fúria ardeu no rosto de Allison.

—Por que não demonstra, então, fracote? —Ela estendeu a mão, me empurrando.

Tropecei atrás uns passos. Quando me estabilizei, passei a língua por meus dentes. Ah, não, não, não. Não ia jogar este jogo. Ninguém me empurraria a isso. Lutar contra ela não era uma opção. Estava proibido. Poderiam expulsar a mim e ela não. O chefe era seu pai. Aposto que Allison poderia me assassinar e não se meter em problemas. Mesmo assim… se a deixasse me intimidar agora, sempre continuaria fazendo. E seus amigos também. Vi milhares de vezes e, admito, eu o fiz com outros. Tinha que me impor agora ou sofrer durante o resto do ano.

Tinha que tentar que recuasse, mas, poderia fazê-lo sem quebrar nenhuma só regra?

—Me toque outra vez —disse, entrecerrando os olhos e apertando os lábios—, e farei que lamente.

Sua boca se frisou num sorriso satisfeito. Satisfeita, satisfeita, satisfeita. Tudo nela era satisfação.

—Isso é altamente improvável. Tive quase doze meses de treinamento. Posso pegar meninas como você e quebrar seu pescoço.

Fechei cada centímetro de distância que havia entre nós até que nossos narizes se tocaram e seu fôlego se misturou com o meu. Ao meu redor as conversas pareceram se apagar. Os batimentos do meu coração se aceleraram. Sabia que ela podia me superar. A vi lutar contra os Sybilins e sabia que eu tive sorte por derrubar Ryan ontem. Ele não esperava que agisse. Allison, entretanto, o fazia. Desejava.

Mas, de novo, não podia voltar atrás, não podia mostrar nenhum olhar de medo.

Elevei o queixo.

—Adiante. Tente. Farei a você o que fiz àquele Sybilin: golpearei sua cara até convertê-la em mingau.

Um pouco de cor abandonou seu rosto. Bem. Recordava que eu também tinha algumas habilidades, embora estivessem verdes ainda. Mas ela tampouco se afastou atrás.

—Tudo o que é, é uma drogada. Uma desgastada e estúpida viciada.

Ouvi vários ofegos e apertei a mandíbula. Como se atrevia a contar meu passado? Como se atrevia! Isso era informação confidencial. Agora já era muito tarde para manter a calma.

—Sou uma ex-drogada que não tem medo de você.

—Você não merece estar aqui, ex-drogada ou não. Não é o bastante boa.

—Seu pai pensou de maneira diferente —fiz uma pausa, me obrigando a esboçar um perverso sorriso.—Por isso você está aqui? Porque papai puxou alguns fios?

Seus olhos se escureceram, e vi que sua decisão de me atacar solidificava. Devido a Le'Ace, suas observações, aprendi a olhar e absorver detalhes que jamais notaria antes.

Allison balançou para mim, com a palma aberta voando em direção ao meu nariz. Ela pensava me incrustar a cartilagem no cérebro. Puta. Ryan me mostrou esse movimento em aula… e o que fazer exatamente. Entretanto, ao invés de golpeá-la no estômago com meu ombro, esquivei e movi a perna, enganchando seus tornozelos e enviando-a diretamente ao chão.

Ela ofegou com surpresa, incrédula, mas estava de pé antes que pudesse piscar. Pouco depois me deu um murro na bochecha. Desta vez não tive tempo de me jogar de lado e a dor explodiu na minha cabeça.

A adrenalina me alagou, potente e espessa, e graças a Deus, afogando todo indício de dor. Em segundos, estava reta, me sentindo mais forte do que jamais me senti antes. Invencível. Poderosa.

Esquivei quando ela se equilibrou sobre mim de novo e a golpeei no estômago. A luta estava em seu apogeu agora. O ar assobiou de sua boca e Allison se inclinou, me derrubando no chão com ela. Então ambas comecemos a rodar e rodar, até que ela estava em cima de mim. Usando toda minha força recém-descoberta, esquivei-me, a prendi e golpeei a cara tal e como prometi.

—Puta —grunhiu, e rodamos pela segunda vez. Ela apontou com seus afiados dedos para minha garganta.—Meu irmão não é para você!

Consegui agarrar seu pulso antes do contato, parando seu ímpeto.

—Nunca disse que era.

Arqueei minhas costas e esquivei de novo, desalojando-a o suficiente para torcer uma de minhas pernas e a chutar no estômago.

Antes que eu fizesse contato, alguém me agarrou num blindado apertão.

—Parem! O que acham que estão fazendo?

Ryan.

Sua voz se escutava em minha orelha. Girei para confrontá-lo ao mesmo tempo que Allison se lançava adiante. Ela saltou no ar, girou, e pensou em me golpear no rosto com o pé. E o faria, mas antes que soubesse o que fazia, Ryan nos girou e recebeu o golpe ele mesmo.

Allison aterrissou no chão, ofegando.

—Ryan! Ryan, sinto muito —arrependida, precipitou-se a seu lado.

Todos pararam e olharam fixamente do irmão à irmã. E a mim, a intrusa. Quem sabia o que pensavam. Eu não sabia o que pensar.

Com a fúria retorcendo seus traços, Ryan assinalou com um dedo o rosto de Allison.

—Você é melhor que isto, Ao… Sabe fazer isso de outra forma —seu lábio sangrava, inchando já.—vá ver o Chefe. Espera por você em seu escritório.

Ela vacilou e empalideceu. Sua expressão era torturada enquanto olhava de Ryan para mim e de mim para Ryan.

—Vá! —ordenou ele severamente.

Ela deu a volta e escapou da sala.

—Você —disse Ryan, me agarrando uma vez mais.—Venha comigo —sem esperar resposta, me empurrou para o corredor e depois tomamos o mesmo caminho que Allison.

Podia sentir a cólera irradiando dele. Havia algo mais, pensei, alguma coisa que não podia identificar sob tanta emoção negativa. Dei um olhar necessitado sobre meu ombro e olhei Kitten fixamente. Um de seus olhos já estava negro e ofegava, mas me sorriu como uma gata contente.

As portas se fecharam obstruindo a imagem.

Ryan parou, deu a volta e assinalou meu rosto com um dedo, tal e como fez com sua irmã.

—Que diabos foi tudo isso?

Cruzei os braços sobre meu peito e dei uma olhada ao nosso redor. Estávamos no corredor e sozinhos.

—Pergunte a Allison —disse. — Era ela quem procurava problemas.

Ele arqueou uma sobrancelha, sem serenar o mínimo.

—Minha irmã jamais atacou uma recruta antes. O que fez para provocá-la?

Franzindo o cenho, separei com um tapa seu dedo. Há uns minutos, ele tinha foi super agradável comigo, por isso sua acusação doía ainda mais.

—Não. Fiz. Nada. Assim não se atreva a me culpar por isto.

Ele agarrou meu pulso. Pensei que pretendia me puxar adiante e gritar no rosto por desafiá-lo ao golpeá-lo, mas não o fez. Sustentou meu olhar, me mantendo à distância de seu braço. Pouco a pouco, sua expressão se abrandou.

—Tem talento, Phoenix. Não quero ver como o desperdiça.

Meus ombros afundaram e o fogo da minha cólera morreu subitamente. Nossos olhos se encontraram, exatamente da mesma forma que o fizeram há pouco. Um tremor me percorreu. Afundei em sua atração. Podia sentir seu calor corporal. Seus calosos dedos criavam uma sussurrante fricção sobre minha pele.

Imediatamente, ele me liberou, se afastou um passo e passou a mão pelo negro cabelo.

—O que está me fazendo?

Minha mandíbula se abriu com assombro.

—Eu? Não faço nada —exceto o desejar, acrescentei silenciosamente.

Ainda queria que ele me beijasse. A necessidade era tão forte que de repente não me importava que me expulsassem a chutes, me colocasse em problemas ou que me apagassem a memória.

—Não faço nada, há! —soprou.

De novo, fechou a distância entre nós.

Sim, pensei. Aproxime-se… aproxime-se…

Seu limpo aroma de pinheiro me envolveu.

—É tudo no que posso pensar —sussurrou em meu ouvido.—Eu a procuro nos corredores. Constantemente me pergunto o que estará fazendo e com quem. Por que acha que estava observando a festa? Esperava que me visse e saísse. Não posso tirá-la de minha cabeça, mesmo que seja proibido.

Engoli ar. Assim ele sentia o mesmo! O zumbido da atração. A necessidade. Abri a boca para responder, confessar como me sentia, mas ele sacudiu a cabeça.

—Não diga nenhuma maldita palavra —disse ainda sussurrando.—Se ouvir que também me deseja, perderei o controle —soltou um instável suspiro, e esse sopro abanou o lóbulo de minha orelha.—O Chefe viu sua briga. Ele vê e sabe tudo porque há câmaras em todas as partes. Inclusive aqui.

Empalideci.

—Vamos —disse Ryan, forte desta vez.—O Chefe quer ver você e a Allison.

O segui, observando fixamente suas costas. Suas palavras se repetiam em minha mente. Não as últimas que disse, mas sim as que não deveria ter dito: “É tudo no que posso pensar”.

Ryan me queria. Ryan realmente me queria!

Um descobrimento maravilhoso e terrível. Durante alguns segundos, acreditei que podia deixar a A.I.R. por um simples beijo dele. Lúcida agora, sabia que isso não era verdade. Não podia. Não. Pertencia aqui. Não queria partir, custasse o que custasse, tinha que ficar.

O pensamento mergulhou em meu interior como se um interruptor fosse ligado. Agora admitia… agora que quebrei uma regra e o mais provável era que me expulsassem. Escapou-me uma risadinha amarga. A que horas compreendia a verdade! Valia a pena lutar com todas as minhas forças para ficar neste acampamento.

Aqui tinha um objetivo. Uma meta. Chegar a me converter num definitivo agente do A.I.R; proteger os inocentes era honorável. Não havia melhor carreira para mim. Não posso perder isto.

Neste momento, o acampamento era tudo o que tinha.

Permaneci calada enquanto Ryan me conduzia pelos corredores. Logo me encontrei sentada ao lado de Allison e em frente ao grisalho Chefe que sentava atrás de uma escrivaninha enorme. Ele usava aqueles mesmos óculos negros. Em toda a parede às suas costas havia uma seleção de hologramas diferentes, mostrando cenas diferentes. A festa. As salas de aula, que agora mesmo estavam vazias. Os corredores. Os garotos entravam e saíam de seus quartos.

O Chefe se inclinou atrás e cruzou os braços sobre seu peito.

—Alguém quer me dizer o que aconteceu? —perguntou com aquela voz profunda dele.

Encolhi os ombros, tentado agir despreocupadamente mesmo que o medo pulsasse em meu interior. Esta era exatamente a situação em que não quis me encontrar. Muito obrigada, Allison.

Meus nódulos palpitaram quando diminuiu o nível de adrenalina.

—É uma puta. —disse Allison, me assinalando.

Não respondi, embora quisesse fazê-lo. E bastante mal. Mantenha-se íntegra; aja como uma agente.

—Você foi contra ela desde que Ryan me contou como lutou e Mia a recomendou —disse o Chefe.—Por que?

—É uma drogada —grunhiu Allison.

—Ex-drogada —disse.

—Os drogados não se reabilitam —insistiu Allison.—Especialmente não esta. Você não a viu na escola, papai. Ela consumia Sem Fôlego constantemente. Era grosseira e roubou coisas do meu armário. Tratava todos, exceto seus amigos, como lixo. Era escandalosa e desagradável na classe, interrompendo sempre o professor. Alguns de nós, realmente, queríamos aprender —me espetou.

Minhas mãos se apertaram em punhos.

—Ela, por fim, conseguiu estar limpa. Não consumiu em meses. Até passou no teste de Anjo. E também lamenta tê-la roubado.

Roubei muitas coisas, e sabia disso, mas não recordava de quem.

—Será capaz de resistir quando estivermos em campo aberto e as drogas saltarem ao seu redor? —exigiu Allison.—Se drogará e o resto de nós ficaremos desprotegidos e vulneráveis devido a isso.

Elevei o queixo, decidida.

—Nem sequer me deu uma oportunidade. Já me condenou.

—Ela tem razão —disse o Chefe, estreitando os olhos sobre sua filha.

Os lábios de Allison se apertaram numa linha, mas não comentou nada.

—Este é o primeiro aviso de atenção. Outro mais e ambas serão expulsas. E sim, Allison, também é para você. Pelo incidente de hoje, proíbo as duas a assistir atos sociais durante duas semanas. Se brigarem outra vez, as consequências serão piores. Preciso que meus recrutas trabalhem juntos, que sejam uma equipe. Se houver atritos entre os agentes, os outros-mundos aproveitarão e triunfarão. Por isso a partir de agora passarão cada tarde algumas horas juntas, e assim chegarão a conhecer uma à outra.

—O que! —ofegou Allison.

O Chefe arqueou as sobrancelhas, e elas apareceram sobre a borda dos óculos de sol. Surpreendeu-me ver que eram completamente negras.

—Ditei meu veredicto final. Podem partir.

Houve uma pausa e ficamos sentadas numa atordoante incredulidade. Por motivos diferentes, com certeza.

—Partam! —ladrou ele.

Nenhuma de nós disse uma palavra enquanto nos púnhamos de pé. Olhamos uma à outra, franzimos o cenho, e logo afastamos o olhar. Duas semanas junto com Allison. Eu não gostava, mas suportaria. Pelo menos não fui expulsa do programa. Não era tão severo como parecia.

Sorria amplamente quando parti.

CAPÍTULO 12

Surpreendentemente, as duas semanas seguintes passaram a uma velocidade de relâmpago, sendo tempo obrigatório junto com Allison meu único ponto escuro. Todos os dias faziam o teste do Onadyn e os superei. Gostava dos meus novos amigos e adorava minhas aulas onde aprendia muito.

Bom, isso não era de tudo certo. Deveria estar aprendendo muito. Tinha problemas para memorizar os numerosos pequenos detalhes. Havia tantas espécies e tanta informação sobre elas que às vezes me achava sonhando acordada durante a aula.

Alguns momentos, inclusive, rezava para que o proverbial sino soasse.

Até agora aprendi que alguns aliens não respiravam pelo nariz, mas sim pelas orelhas. Que outros tinham medula espinhal, ossos e inclusive pulsados do coração e que uns poucos emitiam veneno e nós não devíamos tocá-los. Mas podia nomear que aliens tinham esses traços? Não, nem sob pena de morte.

Realmente, como supunham que uma garota armazenara tantos dados?

É óbvio, havia uma coisa que sabia com garantia. Evitava minha inter-relação com Ryan. O via nas aulas de combate, mas ele nunca me solicitou de novo para uma demonstração. Nunca fazia contato com meus olhos. Depois das assombrosas coisas que me disse… que me queria… que pensava em mim constantemente… estava viajando.

Logicamente, sabia por que me tratava dessa forma. Evidentemente, sabia que era melhor assim. Mas não gostava e queria que parasse.

Não pense nele. Tem que estudar! Todas nós logo íamos ser postas a prova. Bom. De acordo. Os Arcadians eram psíquicos, muito rápidos e quase humanoides.

Os Mecs, averiguei, podiam controlar a meteorologia e gostavam das zonas quentes. O melhor modo de debilitá-los era congelando-os. O Artic, uma arma que disparava balas de nitrogênio líquido, estava em desenvolvimento. Não podia esperar para prová-la!

Os Ell Rollis, que eram grandes e fortes, mas que não podiam formar nem um só pensamento se por acaso estavam sozinhos, frequentemente eram usados como guarda-costas. Obedeciam ordens sem vacilar e quando lhes davam uma tarefa nada os dissuadia de não fazê-la. Inclusive se aquela ordem fosse destruir o mundo.

Alguns Taren —a raça de Kitten— podiam caminhar pelas paredes. Kitten negava possuir tal habilidade e se negava a confirmar que outros como ela podiam fazê-lo realmente. Negava-se a confirmar tudo. Me alegrava que permanecesse muda. Quero dizer: Estudar que eu (e qualquer outro), pudesse incapacitar minha companheira de quarto e amiga a beliscando na nuca, não seria divertido.

Embora não me compadecesse de Kitten. Nós também estudamos como incapacitar os humanos em caso que interferissem em nosso trabalho.

Nas aulas de armas, por fim pudemos disparar uma pyre carregada. O raio saiu do cano brandamente, com facilidade. De fato, não saberia que disparei se não fosse pelo raio amarelo que iluminou o quarto como uma demonstração de jogos artificiais. Bom, por isso e pelos efeitos

secundários. A destruição daquele raio era assombrosa. Meu objetivo se converteu em cinzas em questão de segundos. Minha força, aprendi, radicava na minha pontaria. Quanto mais praticava, melhor o fazia. Era muito, muito, muito boa em acertar o que apontava, até nas distâncias longas. Podia lançar estrelas melhor que ninguém em minha classe.

Ryan nos ensinou como ocultar e lançar facas de nossos sapatos e mangas de camisa. Cada dia me sentia um pouco mais poderosa. Mais importante. Mais invencível. Acredito que quis me sentir assim toda minha vida, mas não consegui e por isso caí no Onadyn, para esquecer meu fracasso. A A.I.R. era minha nova droga.

Sorri amplamente. Além disso, uma vez por semana praticávamos invasão de moradia. Até agora, aprendemos a grampear telefones e sabotar um sistema de segurança comum. O que foi legal.

—Do que você ri? —me aguilhoou Allison.

Rapidamente perdi meu sorriso. Ambas, geralmente, passávamos o tempo nos insultando. Hoje, nosso penúltimo dia juntas, aparentemente, não seria diferente.

—Não se meta no que não se importa! —disse.

—Não se meta no que não se importa! —zombou ela.

Mostrei o dedo médio e me joguei atrás na incômoda cadeira que me atribuíram. Olhei o teto, sabendo que as câmaras nos observavam. Não sabia onde estavam, assim estudei o teto como qualquer outro lugar. Liso e prateado. Comum.

—Vá à merda —resmunguei.

—Preferiria comer vermes do que estar aqui com você.

—Talvez fale com seu pai para ver se posso conseguir.

—Diga-lhe e a matarei —fechou os punhos sobre a mesa que nos separava.—Um dia, vamos nos encontrar na rua e…

—Me deixe adivinhar — disse, cortando seu discurso—, me fará lamentar por ter nascido. Que original.

Não respondeu, e me obriguei a não pensar nela. Deus sabia que odiava pensar nela tanto como em meu próximo exame de matemática. Matemática. Puf. Quase gemi.

Descobri que passei em todos os meus testes de aprendizagem, exceto matemática. Portanto, tinha que ter aulas dessa matéria todas as noites. Trigonometria, entre todas as coisas. Por que não se considerava isso antiquado agora? Uma vez que passasse, conseguiria me graduar no instituto. Estava excitada com a expectativa. Eu, graduada!

Escrevi para minha mãe sobre isso, mas não me respondeu. Não me escreveu ou a A.I.R analisava minhas correspondências (como prometeram). Esperava que fosse a última. Minhas sessões de terapia com Anjo me convenciam cada dia mais que minha mãe realmente se preocupava comigo, que simplesmente não sabia lidar com a ideia de me perder como perdeu meu pai.

Sei que já disse antes, mas algum dia faria que se sentisse orgulhosa de mim. Ia pedir perdão por todas as coisas más que fiz. Pagaria suas dívidas e deixaria que se aposentasse, relaxasse e

desfrutasse da vida. Esse era meu sonho, pelo menos. Ninguém me disse quanto dinheiro ganhava um agente da A.I.R., mas inclusive se fosse uma miséria, daria a ela cada centavo.

Já não era uma má filha. Não, já não. Era alguém a quem elogiar.

Quero dizer, sentava cada quarta-feira nas minhas aborrecidas aulas sobre política alienígena e não me permitia cair adormecida… mesmo que às vezes quisesse dormir mais que nada no mundo porque ainda não me adaptava ao meu novo programa. Agora sabia o que era a disciplina!

Realmente, a quem importavam as classes dirigentes dos outros-mundos? A mim não.

Estaria melhor na minha aula de interrogatório de alienígenas da quinta-feira. Claro que era uma aula que garantia manter uma garota toda a noite em claro. Nela aprendíamos o que fazer e dizer exatamente para conseguir as respostas que necessitávamos. Mediante perguntas simples no princípio, devíamos descobrir o que queria o sujeito ou do que tinha medo para logo usar essa informação em nosso interesse. Devíamos manter o contato com os olhos. Devíamos mentir para ele ou usar a tortura, se fosse necessário, para conseguir o que queríamos.

Estremeci com a ideia, uma ação nascida do temor e da antecipação. Cuidar de manter a salvo este planeta era tão embriagador como aterrador.

—No que pensa agora? —exigiu Allison.

—Em tortura. —respondi com sinceridade.

Uma de suas sobrancelhas se elevou como por acaso.

—A minha?

Encolhi os ombros.

—Possivelmente.

—Não é algo pelo que tenha nunca que me preocupar. Cedo ou tarde a expulsarão com um chute do acampamento. Você e essa amiga Teran que tem.

—Ela tem um nome —disse entre os dentes apertados.

—Sim. Alien.

Agarrei meus joelhos para me impedir de estender a mão e esbofeteá-la.

—Ela é melhor pessoa do que você será jamais.

Kitten e eu nos tornamos muito unidas nestas duas últimas semanas. Era, sem dúvida, minha melhor amiga aqui. Não se importava que eu tivesse consumido drogas. Era simpática, amável e engenhosa e sempre estava ao meu lado. Na escola tive amigos, mas podiam correr como ratos para salvar a si mesmos… e frequentemente o faziam. Também gostava que Kitten estivesse tão louca pelo Bradley como eu estava pelo Ryan. Não que alguma de nós admitisse tal coisa. Bom, não em voz alta.

Cada noite tinha que escutar a repetição das coisas (horríveis) que Bradley disse para Kitten em seu último encontro.

—Por que não o procura? —perguntei finalmente ontem.

—O que? —Foi sua obstinada resposta.—E quem disse que o quero?

Rolei os olhos.

—Se não o quer, diga-lhe. Possivelmente assim a deixará em paz e procurará alguém mais.

Gemeu.

—É só que cheira tão bem! Mas eu não compartilho. Nunca. E ele é um tipo que gosta de revoar de flor em flor.

Diferente de nós, Cara e Erik se conectaram. Durante as horas mistas, sempre se ocultavam num canto, falando, rindo e tocando um ao outro. Suspirei, um pouco ciumenta.

—E agora o que acontece? —disse Allison.

—Por que quer saber?

—Sua voz é melhor que o silêncio. Ligeiramente —acrescentou ininteligivelmente.

—A sua não —respondi.

Deus, queria sacudi-la! Era tão arrogante, tão altiva. E eu ainda jogava presunção por seu desdém para Kitten.

Allison me franziu o cenho.

—Escute. Vamos deixar desta merda e falar da verdadeira questão aqui. Gosta do meu irmão. Sei pela forma que o olha e estou farta disso.

Mordi o interior da bochecha até sentir o metálico sabor do sangue em minha boca.

—Bem, e viu a forma como ele me olha?

—Ele não gosta de você —insistiu ela, inclinando-se adiante e plantando as mãos sobre a mesa—, e inclusive se o fizesse, não se arriscaria à ira de nosso pai fazendo algo a respeito. Vocês dois são impossíveis.

Já sabia e não gostava que me lembrassem disso.

—Se é impossível, por que está tão alterada por isso?

Ela passou a língua pelos lábios, mas não disse nada.

—Não acontecerá nada entre nós, certo? —disse, com uma capa de amargura em minhas palavras.—Assim pode relaxar.

—Bem.

—Bem.

Ela girou a cabeça, observando fixamente as paredes que nos rodeavam. Passaram vários minutos e o silêncio que nos envolvia se tornou espesso e pesado.

—O que acha do que agora faz? —perguntou Allison. Pela primeira vez, falou como se fosse uma conhecida em vez de uma inimizade.

—É divertido —resmunguei.

—Sim —disse ela melancolicamente.—É divertido.

Era sexta-feira, o dia social, assim todos estariam numa festa, bebendo ponche, comendo manjares deliciosos, conversando e rindo. E eu estava retida aqui. Provavelmente, novos casais estavam se formando agora mesmo. Perguntei-me se Kitten e Bradley por fim se aproximaram um ao outro.

—Sabe? —disse Allison soltando um longo suspiro—, jamais me meti em problemas antes que você chegasse.

—Isso me disseram —disse secamente.—Não deveria ter me atacado. Por que o fez, de todo modo? E não diga que por seu irmão… sabia que nunca aconteceria nada entre nós.

—Crispou-me os nervos, você se pavoneando por aí como se possuísse o lugar —desenhou um círculo sobre a mesa.—Estou aqui há meses. Eu. Não você. Ganhei o direito de me pavonear. Você não.

Não era a única razão pela qual saltou sobre mim. Podia ver em seus olhos.

—Eu diria que consolidou seu posto, mas passou tanto tempo aqui que já não tem que demonstrar nada mais.

—Ah! Não tem nem ideia.

Me endireitei em meu assento, olhando-a atentamente.

—Então, por que não me explica isso de modo que o entenda?

Sua mandíbula se apertou durante uma fração de segundo antes que se derrubasse e as palavras saíssem de sua boca.

—Sempre tenho que estar demonstrando a mim mesma. Meu pai controla este lugar. Se não for a melhor, as pessoas começam a se perguntar sobre meu talento, como se não tivesse nenhum. Esquecem as matanças que já cometi.

Arqueei uma sobrancelha, um gesto idêntico a que ela me deu há um momento. Um gesto idêntico ao de seu pai.

—Por isso decidiu me desafiar? Uma recruta nova?

—Todo mundo a teme. —passou a mão pelo rosto.—Viu a garota nova? —imitou ela.— Ouvi que derrubou uma equipe de Sybilins sozinha. Viu a garota nova? Ouvi que chutou o traseiro de Ryan.

Quis sorrir com a lembrança, mas não me atrevi. Havia tal vulnerabilidade em Allison agora mesmo que —Deus, lamentava admitir!—, me entristecia. Inclusive recordava a mim mesma.

—Eu também tenho que me demonstrar isso sabe? —disse.

Ela soprou com incredulidade.

—Todos a amam.

—Sou a garota que se rendeu ao Onadyn. Sou a garota que poderia começar a consumir de novo a qualquer momento. Sou a garota que os instrutores poderiam expulsar a qualquer momento.—Cruzei os braços sobre meu peito, desafiando-a que me contradissesse.

Suas bochechas se coloriram de um brilhante vermelho vivo.

—Certo. De acordo. Você também tem que demonstrar isso.

Uns segundos mais tarde, um assobio anunciou o final de nossa sessão. Nenhuma de nós se levantou em seguida. Fiquemos olhando uma à outra.

—Lamento tê-la atacado —disse a contra gosto.

Eu não esperava uma desculpa, mesmo que tivéssemos alcançado uma espécie de trégua, e fiquei momentaneamente muda.

—Bom, uh, eu também lamento ter batido em você.

Seus lábios se elevaram num sorriso; o primeiro que alguma vez me deu.

—Tem um problema de atitude, sabe?

Senti meus próprios lábios se frisarem para cima.

—Talvez fomos separadas ao nascer.

Ela riu a gargalhadas desta vez, o humor iluminando todo seu rosto, a abrandando, convertendo numa bonita visão. Allison ficou em pé.

—Nos vemos, Phoenix.

—Sim. Nos vemos, Allison.

Saiu da sala com o arrogante rebolado de uma agente. Não uma recruta, mas sim uma autêntica agente. Admirava-a por isso. Fiquei de pé também e com um suspiro abandonei "a sala das travessuras", como a tinha apelidado.

Embora parei no momento que dei um passo no corredor. Emma se apoiava contra a parede, com as mãos nos bolsos. Tinha o cabelo loiro alvoroçado ao redor dos ombros e sombras sob seus olhos. A tatuagem de tridente sobre sua bochecha parecia maior que antes. Talvez porque suas bochechas estavam um pouco fundas.

Sempre me perguntei porque fez a tatuagem e o que significava.

—Olá! —disse.

Todos os dias, durante a aula de anatomia, a convidava ao meu quarto para estudar e todos os dias, me ignorou.

—Olá! —respondeu, afastando os olhos de suas botas.

Bom. Suponho que hoje era um dia dos bons. Allison e eu chegamos a uma trégua e agora Emma me falava.

—O que faz aqui? Por que não está na festa?

Ela se encontrou brevemente com meu olhar.

—Tinha que falar com você.

—Sobre o que? —Não o perguntei com veemência, mas sim com genuína curiosidade.

Tirou as mãos dos bolsos e as retorceu.

—Sobre minha pontaria de merda. Seja o que for que faça, não posso conseguir que fique melhor.

Quando não disse nada mais, incitei-a.

—E?

—E a sua não é uma merda.

Por fim o compreendi e assenti com a cabeça.

—Quer minha ajuda. —uma declaração, não uma pergunta.

Cabeceou rigidamente.

Passou um segundo enquanto considerava minha resposta. Finalmente disse:

—Vamos fazer um trato. Você me ajuda a estudar anatomia alienígena e eu te ajudo com sua pontaria.

Respondeu rapidamente, sem vacilar, como se desse exatamente o que ela esperava.

—Trato feito.

—Quer começar agora? Tenho tempo.

Elevou seus ombros num despreocupado encolhimento, mas pude ver a impaciência em seus olhos.

—Venha, vamos.

Caminhamos juntas para a pista. Depois de uma exploração de Identificação Pessoal, as portas se abriram e entramos. Devido a festa, não esperava encontrar com ninguém, mas Siren estava disparando a um objetivo e, quando nos viu, ficou quieta. Embainhou a pyre-arma em um flanco e nos confrontou.

Não era tão bonita como as outras mulheres da A.I.R, mas seu cabelo vermelho era assombroso. Caía sobre seus ombros como uma sedosa cortina.

—Vieram praticar? —perguntou com aquela voz tão doce dela.

Assentimos com a cabeça. Eu não a vi desde meu primeiro dia e não pude menos que lembrar que ela não me queria aqui. “Muitos ares”, disse. Uma parte de mim quis mostrar minha autêntica vaidade a ela, do tipo que vinha com cinco dedos e um número igual de nódulos.

—Me alegro. Sinto-me muito orgulhosa —e saiu do quarto com um sorriso.

Olhei-a, franzindo o cenho, confusa. Bom, não era o que eu esperava. Possivelmente um “sempre será um estorvo”, ou um “não deveria estar aqui, drogada”.

Sacudi a cabeça, me sentindo estranhamente feliz.

—Comecemos. — disse a Emma.

Recolhi uma pyre-arma sem cristal de detonação, já que não nos permitiam segurar uma arma carregada sem a presença de Kadar, assim como algumas estrelas afiadas de uma vitrine.

O computador registrou minha Identificação Pessoal antes de me permitir pegar qualquer arma, fazendo uma lista de tudo o que peguei. Se alguns daqueles artigos não fossem devolvidos ou fossem usados contra alguém, eu seria a culpada. Se tentasse abandonar o quarto com eles, os alarmes explodiriam e, por certo, qualquer instrutor perto me abordaria e me dispararia.

—Alinhe-se —disse para Emma.

Ela se aproximou do guichê aberto e observou os moldes de gelatina e os hologramas dos alienígenas. Os hologramas, em nosso tempo livre, podíamos trocar a raça só apertando um botão. Na aula, entretanto, Kadar escolhia por nós. Emma mudou o holograma do Delesean a…

—O que é isso? —perguntei, estudando a brilhante criatura de cor azul clara e com os dedos das mãos e os pés unidos por membranas.

Sua expressão endureceu.

—É um Lyross.

Escutei o nome antes, mas, onde? Revisei meus arquivos mentais, e meus olhos se ampliaram quando adivinhei. O Lyross, uma espécie que vivia sob a água. A espécie de seu violador.

—Estrelas ou, uh, armas?

—Primeiro estrelas. Armas depois.

Deixei a arma de lado e fiquei de pé atrás dela, rodeando-a para agarrar seu pulso.

No momento que a toquei, saltou e se afastou de mim. Lutou para tomar fôlego enquanto me enfrentava, com seus traços pálidos.

—O que acha que está fazendo?

—Fácil —disse, com as palmas para cima.—Só corrigia seu objetivo.

—Eu não gosto que as pessoas fiquem atrás de mim.

Devia ter compreendido antes.

—Não vou machucá-la, Emma, e deverá aceitar minha palavra se quiser que a ajude.

Ela engoliu e passaram vários minutos antes que relaxasse, centímetro a centímetro, os ombros. Finalmente girou, confrontando seu objetivo.

Lentamente, me aproximei dela e a envolvi com meus braços. Emma ficou rígida, mas desta vez não se afastou.

—Tem que segurar a estrela com cuidado. Assim. Com seus dedos aqui, aqui e aqui.

—Assim não pode ser —me lançou um cenho.—A segurei desta forma antes e sempre falhava em meu objetivo.

—Simplesmente espere um momento —coloquei seu braço, com o cotovelo ligeiramente inclinado.—Visualize seu objetivo, depois atire, girando o pulso enquanto lança.

Ela nem cabeceou, seu olhar sem abandonar nunca o holograma do Lyross. Havia ódio em seus olhos. Enquanto dirigia seu braço adiante e atrás, mantendo a ponta de meus dedos sobre a curva de seu pulso, ela lançou a estrela e esta cortou justamente na virilha do Lyross.

Ouch! Me encolhi.

Ela riu, e o som foi alegre.

—Fiz. Realmente fiz!

Me encontrei devolvendo o sorriso.

—Viu? Está tudo no pulso.

—Quero fazer outra vez —sua diversão se tornou sombria, quase má.—Desta vez, sozinha.

Deveria me sentir preocupada por isso? Me perguntei, mas dei outra estrela. Deu a volta para o Lyross, apontou e lançou. Sem minha ajuda, o afiado metal voou sobre seu ombro.

—Maldição!

—Seu pulso estava rígido. Tente outra vez. Mas relaxada, como antes.

Ficamos ali durante mais de uma hora, lançando uma estrela atrás da outra. Não tocamos sequer a arma. Demonstrou ser um duro treinamento e no final acabamos suando. Emma se jogou como se apontasse para matar seu pior pesadelo. Mas agora acertava mais que falhava, por isso valeu a pena o esforço.

Quando fizemos uma pausa para pegar fôlego, por fim perguntei sobre sua tatuagem.

—Por que um tridente? E por que em seu rosto?

A maior parte das garotas tatuavam uma rosa ou uma mariposa nas costas ou no tornozelo.

Passou um tempo longo antes que ela respondesse.

—Já ouviu a história de Poseidón? —perguntou.

Sentávamo-nos uma ao lado da outra, apoiadas contra a parede.

—O deus do mar, não?

Ela assentiu com a cabeça.

E foi quando a compreensão me golpeou. Poseidón. Sob a água. Lyross.

—Na mitologia, Poseidón castigava com seu tridente. Essa coisa tinha um poder inimaginável. Para mim, o tridente significa a vingança. Quanto ao porquê está em minha cara… —

seus ombros se elevaram em outro de seus encolhimentos aparentemente ocasionais.—Gosto de olhá-la. Gosto de lembrar que a vingança algum dia será minha.

Meu coração doeu por ela. Viver com aquele tipo de ódio… era uma das coisas que me conduziram ao Onadyn. Esperava que aprendesse a controlá-lo antes que este a controlasse.

—Sei o que aconteceu —disse brandamente—, e quero que saiba…

—Você não sabe uma merda —grunhiu me cortando.

—Sim, Emma, sei —Dei uma olhada.—Foi violentada.

Nuvens escuras e tormentosas pareceram envolvê-la, e saltou sobre seus pés, nossa fácil camaradagem destruída.

—Como sabe? Quem disse isso?

Eu também fiquei em pé.

—Emma, está bem.

—Está bem? Justo você me diz que está bem?

—Sim.

Inspirou profundamente, estremecendo ao tomar ar.

—Não fiz nada errado. Mas, gostaria que as pessoas falassem de sua humilhação, Phoenix? Gostaria que as pessoas conhecessem seu segredo mais escuro? —Não me deu oportunidade de responder.—Quem mais sabe?

—To-todas de nossa classe —admiti.

Ela riu, o som completamente desprovido de humor.

—Que tipo de equipe de apoio são? Supostamente têm que me ajudar, não me afundar. E agora descubro que todas estiveram falando de mim pelas minhas costas. Muito obrigada. —seu queixo tremeu enquanto dava a volta e saía correndo.

—Emma —a chamei, mas não diminuiu a marcha. Só quis ajudar, expressar minha compaixão e tentar que se sentisse melhor. Mas tinha razão. Odiava que as pessoas falassem do meu passado.

Passei a mão pelo rosto. Genial, Phoenix. Fez de forma genial.

Sem querer estar sozinha, me dirigi à festa. Surpreendentemente, encontrei com Ryan no caminho. Éramos as únicas pessoas no corredor e tive que me perguntar se não estávamos sendo postos a prova.

Nossos olhos se encontraram. Ele me saudou com a cabeça quando passou junto a mim e nossos ombros se roçaram. Tremi e ele inspirou, mas não falamos e não pude mais que experimentar um pingo de decepção.

Na festa, me encontrei sozinha de todo modo. Todos já tinham formado pares e as coisas estavam chegando ao seu fim. Então Cara, que ria de algo que dizia Erik, me viu e fez gestos.

Queria ficar sozinha ou segurar vela? Sem pensar atentamente nisso, me aproximei.

—Olá! —disseram Cara e Erik juntos, e ao fazê-lo, ambos compartilharam um sorriso.

—Olá! —respondi, sentando num espaço livre do sofá.

—Ouvi sobre seu castigo —disse Erik.—Mas vejo que sobreviveu.

—Sim. Embora duvidasse por um momento.

Sorriu amplamente. Seu braço rodeava os ombros de Cara e passou a ponta dos dedos sobre seu braço. Cara apoiou a cabeça contra ele. Assim, ambos pareciam completamente sincronizados. Tão perfeitos um para o outro.

Estava ficando doente.

—Quer tomar algo? —perguntou ele.

—Não, obrigada —Por que não podia Ryan ser tão solícito?—E o que estiveram fazendo ultimamente?

—O normal —seus ombros se elevaram com um encolhimento.—Aulas, aulas e mais aulas. A história alienígena é um autêntico aborrecimento. Rick Townsend inclusive chegou a dormir de verdade. Eles o fizeram recolher suas coisas nesse mesmo dia. Provavelmente até apagaram sua memória antes de enviá-lo para casa, o pobre bastardo.

Nossa!

—Já perdemos três garotos.

Dei uma olhada para Cara. Até agora nós não perdemos ninguém. Possivelmente, pensei, era só questão de tempo, já que Jenn não tinha instinto e a pontaria de Emma não melhorasse logo… ou se não começasse a obedecer as normas…

—Sabe? Odeio esta sensação que o machado vai cair a qualquer momento.

—Sim —disse ele.—Mas, ei! Se alguma vez precisar de algo, só tem que me avisar. Lamentaria vê-la partir.

Que coisas tão doces dizia. Não era assombroso que Cara estivesse louca por ele.

—Obrigada.

Ele beijou a bochecha de Cara, se desenredou dela e ficou em pé.

—Bradley me chama. Parece que Kitten quer matá-lo.

Enquanto se afastava, me encontrei olhando fixamente suas costas. Realmente era um bom tipo. O mundo necessitava de mais como ele. Diabos! possivelmente Ryan devesse tomar lições de como ser um bom namorado com ele.

Depois da próxima aula de combate, poderia sugerir. Possivelmente isso acabasse com sua atitude de vamos-ignorar-a-Phoenix.

Bom, uma garota podia ter esperanças, não?

CAPÍTULO 13

Um dia que pareceu promissor, logo decepcionante, e promissor de novo, deu lugar a uma noite cheia de tensão. Kitten e eu fomos despertadas só duas horas mais tarde depois de ir para a cama. Num segundo a luz estava apagada e no seguinte iluminava todo o quarto com intensidade.

Uma voz mecânica disse:

—Por favor, levantem-se Kitten e Phoenix. Têm quinze minutos para se preparar para a viagem. Se reúnam no quarto três A.

—Uma viagem? —se queixou Kitten com voz sonolenta.

Bocejei e esfreguei os olhos. Quando se adaptaria meu relógio interno a estas horas tão imprevistas?

—Este é um castigo cruel e insólito. Somos garotas em idade de crescimento. Precisamos dormir.

—Que tipo de viagem acha que será?

—Um tour pelo edifício?

—Não. Vimos tudo.

—Mas não acredito que nos tirem.

Não vi a luz do sol, nem a luz da lua na realidade, há semanas.

Bocejando de novo, estirei os braços sobre minha cabeça.

Kitten saiu da cama e sacudiu minha perna.

—Levante, espreguiçadeira.

—Não.

—Levante-se ou direi para Ryan Stone que o aaamaaa.

Franzindo o cenho, dei um reverso na mão.

—Então contarei para Bradley que quer um filho dele. O que acha disso?

—Ryan e Phoenix —cantarolou ela e logo fez ruidinhos de beijos.—Acima, vamos, vamos.

—De acordo —me queixei.—Já vou. Já levanto —e me sentei na cama.

Tínhamos uma rotina para nos preparar. Ela entrava no banheiro durante cinco minutos, eu os cinco seguintes e logo tínhamos dois minutos para chegar correndo ao ponto de encontro sem que derramassem nosso sangue. Até agora, o sistema funcionou.

—Acredita que os garotos virão? —perguntou Kitten enquanto se dirigia a passos rápidos para a ducha, se despindo pelo caminho.

—Deus, espero que não.

Só seriam um problema. Divertidos, irreverentes e simpáticos, sim, mas traziam muitos problemas. Nenhuma de nós se concentrava quando os garotos estavam perto. Embora devêssemos começar a fazê-lo, já que teríamos aulas com eles quando passássemos ao seguinte nível de treinamento.

Se passássemos, algo que estava determinada a conseguir.

Vestidas com nossas camisas brancas e nossas ligeiramente folgados calças (suponho que ambas perdemos um pouco de peso), nos dirigimos à sala três A. No dia anterior, Kitten rasgou as mangas de sua camisa e desfiou a barra de suas calças, dando ao uniforme um pouco de personalidade.

Enquanto corríamos corredor abaixo, atei a bainha da minha camisa e baixei a cintura das minhas calças, revelando uma pequena faixa da pele do meu estômago. Mais perceptível era, entretanto, o crânio e os ossos cruzados que eu desenhei no avesso da minha camisa. Tive problemas para dormir, vi a caneta e, bom… esperava não me colocar em problemas. Embora, como poderia? Borrar a roupa não era mencionado no livro de regulamentos.

—Me dói tudo —ofegou Kitten.—Preciso de um descanso.

—E eu preciso de uma cama.

Nos encontramos com algumas das outras garotas ao longo do caminho: Cara, Lindsay, e Dani. Eram um conjunto de bonitos —mas cansados— rostos. Mais adiante, vi uma porta se abrir e Emma sair correndo. Nossos olhos se encontraram brevemente antes que ela desviasse o olhar.

Quis me dirigir a ela, pedir perdão, mas agora não era o momento.

—Onde está Jenn?

—Não soube? A expulsaram na noite passada —disse Cara.

Merda! Houve um momento de silêncio enquanto o resto de nós absorvia a informação.

—Por que? —perguntei finalmente, embora já pudesse adivinhar.

—Não me disseram isso.

Na porta 3 A, todos tivemos que apresentar a mão para uma exploração e demonstrar que realmente estávamos ali. Mia Snow nos esperava dentro e experimentei uma onda de déjà vu. A cena era misteriosamente similar à minha primeira noite no acampamento. Só que desta vez estava com amigas e sabia o que me fazia.

Desta vez pertencia a um lugar.

Era parte de algo grande e esse conhecimento me encheu de orgulho. De repente, não me senti tão cansada. Não podia me permitir ser enviada para casa como Jenn. Pobrezinha, embora provavelmente agora estivesse mais feliz.

—Bom dia, garotas. —disse Mia.

Como sempre, vestia couro negro dos pés à cabeça. Tinha uma contusão no queixo, como se tivesse brigado recentemente. Quis perguntar sobre isso, mas não o fiz. Aprendi que a mulher não gostava de perguntas pessoais e ainda não tinha dominado a fina arte de perguntar sutilmente sem parecer que estava a interrogando.

—O que acontece? —perguntei.—Que tipo de viagem vamos?

—Do tipo que dá medo —com passos cortados, Mia cruzou a porta.—Sigam-me. Explicarei mais quando estivermos no carro.

Realmente deixávamos o edifício. Uau.

Mas, por que? Por que agora?

Mia nos conduziu pelos corredores, passando as salas de aula, diante da sala comum, que estava vazia. Tranquila. Nas portas que conduziam à área restrita, ela apertou uma série de botões e expôs sua mão para uma exploração.

As portas se abriram e demos um passo naquele corredor proibido quando Kitten sussurrou.

—O que quis dizer com que dá medo? — seus dourados olhos brilhavam e seu rosto estava vermelho com entusiasmo.

—Que me condenem se sei —respondi sem convicção enquanto me embebesse de nosso novo entorno.

Diferente da sala comum, esta área pulsava cheia de vida. Homens e mulheres fortemente armados andavam daqui para lá e um homem arrastava um inconsciente Ell Rollis de um canto a outro.

Mais de perto, pude ver a seca e amarela pele do alienígena. Sem nariz, sua cara era grotesca. Seus bicudos dentes sobressaíam dos lábios.

—O que acontece aqui?

—Trabalho. Como sempre —disse Mia.

Kadar cruzou conosco e nos saudou com a cabeça.

—Garotas.

—Olá, Kadar —disse Lindsay, sua voz aguda e sem fôlego.

Apaixonada, suponho. Quando ocorreu? Kadar estava ótimo, sim, mas não podia imaginá-lo se apaixonando por uma estudante. Além disso, o homem provavelmente era casado e tinha bilhões de filhos. Pobre Linds. Mas, sério, quem era eu para julgá-la? A apaixonada rainha dos condenados, essa era.

Nem sequer ia pensar em seu nome.

Le'Ace passou depois, e ela e Mia fingiram não se ver uma à outra. Obviamente, as duas se odiavam, mas nenhuma disse nunca por que.

Mas eu ouvi rumores, é óbvio.

Segundo a intriga —não que estivesse escutando, (tosse, tosse)—, Le'Ace deixou de envelhecer há muito tempo. Supostamente, esteve indo e vindo deste lugar durante mais de cinquenta anos. Pode acreditar isso? Uh, eu não. De todo modo, Mia, supostamente, era uma estudante, uma das mais rebeldes, sempre se metendo em problemas. Acredita nisso? Eu sim. As pessoas contam que Le'Ace foi uma de suas instrutoras e matou um dos amigos de Mia por, supostamente, dar a posição do acampamento ao inimigo.

Isso, também, eu podia acreditar.

Inalando o aroma de café, me obriguei a prestar atenção ao quarto, memorizando os detalhes tal e como me ensinaram. Havia escrivaninhas, papéis, computadores e cadeiras como se nos encontrássemos num escritório normal. Múltiplas telas holográficas e um painel de receptores de voz consumiam uma parede. Em minha aula de biologia alienígena aprendi que a voz dos aliens era similar ao DNA humano. Suas vozes continham algum tipo de frequência que as nossas não tinham, perfilando sua espécie e gênero. Por isso, os registradores estavam colocados em todas as partes por New Chicago — e o resto do mundo—, para as revisar caso fosse cometido um crime.

Não me deram oportunidade de estudar nada mais porque alcançamos a porta que conduzia para fora. Alguns passos, e me encontrava de pé justo mais à frente da soleira. Assim que parei, esqueci do edifício e mergulhei na beleza da noite.

O céu era um veludo negro salpicado de brancos diamantes. O ar era frio e cheirava a água, pinheiro e terra. Extasiada, elevei o queixo e estendi os braços. Antes de chegar ao acampamento, podia sair por aí sempre que queria. Tomei sol durante horas, absorvendo seu calor; celebrei festas à luz da lua, perdida em meu próprio pequeno mundo.

Que diferença do que fiz nas últimas semanas. Gostava do acampamento, mas por Deus!, senti saudades disso. Perder minha liberdade era absolutamente o pior. Agora entendia as razões deles, inclusive podia aceitá-las, mas isso não mudava minha frustração ao ser mantida presa.

Kitten ofegou e girei para ver o que a assustou. Observava o edifico que acabávamos de abandonar. Dei a volta também e pisquei com surpresa. Não havia nenhum edifício. Só noite e terra.

—Um escudo cobre a residência —explicou Mia.—Está bloqueado à vista por energia de partículas modificadas.

Hesitantemente, estendi a mão. Meus dedos encontraram algo gelatinoso que fez o ar ao redor dos meus dedos tremerem e ondular como água.

— Nossa! —disse impressionada.— Como encontraremos então a porta?

—Já aprenderá —Mia deu umas palmadas.—Chega de bate-papo. Movam-se. Temos muito terreno para cobrir e pouco tempo para fazê-lo.

Colocou-nos dentro de uma grande caminhonete negra, a mesma caminhonete que me trouxe aqui, supus. Doces lembranças, pensei secamente. Por fora, o veículo parecia completamente fechado, sem janelas dos lados, sem portas. Mas com apenas uma ordem de "abrir" por parte da Mia, duas portas deslizaram abertas.

Quando sentamos dentro, compreendi que na realidade havia janelas; simplesmente estavam cobertas por sombras. Mia reclamou o assento do condutor e programou uma direção no console do computador.

Enquanto o carro acelerava, se virou. Não havia razão para que conduzisse ou observasse o caminho. O computador o fazia por ela. E mais, Mia não tinha que frear ou acelerar porque os sensores sabiam quando fazê-lo.

—Vamos dirigir ao redor da cidade —disse.—Quero que me avisem quando virem um outro-mundo.

Troquei um olhar com Kitten, que sentava à minha esquerda.

—Vamos ser compensadas por isso? —perguntou Cara.

—Com suas vidas —foi a mortalmente séria resposta.

Várias moças gemeram e os batimentos do meu coração se apressaram num rápido tamborilar.

Mia franziu o cenho.

—Não vou matá-las, se for isso que pensam. No mundo real, têm que descobrir os aliens antes que eles descubram vocês. Não assumam que só porque a maioria deles sejam visualmente diferentes serão capazes de saber quando um anda por perto. Se ocultam. Se movem. Alguns até podem se teletransportar bem na frente de vocês e as liquidar antes que compreendam sequer o que aconteceu —seu cenho se tornou mais profundo.—Em meus primeiros dias como agente, fui atacada e quase assassinada. Se estivesse prestando atenção, poderia ter matado o alienígena antes que soubesse que eu estava ali.

Silêncio.

Todas nos encontramos ocupadas olhando fixamente pelas janelas, procurando… procurando o evasivo inimigo entre nós. O inimigo que nos mataria se não os matássemos primeiro. Só vi altos carvalhos que se perfilavam contra o horizonte e grossos arbustos recém-plantados. Aqui não havia suficientes árvores e o governo sempre procurava modos de reimplantá-las.

A minha direita, Emma mudou de posição. Sentei ao seu lado intencionadamente. Tinha que pedir perdão. Jamais devia ter mencionado seu trauma. Ela esteve se abrindo para mim, se

encontrava animada pela primeira vez desde que a conheci e tive que recordar tudo pelo que passou.

Como ela disse, eu não queria que as pessoas soubessem que consumi drogas porque nem sempre aceitavam bem e, geralmente, me tratavam de forma diferente. Emma provavelmente sentia o mesmo. Se envergonhava ao saber que outros conheciam seu segredo mais escuro e profundo.

Deveria esperar até que estivéssemos sozinhas, ou pelo menos esperar que esta atribuição fosse completada, mas… à merda a missão. Minha companheira de equipe estava em primeiro lugar.

—Sinto muito —sussurrei.

Ela girou, me dando as costas.

—Todas temos segredos, Emma —disse naquele mesmo tom sussurrante.—Soube do meu. Era uma drogada. O que não sabe é que passei seis meses em reabilitação antes de vir para este acampamento… e que não foi a primeira vez. Essa foi a primeira vez que decidi me manter limpa.

No princípio, não pensei que tivesse me escutado, mas então ela girou lentamente em seu assento e me confrontou.

—Eu também consumi drogas —admitiu brandamente.

Meus olhos se arregalaram. Acreditei que era a única aqui com tal mancha em minha ficha.

—Não sabia.

—Fui o bastante estúpida para consumir Onadyn enquanto nadava e me encontrava descendo da animação quando me vi rodeada por um grupo de… —sua voz vacilou e fez uma pausa.—Um grupo de Lyrosses. Eles eram… estavam…—parou de novo, mas desta vez não continuou.

Alcancei sua mão e a apertei. Ela cobriu minha mão com sua palma. Podia adivinhar como ocorreram as coisas. Enquanto ela se recuperava do consumo das drogas, os outros-mundos já tinham começado a violentá-la. Emma estaria fraca, desidratada e incapaz de lutar.

Sabia que nada do que dissesse poderia consolá-la, mas ainda assim indiquei.

—Aprendemos a neutralizar a criaturas assim.

—As matarei—o ódio destilava de sua voz.—O farei.

—E eu a ajudarei.

Compartilhamos um sorriso.

—Garotas —disse Mia.—O que é tão importante para que não estejam prestando atenção tal e como ordenei?

—Um trabalho em equipe —disse.—Um instrutor muito sábio me disse uma vez que uma boa equipe trabalhava junto, mas que uma grande equipe se preocupava uma com a outra.

Seus lábios se estiraram num divertido, mas seco sorriso.

—Boa resposta, mas melhor começarem a prestar atenção ou açoitarei seus traseiros. Já passamos dois Arcadians e ninguém notou.

—Diabos! —murmurou Kitten. —Estava prestando atenção e não os vi.

—Eles sabem como se ocultar, como se misturar com as sombras. Observem.

Estirei o pescoço até que pude dar uma olhada sobre o ombro de Emma. Mas não liberei sua mão e ela não tentou se liberar da minha. Estudei, observei e explorei, realmente o fiz, mas só vi uma árvore isolada. A lua era uma lasca diminuta, emitindo finos e apagados raios, muito pouco proveitosos.

Logo alcançamos o limite da cidade, longe do cais de embarque, e havia mais luz. Mais edifícios. Não havia muitas pessoas na rua nestas horas, mas sim alguns carros pelo caminho.

Dispersos por toda parte haviam putas e drogados, à espera de pegar algo. Tropeçavam de um lado para outro, pedindo que alguém os escutasse. Estavam sujos e provavelmente desesperados. Essa poderia ser eu, compreendi. Era humilhante. Vergonhoso. Mas também estimulante. Quebrei o ciclo. Eu não chegaria a isso.

Pela extremidade do olho, vi um movimento. Mudei de posição e agucei o olhar para os telhados dos edifícios. Não vi nada. Inspecionei a área. Ali! A adrenalina correu por minhas veias. Um corpo curvado, enrugado e sem cabelo, saltava do canto de um edifício ao outro.

—Olhem! Um Sybilin —disse, assinalando.

Os olhos azuis da Mia se arregalaram e ela seguiu o comprimento de meu braço.

—Onde?

—Ali.

Um segundo mais tarde, ela amaldiçoou baixinho.

—Onde há um, há mais.

Ordenou ao carro que parasse e imediatamente os pneus chiaram e fomos lançadas para diante.

—Fique aqui —disse Mia enquanto extraía sua pyre-arma.— Abrir —ordenou, e uma das portas obedeceu imediatamente. Saltou para fora, gritando sobre seu ombro. —Fechar e bloquear.

E se foi.

Desapareceu por um beco escuro. Passou um segundo. Dois. Raios azuis explodiram, iluminando a noite. Acreditei escutar um grito. Acreditei ver um movimento nas sobras. Logo, nada.

—Pergunto-me o que estará fazendo Jenn agora —disse.

Assunto equivocado, compreendi um segundo mais tarde. Este realmente afundou a moral de todas. Alegrei-me quando Kitten mudou de assunto.

—Aposto que Mia o pegou —sorrindo amplamente, Kitten aplaudiu.—Provavelmente essa coisa esteja rogando para morrer.

Todas colamos o nariz contra a janela da direita, observando e esperando.

—Eu estou segura de uma coisa —disse Lindsay.—Jamais quero irritar essa mulher. Há morte em seus olhos.

Estava de acordo. De todo modo, não podia menos que admirá-la.

—Acreditam que ela poderia dar uma surra em seu namorado?

Cara soltou uma gargalhada.

—Provavelmente. Tenho pena do pobre idiota. Aposto o que for que tem que usar roupa íntima de ferro para se proteger de sua fúria.

Mordi o lábio para me impedir de sorrir.

—Ela não é tão mal.

—Brinca? —As vermelhas sobrancelhas de Lindsay se elevaram até quase tocar a linha de seu igualmente vermelho cabelo. —No meu primeiro dia no acampamento, me chutou o traseiro sem nenhuma razão.

—Ah! —Cara meneou um dedo por volta dela. — No primeiro dia, disse que esperava que gostasse do sabor dos azulejos porque ia usar sua cara de esfregão.

—Não, você não disse isso. —disse entrecortadamente.

Emma cobriu sua boca para ocultar seu sorriso.

As bochechas de Lindsay se tingiram do mesmo tom que seu cabelo.

—Não queria ser uma dom ninguém, certo? —admitiu.—E sempre escutei que a melhor forma de enviar uma mensagem era não se deixar pisotear e encontrar à pessoa mais forte e derrubá-la.

—Mas Mia? —Sacudi a cabeça, estalando a língua. — Isso é como pedir uma surra a gritos.

Mia voltou segundos mais tarde e a conversa cessou. Saltamos em nossos assentos quando ela colocou a cabeça dentro do carro.

—Me ajudem a subi-lo, garotas, e logo partiremos —seu tom foi severo, dissipando nosso momentâneo entretenimento. — O exercício está oficialmente acabado. Não vi seus amigos, mas sei que estão aí. Temos que avisar o Chefe.

CAPÍTULO 14

A volta para casa transcorreu com tranquilidade e cheia de tensão.

Lamentava que Jenn não pudesse estar aqui, ela diria algo para aliviar o ambiente. Quando retornamos (não sei como Mia pôde encontrar o invisível edifico), introduziu algum tipo de código de controle remoto e o escudo caiu, deixando o acampamento completamente à vista. Embora só houvesse uma tosca entrada e uma colina. Pelo menos, que eu pudesse ver. O resto tinha que ser subterrâneo.

Levou-nos até a sala comum.

—Descansem —disse, distraída. —As aulas começarão logo.

Indiferente ao Sybilin, as garotas bocejaram e caminharam pesadamente para seus quartos. Eu fiquei na entrada, muito excitada para dormir.

Dando-se conta que não estava ao seu lado, Kitten deu uma olhada sobre seu ombro e parou. Seu acobreado, dourado e castanho cabelo se afrouxou de sua fita e caía enredado sobre suas costas.

—Vem?

—Ainda não. Vou me exercitar ou alguma outra coisa.

—Quer companhia?

—Não. Vá.

—Tem certeza?

Assenti com a cabeça.

—Bem, porque realmente estou a ponto de desmaiar.

Compartilhamos um sorriso e logo partiu. Os corredores estavam vazios enquanto me dirigia ao ginásio, preparada para gastar um pouco de meu excesso de energia. Identifiquei-me com um exploratório de mão e me aproximei do saco de boxe virtual.

Aqueles Sybilins… me preocupavam. Me preocupava o dano que podiam fazer às pessoas de New Chicago. E se um deles chegasse até minha mãe? E se a matassem? Merda! Havia muitos *e se.*

As garotas não sabiam o que podiam chegar a fazer, não os viram em ação. Não foram atacadas naquela noite no bosque.

Mia disse que sempre saiam em grupo, mas não viu mais. Eles nos vieram, então? Se ocultaram? Nos seguiram? Não estava pronta para enfrentar àqueles idiotas chupa-água de novo. Minha pele ainda estava escamosa pela última vez. Da próxima vez que lutasse contra eles, teria a perita habilidade de uma agente da A.I.R. Queria machucá-los muito.

Queria chutar seus traseiros.

—O que faz aqui?

Ofegando com a inesperada interrupção, me virei. Ryan apoiava um ombro contra a parede. O suor gotejava de suas têmporas e pescoço, como se acabasse de se exercitar. Duramente. As mechas de cabelo molhado se colavam à cabeça.

Ele parecia fantástico. E falou comigo.

—O que você faz aqui?

—Honestamente? —disse ele e logo franziu o cenho. —Não tenho nem ideia. E você?

—Não podia dormir —admiti.

Seu cenho se transformou lentamente em um sorriso.

—Nem eu, mas aposto que sua insônia é por uma razão completamente diferente.

—Sim?

Considerei-o silenciosamente. Algo em suas palavras fez meu estômago se apertar. Não, compreendi imediatamente. Suas palavras não. Meu estômago se apertava pelo que ele não dizia. Ele queria sexo; por isso não podia dormir.

—Qual sua razão? —Queria ouvi-lo dizer. Perigoso, sei.

Ele não respondeu, simplesmente me olhou. Seus claros olhos azuis estavam cheios de calor. Um calor que já vi antes… e que eu adorava. Um calor que tornava louco os batimentos do meu coração e o sangue que corria por minhas veias.

—E bem, vai me ignorar outra vez? Fiz uma pergunta, Stone.

Ele girou os olhos.

—É Sr. Stone para você.

Soprei. Para mim era Ryan. Nenhuma só vez pensava nele como Sr. Stone.

Ryan se endireitou e cortou a distância entre nós. Inspirei profundamente, absorvendo seu masculino aroma.

—E bem? —insisti.

Deu-me um golpezinho na ponta do nariz e disse:

—Você. Você é a razão pela qual não posso dormir.

—Oh. —a palavra saiu de minha boca como um suspiro ofegante.

Me deu a resposta que queria ouvir, respondeu o que esperava e um estremecimento me percorreu. Eu gostava deste cara, mais do que deveria. Mais do que era sábio. E cada vez que o via, mais gostava.

—Quais são seus motivos, senhorita Germaine? —perguntou ele.

Era difícil pensar com ele diante de mim, com seu ardente olhar azul cravado em mim. Queria repetir sua resposta, mas não me atrevia. A verdade era prejudicial para minha saúde. Em vez disso, esquivei sua pergunta falando para ele de minha saída e do que aconteceu.

As janelas de seu nariz flamejaram de cólera.

—Esses Sybilins… os odeio. Se multiplicam e matam, se multiplicam e voltam a matar. Como um vírus.

Estudei-o um momento.

—Me alegro que viesse ao bosque naquela noite. Nós teríamos morrido sem você.

—Ouvimos que estavam na área, mas nenhum de nós os vimos realmente. Então um dos antigos amigos de Allison ligou para ela e a convidou à festa. Fomos sozinhos porque não queríamos alarmar os garotos ou alertá-los de nossa presença, mas os reforços, supunha-se, deveriam chegar antes de serem necessários.

Garotos. Passei a língua pelos dentes. Ele me incluía nessa categoria de “garotos”. Não queria que me visse como uma garota. É o melhor, Phoenix. Sabe.

—Por que não o fizeram?

—Lutavam contra os Sybilins em outro lugar. As criaturas saíram em turba nessa noite. —Ryan assinalou com a cabeça o saco de boxe.—Veio treinar, não? Bem, pois façamos.

Meu coração perdeu um batimento do coração.

—Juntos?

—Por que não?

Joguei os braços no ar.

—Porque você já nem me olha nem me toca.

—Olho para você agora.

E o fazia. Seus olhos ainda ardiam com esse fogo azul, mais quentes que antes.

—Por que? —perguntei, com um repentino nó em minha garganta.—Por que agora?

—Esta noite me sinto perigoso. Atrevido.

Então era eu, compreendi. Não fui capaz de admitir meus sentimentos, mas, realmente, queria que me tocasse. Urgentemente. Pude ver que estava a ponto de mudar de ideia, apesar de ter admitido que se sentia perigosamente atrevido. Já dava um passo atrás, se afastando de mim.

—Não parece que seja perigoso. —Estúpido. Isto é estúpido.—Por certo que pode me vencer? —debochar era a melhor forma de me assegurar que entrasse no quadrilátero. Os garotos não podiam suportar ser aguilhoados em seu valor.—Tem medo que chute seu traseiro outra vez?

Ele fez uma pausa e sorriu ironicamente.

—Suponho que descobriremos, não? —Me agarrou pelos ombros, me fez girar e me deu um suave empurrão na parte baixa das costas.—Esteve fazendo muito bem em aula. Está concentrada. Tem força. Velocidade. O que não tem é instinto assassino.

—Tenho!

Dei um passo no quadrilátero, marcado por umas linhas vermelhas no chão.

Ryan entrou atrás de mim.

—Quadrilátero. Fechar —ordenou e logo se dirigiu para mim.—Não, não tem. Acha que tem, mas não.

O ar formou redemoinhos e se solidificou sobre as linhas vermelhas e logo se bifurcou para cima, até que nos encontramos encaixotados numa transparente e sólida caixa. Não havia espaço para fugir, só para lutar mais e mais.

—Não vou ser suave com você. —disse ele e houve prazer em seu tom.

—Bem, porque não quero que seja —pensei em lutar contra um holograma, mas Ryan era melhor. Muito, muito melhor. Bonito e sexy. — E só para que saiba. Tampouco penso ser suave com você.

—Que gracinha.

Não me deu nenhuma advertência. Imediatamente, saltou adiante, me agarrou pelo ombro e me fez girar, com seu peito colado às minhas costas.

Surpreendida, não reagi e aquilo me saiu caro. Ryan foi capaz de fechar suas mãos ao redor da minha garganta e apertar. Tentei dar uma cotovelada, mas ele esperava e se afastou de lado. Tentei pisar seu pé, mas de novo esperava e se afastou da minha linha de fogo.

—Voltamos aonde começamos — disse.— Me distraiu uma vez, muito bem, culpa minha. Mas não penso em consentir que me distraia duas vezes.

O que deveria fazer? O que diabos deveria fazer? Não podia consentir que ganhasse tão facilmente. Mas roubava o fôlego de meus pulmões, apertando mais forte como fez naquela primeira vez.

—Sou duro com você porque quero que sobreviva —disse.—Não quero que a machuquem aí fora.

Me obrigando a me tranquilizar, agarrei seus pulsos. Ryan apertou mais forte, o justo para me recordar que podia me deixar sem respiração. O que não sabia era que eu passava mais tempo sem fôlego que o resto das pessoas e que demorava mais a ficar inconsciente.

Posso fazê-lo. Posso fazê-lo. Me inclinei, atraindo Ryan comigo e deixando que caísse seu peso sobre minhas costas.

—O que faz? —grunhiu entre dentes.

Usando toda a força das minhas pernas, me agachei e levantei de repente o traseiro, jogando Ryan sobre minha cabeça. Ele caiu e rodou, obrigado a me soltar. Embora não me deu tempo de desfrutar.

—Bem pensado —disse, estirando os braços e empurrando meus tornozelos.

Caí de traseiro, com força. Mas antes que pudesse devolver o golpe, ele estava sobre mim, com os joelhos de ambos os lado da minha cabeça, com sua, uh, virilha na minha garganta. Enquanto ofegava e lutava, fixou meus ombros no chão e deixou cair o resto de seu peso.

—O que fará agora? —perguntou.

Ofegante, olhei para cima. Maldição! Tinha tentado, mas ainda assim me derrubou rápido e facilmente, e isso ardia.

—Biquinho —me quebrei.—vou fazer biquinho.

Quase sufocou de risada. Bem. Isso me economizaria o esforço de matá-lo mais tarde.

—Não há razão para fazer biquinho —disse.—Tudo que tem que fazer é colocar uma perna entre nós e dar um chute. Entendeu?

Assenti com a cabeça, mas não tentei. Quanto mais tempo ele ficasse onde estava, mais eu, uh, gostava.

—Fez muito bem, Phoenix. Realmente bem.

—Não, não fiz —me queixei.—Só tenta fazer que me sinta melhor.

—E funciona?

—Não. Posso fazer melhor que isto.

—De verdade? O que poderia ter feito de forma diferente?

—Não sei. Esmagar minha palma contra seu nariz, enviando a cartilagem até seu cérebro. Bloquear seu aperto na minha garganta e esmagar sua traqueia. Acertar uma joelhada nas suas bolas, colocando-lhe um laço.

Seus olhos brilharam com orgulho.

—Que divertido.

—Acha que sim?

—Mas não fez nenhuma dessas coisas. E sabe por que? — Seus lábios se estiraram enquanto lutava por não sorrir. — Porque não tem instinto assassino. Justo.Como.Te.Disse.

A cólera me sacudiu até os ossos. Sem instinto assassino? Grrr. Já o ensinaria!

—Quer ver meu instinto assassino? Pois mostrarei isso.

Ele me liberou e ficou de pé. Inclusive me fez gestos com a mão.

—Venha, então. Desafio você.

Levantei com as pernas trementes e nos enfrentamos.

—Tem certeza que está preparado para isto?

—Venha por mim, querida. Estou preparado para o que tenha para me dar, amorzinho.

Não saltei à ação, mas sim dei voltas ao seu redor. Enquanto caminhava, perdi parte da minha cólera. Meu “instinto assassino”. Não que alguma vez o tive. Com Ryan, não. Ambos sabíamos que estive alardeando. Eu só o queria. Só a ele. O queria de volta em cima de mim me beijando. Por fim.

Ele me observou, seguindo cada um de meus movimentos com seu ardente olhar.

—É isso? Isto é todo que pode fazer?

—Talvez.

Suas sobrancelhas se elevaram até a linha de seu cabelo.

—O que espera? Ataque —ordenou.

Quase sorri abertamente.

—Estou espreitando você.

Ele soltou uma gargalhada e lançou os braços ao ar.

—Espreitando desta forma, não assustará seu inimigo.

Poderia desejá-lo, e podia ter perdido meu instinto, mas não vacilei. Quando ele ficou distraído, ataquei. Girei, usando meu ímpeto e minha velocidade para soltar um chute. Meu pé se conectou com seu estômago. Ofegando, ele se inclinou e me apressei a golpeá-lo com meu cotovelo na sua cabeça.

Crack.

Ele caiu de cara. E não se moveu. Bati mais forte do que pensava. Mas ele deveria ser capaz de lidar com isso, não? Certamente. Tinha que estar brincando. Entrecerrando os olhos, o cutuquei com o pé na lateral do corpo.

Não emitiu nem um ruído.

Meu coração palpitou de forma irregular em meu peito. Oh, Deus! Oh, Deus!

—Ryan?

Nenhuma resposta.

—Ryan?

De toda forma, nada.

Oh, Meu deus! O que fiz?

—Ryan, sinto muito. Sinto muito.

Me inclinei e com cuidado o agarrei pelo ombro, com intenção de virá-lo de costas. Antes que pudesse piscar, ele me apertou o pulso e me puxou de costas.

—Mas o que… —caí e se deitou em cima de mim, esmagando o fôlego de meus pulmões.

De novo, me encontrei presa.

—Disse a você. —sussurrou ele, sorrindo amplamente. —Sem instinto assassino. E este era o truque mais velho do mundo.

—Você, pequeno e sujo…

—Uh, uh, uh —estalou a língua.—Perdeu. Duas vezes. Aceite.

—Diabos, não! Trapaceou.

—Se foi com trapaça ou sem ela, ainda assim perdeu. Lutar sujo é aceitável, e mais, espera-se. Não ensinaram isso?

Rangi os dentes.

—Estava ganhando.

—Isso não importa. Só importa o resultado final —seu rosto se aproximou pouco a pouco do meu. Mais e mais perto.—Como se liberaria desta posição?

—Tentando uma joelhada nas suas bolas?

Ele riu.

—Não. Isto faria que me inclinasse mais sobre você, e ainda seria capaz de golpeá-la. Deveria colocar os joelhos no meio e me chutaria no estômago, como disse antes.

—Possivelmente mais tarde —sussurrei.

Podia sentir seu fôlego sobre meu nariz. De fato, podia senti-lo por toda parte. E gostava. Mordi o lábio inferior. Gostava muito.

Ele perdeu todo traço de diversão e seus olhos se escureceram avidamente. Sua respiração se tornou entrecortada. Ele sabia o que eu pensava porque, obviamente, também o fazia.

—Isto é estúpido. —disse.

—Sim.

—Está errado.

—Sim.

Mas, por que era tão bom?

—Se preocupa?

Não vacilei.

—Agora mesmo, não.

Mal disse as palavras, ele me beijou. Sua língua entrou na minha boca, varrendo meu interior, e seu sabor consumiu meus pensamentos. Decadente. Delicioso. Maravilhoso. Melhor que tudo que imaginei.

Suas mãos se enredaram em meu cabelo, procurando um ângulo para um contato mais profundo. Seus lábios eram suaves, famintos, pura paixão. Jamais experimentei nada assim antes.

—Desejo você —ofegou ele.

—Sim — sim, sim, sim.

Se ele parasse de me beijar, eu… eu… eu… não sabia o que faria. Enlacei minhas mãos ao seu redor, as ancorando na base do pescoço, em sua cintura, o mantendo cativo. Elevei-me um pouco e empurrei minha língua de volta em sua boca.

Ele gemeu. Eu gemi.

Delicioso.

É óbvio, me beijaram antes, mas todas aquelas vezes se apagaram da minha mente. Só estava o aqui, o agora. Ryan. Ele era força e fogo. Neste momento, era tudo. Sentia-me inexperiente. Vulnerável.

—Phoenix —ofegou Ryan, como uma oração.

—Ryan.

Lentamente, se separou de mim.

—Se não parar agora, não serei capaz de fazê-lo logo —a tensão atava sua voz.

—Então não pare —disse, olhando-o.—Só um pouco mais.

—Um pouco mais —esteve de acordo, se inclinando e me beijando uma segunda vez.

Este beijo foi mais quente, mais perigoso. Suas mãos vagaram por todo o meu corpo, parando em meus seios e os apertando. Meus mamilos endureceram.

Ele se afastou de novo. Ofegava enquanto se apoiava sobre seus joelhos. Eu fiquei onde estava, necessitada, dolorida.

—Jamais fiz isto antes —disse sombriamente.— Fui instrutor durante mais de um ano e nunca desejei uma estudante. Nem sequer saí jamais com outra recruta.

—Ryan —disse. *Beije-me*.

Ele passou a mão pelo rosto.

—Seremos castigados por isso. O Chefe saberá. Sempre sabe.

Ryan levantou, sem dizer nenhuma palavra enquanto desativava o quadrilátero e se afastava de mim.

—Ryan —o chamei.

Ele parou na entrada. Não sei o que ia dizer a ele, mas não tive tempo de descobrir. Um estridente alarme soou de repente por todo o quarto, seu ruidoso aviso enviando um calafrio pela minha espinha dorsal.

Ryan deu a volta e me olhou.

—Merda. Merda.

—O que aconteceu? —O medo me assaltou. Este alarme era por nós? Por nosso beijo?

—Fomos invadidos.

CAPÍTULO 15

—Isto não é uma simulação —disse uma voz mecânica pelo intercomunicador.—Repito, isto não é uma simulação.

Levantei de um salto. Ryan já corria de volta para mim, me agarrou pelo pulso e puxou para a frente.

—Vamos.

A confusão me invadia.

—Não entendo o que ocorre.

—Estamos sendo atacados, Phoenix. Isto só aconteceu uma vez antes, faz anos, mas metade dos estudantes foram assassinados —tinha que elevar a voz para ser escutado acima do alarme.— Se um setor for invadido, o computador geralmente fecha todas as portas, impedindo o invasor de ir de quarto em quarto. Mas os alarmes soaram e não escutei o estalo das fechaduras. Isso significa que parte do sistema foi prejudicado.

—E isso quer dizer…

—Que todos somos presas fáceis —disse com pesar.—Agora vamos —correu para a parede do outro extremo e estendeu a mão para um vão igual ao resto da parede.

Luzes azuis o exploraram da cabeça aos pés, e a parede se abriu, dando acesso a um arsenal cheio de fileiras e fileiras de pistolas, facas, estrelas lançadoras e outras armas que não reconheci. Minha mandíbula quase golpeou o chão.

—Isto é… isto é…

—O Plano B. Há um arsenal em todas os quartos do edifício —disse Ryan.—Incluindo o seu. Só que você simplesmente não está na base de dados que te permite abri-lo.

Uau. Não sabia, jamais suspeitei. Possivelmente fosse melhor assim.

—Como pôde alguém descobrir este lugar e atacá-lo? É invisível.

—Não sei, mas me preocuparei com isso mais tarde.

—Os Sybilins atravessaram a segurança —disse o computador.—Há quatro Sybilins nos setores um, dois e três.

Sybilins? Meu medo se intensificou, se bifurcando para todas as partes do meu corpo.

—Merda. É pior do que pensava —Ryan embainhou várias facas em sua cintura e agarrou uma pyre-arma. Me jogou uma e eu a agarrei habilmente.—Espero que tenha aprendido a usar uma destas.

Engoli ar.

—Pratiquei, e quase sempre acerto no alvo.

—Quase é melhor que nunca. A arma está no nível de aturdir, assim não tem que se preocupar em matar alguém. Mas não dispare se seus amigos ou um instrutor estiverem perto. Se algum deles tiver sangue alienígena, serão congelados no lugar e estarão necessitados.

—Só Kitten é alien, e juro por Deus que não apontarei em sua direção.

Ryan soprou.

—Ela não é a única, Phoenix.

Meus olhos se arregalaram.

—O que?

—Siren. Angel —pausa.—O Chefe.

—O que? Mas eles parecem... parecem… completamente humanos. E seu pai? Isso significa que…

—Sim. Quem melhor para rastrear aliens que os próprios aliens? Isso muda sua opinião sobre mim? —perguntou com um leve traço de amargura em sua voz.

—Não —e não o fazia. Em nada. Simplesmente estava impressionada.—O governo sabe?

—É óbvio. São selecionados apenas aqueles que são de confiança, mas é algo que o grande público não deve saber jamais. E não deve dizer a ninguém —outra pausa.—Se não quiser ir atrás dos Sybilins, se acha que não está pronta para lidar com isto, tranque-se em seu quarto. Ou melhor, reative o anel do quadrilátero —me olhou enquanto dizia aquilo, seus olhos me observando profundamente. Me sondando .—Os outros-mundos não saberão atravessá-lo, ou isso espero, e estará a salvo.

Fugir como uma covarde? Fugir enquanto outros lutavam… e talvez morressem. Preferiria morrer. Estava aqui para me converter num agente, e que me condenassem se não agisse como uma! Não importava quão assustada estivesse.

—Estou preparada. —disse, endireitando as costas.

—Bem —disse Ryan, mas não parecia feliz com isso. Parecia furioso, orgulhoso e assustado. Sim, assustado. Por mim? —Vá com cuidado, Phoenix. Prometa isso.

—Prometo.

Me beijou. Sem língua desta vez, só uma rápida união de lábios, outorgando força e consolo.

—Façamos.

Saiu precipitadamente do ginásio e me colei em seus calcanhares. O caos nos esperava nos corredores. Os agentes se precipitavam em todas as direções, carregados de armas. Os estudantes também corriam, mas cheios de pânico, com seus selvagens olhos olhando para todos os lados, exigindo saber o que ocorria.

—Três Sybilins se amotinaram no setor quatro —disse o computador. Pausa.—Cinco Sybilins se amotinaram no setor cinco.

No final do corredor, Kitten me descobriu e correu para mim. Seu rosto estava pálido e seus lábios se apertavam com preocupação.

—Estava dormindo e de repente os alarmes soaram e quase saltei da minha pele e não tinha nem ideia do que ocorria e…

Agarrei-a pelo braço para parar seus balbucios.

—Estamos sendo atacados. Os Sybilins gostam de fundir os lábios com os de sua presa e sugam a água de seus corpos. Independentemente do que faça, não deixe que nenhum fique em cima de você, entendeu?

Sua pele se tornou ainda mais pálida, mas suas pupilas se alargaram tal e como o faziam antes de entrar na batalha. A determinação endireitou seus ombros.

—Sim, entendo.

Saltei em movimento, a arrastando comigo e me aproximando de Ryan.

—Use qualquer arma que possa encontrar. — disse a Kitten.—Espere, melhor conseguir uma —estendendo a mão, retirei uma das facas de Ryan de sua cintura. Ele quase me cortou o braço, mas parou quando compreendeu que era eu. Nota para mim: jamais pegar uma arma de Ryan sem pedir permissão. Deixei o punho na palma de Kitten com um golpe.—Diga aos outros, certo? Advirta-os.

—Farei — girou para a parede e minhas sobrancelhas se franziram com confusão. O que ia…? Deus querido, desapareceu através dela! Na realidade a atravessou; num momento estava ali e no seguinte se foi.

Meu (quase) namorado era metade alien, e minha melhor amiga tinha superpoderes.

Quis me maravilhar por isso, mas não tinha tempo. Ryan e eu deslizamos dentro da sala comum. Ali, vimos vários Sybilins. Avançavam lentamente por todas as paredes. Como insetos. A porta à seção dos agentes estava aberta, e pude ver Bradley, Erik, e alguns outros tentando proteger a área das garotas, estava segura, como verdadeiros agentes fariam. Mas um Sybilins os descobriu e atacou, os derrubando.

Erik lutou para chegar em Bradley.

Diante dos meus próprios olhos, uma das criaturas baixou sua cabeça… seus lábios tocando os de Bradley…

—Não! —Gritei.

Outra vez não. Meus amigos não seriam feridos. Bradley começou a se sacudir.

Ryan amaldiçoou. Gritei, mais cheia de raiva que jamais estive antes. Estas criaturas não fariam mal aos meus amigos de novo, repetiu minha mente uma e outra vez. Pelo menos, desta vez sabia o que fazer.

Apontei minha pyre-arma e disparei, o mesmo que fez Ryan. Raios azuis explodiram da minha, vermelhos da dele. O Sybilin sobre Bradley congelou ao mesmo tempo que um buraco ardia em suas costas, e Bradley foi capaz de chutar a coisa até tirá-lo de cima dele.

—Isso… isso… —a voz de Bradley saiu instável, e agarrou a garganta.

Ryan disparou outra ronda, golpeando um Sybilin atrás de Bradley.

Ryan não usava o nível de aturdir, compreendi. A dourada e vermelha faixa fritava tudo o que tocava. Disparou de novo, e esta ronda se fechou de repente sobre a criatura que tentava submeter Erik, queimando-o da pele até os ossos. Erik gritou e rodou longe do uivante inferno. Suas sobrancelhas estavam chamuscadas.

Enquanto aturdia tantos monstros chupa-água como podia, Anjo se precipitou na sala comum. Quase parei e me separei dela. Quase. Jamais vi tanta… ferocidade. Seus olhos brilhavam com fogo próprio e seu corpo se movia como se fosse pura eletricidade que revoava de um cabo ao outro.

Era uma visão espantosa de contemplar.

"Nem todos são humanos" disse Ryan. Sim, e eu acreditava nisso. Anjo não parecia humana neste momento. De que espécie seria? Seja qual fosse, era enfeitiçante, hipnótica. Bonita. Segurava duas facas, cada uma com o fio serrilhado e bicudo, e as usava com abandono. O amarelo do sangue dos Sybilins salpicava por toda parte enquanto ela se movia e matava como se estivesse numa dança. Mia Snow lutava atrás dela, igualmente mortal.

—Bastardos —grunhia, apunhalando qualquer um bastante estúpido para ficar ao seu alcance— Morram! —Seu olhar se encontrou com o meu e abriu caminho para mim.

—O que devo fazer?

—Continue os congelando. Vão se repor. —grunhiu sem diminuir a marcha.—Não pensei que fossem bastante inteligentes para fazê-lo, mas nos seguiram até aqui. Nos atacaram esta noite para que não tivesse tempo de interrogar o que aturdi. Atrás de você!

Girei… e vi uma criatura saltar para mim. Le'Ace se interpôs em seu caminho e cortou a garganta. O espesso sangue amarelo gotejou de suas mãos e seu rosto não mostrava nenhuma expressão. Agora entendia por que eram tão duros conosco, por que nos faziam obedecer sem vacilação ou nos castigavam se não o fizéssemos. Por que nos tiraram a liberdade e continuamente queriam que nos superássemos.

Todos o faziam com o propósito de nos salvar a vida.

—Doze Sybilins se amotinaram no setor seis —disse o computador.

De repente, o quarto foi alagado por mais deles. As criaturas saltavam de um lado ao outro em seu frenesi para nos pegar. Apontei e disparei, apontei e disparei, congelando tantos como podia.

Ryan lutava ao meu lado, sem me abandonar nunca. Fazíamos uma boa equipe, mas minha arma eventualmente parou de funcionar, me obrigando a usar outra arma: minhas mãos. Os Sybilins estavam salivando, impaciente por mais água.

Siren entrou tranquilamente no quarto, como se não a preocupasse nada no mundo. Cantarolava baixinho e os Sybilins fizeram uma pausa, elevando suas bicudas orelhas enquanto a escutavam.

Distraídos como estavam, saltei adiante e lancei um chute no do meio. Contato. Essa coisa uivou e outro se liberou do feitiço de Siren e veio direto para mim. Girei, esquivei e o golpeei. Dois mais apareceram do outro lado. Me agachei, fazendo girar minha perna como Ryan me ensinou e derrubei as criaturas.

—Phoenix! Pegue.

Dei a volta ao escutar meu nome. Ryan me jogou uma faca e a apanhei pelo punho. Meu coração galopava desesperadamente em meu peito. Podia ver outro Sybilin vir para mim… saltar no ar… aterrissar sobre mim…

Apunhalei sem pensar. Matar, sim, podia matar. Devia matar. Já tinha matado antes e não me sentia culpada. Algumas pessoas poderiam me chamar de assassina, mas era uma agente. Fazia meu trabalho, cumpria meu dever.

O metal afundou em seu ventre. Sangue amarelo, quente e espesso, gotejou por minhas mãos. Reprimi a vontade de vomitar. Isso cheirava mau, como lixo putrefato. Continue lutando. Tem que acabar com tantos como puder.

Ofegando, procurei meu seguinte oponente. Por toda parte a luta era feroz.

Lancei-me contra um grupo que tentava apanhar Cara. Erik estava ali, amaldiçoando enquanto lutava para salvá-la. Ele se movia com ágil graça e potente fúria. O suor gotejava de minhas têmporas enquanto apunhalava, girava e voltava a apunhalar, ensopando o cabelo da minha cabeça. Meus músculos ardiam; meus braços tremiam.

Mas não diminui a velocidade. Não podia.

Quatro das criaturas saltaram sobre Ryan, superando-o em número. Naquele momento, enlouqueci. Minha energia se intensificou e senti a adrenalina correr por minhas veias. Os outros agentes estavam ocupados lutando e não compreenderam que os Sybilins fundiam suas bocas em qualquer parte do corpo de Ryan que podiam alcançar, chupando sua energia, chupando sua vida.

Ao longe, acreditei ouvir o grito de Allison Stone. Acreditava escutar o ronrono de Kitten. Então Emma estava ao meu lado, correndo também para Ryan. O alcançamos ao mesmo tempo e ela agarrou um dos Sybilins pelo pescoço, o separou dele e cravou a faca na cara.

Acredito que via os Lyrosses nestes Sybilins, porque havia morte em seus olhos, uma intensa necessidade de matar em sua expressão. Uma vez que começou a apunhalar, não parou.

Dei cotoveladas e chutes em dois dos monstros, assim como punhaladas, me assegurando que não podiam se levantar. Por fim, restava só um. Seus lábios estavam unidos aos de Ryan. A resistência de Ryan se debilitando, e pude ver a secura de sua pele, a imprecisão em seus olhos. Os espasmos de seu corpo.

—Quer umidade —cuspi à criatura.—Eu conseguirei que se sinta úmido. —Dei uma navalhada, mas o Sybilin se moveu e só consegui roçar seu ombro.

Embora, graças a Deus, a criatura liberou Ryan e saltou sobre mim, tentado unir nossos lábios. Vi seus ardentes e famintos olhos vermelhos. Uma de suas mãos se abrigou ao redor dos meus pulsos, me impedindo de usar a faca. Eu me sacudi, tentando desalojá-lo.

Estive nesta posição antes, com Ryan. Não entre em pânico, pensei. Recorde o que ele disse que tinha que fazer.

Suas palavras ressoaram em minha mente, movi uma de minhas pernas até que esteve entre eu e o Sybilin e empurrei com cada grama de energia que possuía. O alien balançou atrás e aproveitei o momento para saltar para a frente, agarrar minha faca e apunhalá-lo.

Uivou, logo caiu no chão e permaneceu imóvel.

Levantei, ofegante. Ryan elevou os olhos para mim, seu rosto abatido.

—Obrigado —pôde dizer.—Obrigado.

—Foi um prazer.

Estava para saltar de novo à luta quando outro Sybilin caiu aos meus pés. Pisquei surpreendida.

—Terminou —disse Mia, ofegando.—Estão mortos.

—Inimigo neutralizado —disse o computador, confirmando as palavras de Mia.

Cansada de repente, observei ao meu redor. Assombro, sim. Orgulho, também. Mas, sobretudo, experimentei tristeza.

Rios amarelos corriam sob os corpos no chão. Embora nem todos fossem Sybilins. Meu estômago se apertou e rezei a Deus para não encontrar nenhum dos meus amigos mortos.

Ryan sentou, fraco, mas vivo. Olhei além dele… e foi quando vi Kitten. Ela não se movia.

Em pânico, corri aos tropeções para ela e me ajoelhei.

—Kitten? —Sacudi seu ombro.—Kitten!

Suas pálpebras revoaram e se abriram fracamente.

—O que?

—Graças a Deus —suspirei aliviada.—Está ferida?

—Só meu orgulho —respondeu ela secamente.—Um desses bastardos me derrubou e tentou me beijar, mas lembrei o que me disse e furei seus olhos —uma nuvem escura cobriu sua expressão enquanto explorava o quarto.—Bradley está bem?

—Estou aqui mesmo —disse ele, se inclinando. Suas sardas pareciam negras contra sua também pálida pele.—Você está bem?

—Estou bem —resmungou ela, mas sorriu.—Ganhamos ou o que?

—Oh, sim —disse.—Ganhamos.

CAPÍTULO 16

Nos dias seguintes, os edifícios foram limpos e os feridos atendidos. Tanto Kitten como Ryan passaram dois dias na UTI. Os visitei tão frequentemente como me permitiram. Sempre havia outro agente no quarto de Ryan, por isso não tive oportunidade de falar com ele sobre o beijo. E queria fazê-lo. Desesperadamente.

Num daqueles dias fui convocada ao escritório de Anjo. Ela não me disse nenhuma palavra enquanto me enfaixava os olhos e tirava da escola. O suor cobriu minha pele e cravei as unhas nas palmas das mãos. Esperava que apagassem minha memória por me atrever a quebrar a regra de não beijar um instrutor (e querer voltar a fazê-lo), mas ela simplesmente me escoltou a… algum lugar e me sentou no único móvel da sala. Uma mesa.

Tirou meu capuz, e pisquei pela repentina luz.

—Onde estou? —perguntei nervosa.

—Num armazém abandonado que gostamos de usar.

—Para que? —engoli saliva, tentando desfazer o nó em minha garganta.

Anjo enganchou uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha, com expressão ilegível.

—Já verá.

—Pensei que tinha três avisos, não dois. Pensei… —minha mãe entrou e minha boca formou um grande O.—Mamãe?

—Phoenix —vacilou na porta, logo levantou o queixo com decisão e caminhou adiante.

—Como está?

Anjo se afastou um passo da mesa, nos dando uma sensação de intimidade sem tê-la realmente.

Levantei. Não podia acreditar nisso. Isto era mais surrealista que os outros-mundos atacando o acampamento.

—Como está? —repetiu minha mãe. Seus familiares olhos negros percorreram meu corpo.—Tem bom aspecto.

—Estou bem —disse, indecisa.—E você?

—Também —mordeu o lábio inferior.—Eles me disseram que está se comportando bem. Que fazem o teste todos os dias e está limpa.

—Sim, estou.

—Eu… me sinto orgulhosa de você —seus traços se contraíram, seguidos rapidamente de seus ombros, e baixou a vista para suas mãos.

Ia dizer o... ela certamente não...

—Estou. Estou orgulhosa de você. Deixei você partir sem me despedir, e me odiei depois. Eu só…

Com aquelas palavras, experimentei uma onda de alívio. De alegria. De felicidade. Corri para ela e a abracei.

—Está bem. De verdade. Me enviar ao acampamento foi a melhor coisa que podia ter me acontecido. Estou limpa. Fiz grandes amigos, e por fim tenho uma meta.

—Isso é tudo o que sempre quis para você —me apertou forte.—Eu a amo.

—E eu a você.

Anjo me fez gestos e disse:

—Temos que retornar, Sra. Germaine. Sinto muito.

Minha mãe limpou os chorosos olhos com o dorso dos pulsos e dedicou um meio sorriso a Anjo.

—Entendo.

Abracei-a de novo.

—Me escreva.

—Farei. Sinto sua falta.

—E eu a sua também.

Desta vez, nos despedimos e sorri todo o caminho de volta ao acampamento, a alegria borbulhando em meu interior. Minha mãe me amava. Estava orgulhosa de mim. A vida nunca foi melhor.

No dia seguinte, reuniram todos os estudantes. Já tínhamos celebrado festas aqui antes, mas agora íamos celebrar nossa vitória. Havia adornos decorativos e serpentinas num rio de cor e festa. A música soava no fundo, mas me mantive de lado, observando o baile.

Kitten parecia completamente curada e se abraçava apertadamente contra Bradley, sem se importar com quem os visse. Cara dançava com Erik, e havia adoração em seus olhos. Experimentei uma pontada de inveja. Eu queria isso com Ryan, mas sabia que não podia tê-lo.

E falando de Ryan, onde estava? Saiu do hospital, sabia com certeza. Queria vê-lo.

Precisava vê-lo.

Nesse momento, o Chefe entrou na sala. As conversas diminuíram gradualmente até se calarem e a música se extinguir. Ryan estava ao seu lado, como se meus pensamentos o tivessem invocado. Meu coração martelou contra minhas costelas e meus olhos se cravaram nele. Os seus fizeram o mesmo. O resto dos instrutores, incluindo Allison, Mia, Anjo e Siren, entraram também, se colocando atrás dele.

O Chefe falou, sua voz ressoando por toda a sala como se usasse um microfone.

—Quero felicitar a todos e a cada um de vocês por sua coragem. Se comportaram como autênticos agentes. Sinto-me orgulhoso. Muito orgulhoso.

Todos aclamamos.

Ele nos permitiu seguir por vários minutos, logo ergueu a mão no alto pedindo silêncio.

—Eles mostraram um pequeno indício de quão maus alguns aliens podem ser. Espero que isto reforce sua resolução de se converterem nos melhores agentes que possam ser.

Kitten, Emma e o resto da nossa equipe se moveu pouco a pouco ao meu lado e assentiram com a cabeça. Diabos, até eu assenti! Queria ser uma boa agente. A melhor. Queria proteger meu mundo. Meus amigos. Minha mãe.

—Ali fora há muitos piores —continuou o Chefe.—Mas por hoje, não vamos nos preocupar com eles. Agora que todos estão curados e recuperados, vamos nos divertir. Dancem. Comam. Riam. As aulas estão suspensas durante o resto da tarde. Amanhã, entretanto, continuaremos com o programa.

Os aplausos soaram uma vez mais. Aplausos e assobios. Um por um, os instrutores saíram da sala. Meu olhar se fixou no traseiro de Ryan até o segundo último possível. A música soou de novo e os garotos retomaram a dança, se abraçando, balançando os corpos. Bradley e Erik brindaram aos cinco antes que Bradley empurrasse Kitten de volta à pista de dança. Erik agarrou Cara e seguiu seu exemplo.

Um alto e bonito rapaz se aproximou de Emma e pediu para dançar. Ela me deu uma olhada incerta e cabeceei de forma alentadora. Suas bochechas avermelharam, mas aceitou. O garoto sorriu amplamente e os dois partiram.

Sozinha, suspirei.

Não conhecer meu castigo por beijar Ryan era o único ponto negro na minha vida. Bem, posso solucioná-lo. Sim, podia. Agora mesmo. Sabendo o que tinha a fazer, corri atrás do Chefe, pegando-os no corredor.

—Chefe —o chamei.

Todos os instrutores giraram para mim, confusos. O Chefe parou, me confrontou, e dispensou os outros com uma ondulação da mão. A todos, menos Ryan. Apertou o pulso de Ryan, mantendo-o no lugar.

—Agora é tão bom momento como qualquer outro —disse ele.—No meu escritório. Os dois.

Usava seus óculos escuros, por isso não pude ler sua expressão. Embora sua voz fosse dura.

Meu coração começou a palpitar em meu peito enquanto o seguia, passando área após área restrita até chegar em seu escritório. Ryan não me olhou. Suas costas estavam rígidas, suas mãos apertadas em punhos.

Ryan se posicionou em frente à mesa e eu passei ao seu lado enquanto o Chefe reivindicava a cadeira da frente. As múltiplas telas atrás dele permaneceram em branco.

Ryan não merecia ser expulso só porque nos tínhamos beijado, nem eu merecia isso. Fizemos um bom trabalho com os Sybilins. Isso deveria importar mais que a pequena quebra de uma regra. Em minha opinião, pelo menos.

—Há algo que queiram me dizer? —O Chefe se inclinou atrás e cruzou as mãos sobre o peito.

—A beijei —disse Ryan ao mesmo tempo que eu dizia—: O beijei.

Compartilhamos um olhar exasperado. Cale-se, articulou ele.

Cale-se você, devolvi.

—Calem-se os dois —disse o Chefe.—Sabiam o que aconteceria por tal coisa, verdade?

Silêncio.

—Verdade? —ladrou ele.

—Sim —dissemos juntos.

Ele apertou a mandíbula.

—Qual acha que deveria ser seu castigo então?

Ryan deu uma palmada contra a escrivaninha.

—Phoenix não deve ser culpada. Sou mais velho, deveria ter agido melhor.

—Ryan não deveria ser culpado, senhor, só eu. Eu… o forcei!

Ryan engasgou, e o Chefe suspirou.

—Me expulse se acredita que deve fazê-lo —acrescentei—, mas saiba que perderá uma agente malditamente boa.

—Sim, vi o que fez, como lutou. Para uma estudante que só está aqui há menos de um mês, suas capacidades continuam me assombrando. Não vi ninguém brigar assim desde Le'Ace e Mia.

O orgulho me alagou, escurecendo meu medo.

—Obrigada.

Ele suspirou outra vez, longa e sonoramente.

—É a segunda advertência para você, Phoenix. A primeira para você, Ryan. Não o deixarei passar de novo, entendem? As regras existem por uma razão.

Lutei contra meu alívio, minha tristeza e meu pânico. Alívio porque eu não estava sendo expulsa.

Tristeza porque não podia beijar Ryan de novo. E pânico porque tinha uma oportunidade mais. Só uma. Se a estragasse, perderia tudo que começava a amar.

—Saiam daqui. E digam a todos que foram açoitados ou qualquer coisa. De outra forma terei uma rebelião. Deus, sou um fraco!

Sem outra palavra, girei sobre meus calcanhares e saí da sala diretamente atrás do Ryan. Quando ficamos sozinhos no corredor, disse:

—Acompanharei você à sala comum.

—Bem.

Começamos a andar. Eu tremia. De felicidade, de medo. Havia tanto que queria dizer, mas as palavras de repente ficaram presas em minha garganta. Ele era Ryan, meu Ryan, e tinha que permanecer longe dele. Não podia ser expulsa.

—Estou orgulhoso de você —disse ele.—Me salvou.

Por fim encontrei minha voz.

—Então estamos em paz, porque você me salvou aquela noite no bosque.

—Vai ser a melhor agente que esta academia jamais treinou e… —soltou um suspiro.—Lamento ter posto isso em perigo.

—Queria que me beijasse, Ryan.

Ainda queria. Deus. Um ano inteiro sem beijá-lo. Sobreviveria? Teria que fazê-lo, porque este programa tinha que ser minha prioridade número um. Pelo menos por agora. Assim não haveria mais avisos.

Passou uns segundos em silêncio, e logo Ryan fez a coisa mais assombrosa. Me agarrou o pulso e me empurrou a um canto oculto nas sombras.

—O que acontece? —disse entrecortadamente.

—Programei as câmaras para que desligassem sessenta segundos depois que abandonássemos o escritório —sorriu abertamente.—Temos dois minutos. Aproveitemos ao máximo —seus lábios se apertaram contra os meus e sua língua imediatamente empurrou dentro.

Não vacilei. Meus braços se enrolaram em seu pescoço, o puxando tão perto como podia. Se este beijo tinha que durar um ano, ia aproveitá-lo ao máximo. Esfreguei-me contra ele por toda parte, tentado afundar através de sua pele. Tentando marcá-lo em mim.

Suas mãos se enredaram em meu cabelo e ele gemeu. Meu sangue ardia, fervendo em minhas veias. O beijo se tornou tão efusivo que nossos dentes se chocaram juntos. Ele até tocou meus seios. Me apoiei mais profundamente contra ele, mendigando silenciosamente por mais.

—Ryan —implorei.—Mais.

—Phoenix —gemeu ele.

Sua língua se introduziu mais profundamente, tão maravilhosamente profundamente.

Aspirei-o com tudo que tinha, memorizando, tomando seu fôlego e dando o meu. Mas tudo acabou muito cedo e ele se separou de mim. Gemi ante sua perda.

Ele ofegava, eu ofegava. Com mãos instáveis, ajeitou bem a roupa e me ajudou a endireitar a minha.

—O tempo quase terminou.

Pusemo-nos de pé no corredor como se jamais nos tivéssemos escondido naquele canto e começamos a caminhar, girando aquela mesma reentrância. A porta da sala comum apareceu à vista e pude escutar as vozes além dela. Vozes felizes, vozes risonhas.

Na porta, Ryan parou. Eu parei. Aqui estava. O final do caminho. Ryan não se moveu nem falou durante vários segundos. Então, me envolveu num abraço e sussurrou:

—Encontraremos a forma que funcione, Phoenix, embora tenhamos que esperar que termine seu treinamento.

—Sim —sussurrei.

Sim, sim, sim. O esperaria . Ele era digno disso. E estava disposto a me esperar… Deus, a vida era boa.

Ryan abriu a porta e virtualmente saltei diante dele. Senti as pontas de seus dedos roçarem a ponta do meu cabelo, o acariciando e logo ele se afastou. Expulsei um fôlego, observando-o até que a porta fechou e ele desapareceu.

—Phoenix —ouvi a chamada de Emma.

Girei, incapaz de conter meu sorriso. Estava sentada no sofá e me fez gestos. Uni-me a ela, pensando que de repente tudo tinha sentido em minha vida. Minha mãe me amava, Ryan me queria, tinha amigos, não me expulsaram da escola e ia me converter numa grande lutadora. E mais, não tinha me arrasado e não consumi de novo, nem mesmo sob as mais exaustivas situações. Combatendo aqueles Sybilins, as drogas foram a última coisa na minha mente.

—Por que deixou a festa? —perguntei.

—Eu a procurava. Queria me assegurar que estava bem. O Chefe estava irritado com você.

—Estou melhor que bem. —disse, alargando meu sorriso.

Que diferença de quando cheguei ao acampamento. Sério. Estava mais feliz do que nunca fui.

Cuidado mundo!

Quero dizer, logo seria uma agente. Uma autêntica agente. Patrulharia as ruas, vigiando que os outros-mundos não fizessem mal às pessoas.

—Venha, vamos.

Rindo com alegria, arrastei Emma de volta à festa e dancei o resto do dia.

Como o Chefe disse, ia desfrutar plenamente do dia de hoje. Amanhã seria outro dia.

Me custava esperar para confrontá-lo.

EPÍLOGO

Um ano mais tarde —um fodidamente longo ano—, me encontrava na cama com Ryan. Acabávamos de passar a mais assombrosa hora que só fui capaz de sonhar durante estes doze meses. Estava suada, ofegante e sorrindo amplamente. Me encontrava mais saciada do que jamais estive em minha vida.

E sim, ele conseguiu me dar um orgasmo.

—Feliz graduação —disse Ryan, me aconchegando mais perto.

—Foi, sem dúvida, o melhor presente de toda a minha vida.

Ele soltou uma cálida risadinha.

—Provavelmente, felicitarei você umas quantas vezes mais hoje.

—Estaria muito irritada se não o fizesse. Quero dizer, Mia me pediu e às garotas que nos uníssemos a A.I.R de New Chicago. Isso merece outras felicitações, certamente.

—Sim, merece —seus dedos subiram por meu braço, me recordando quando vi Erik acariciar assim a Cara, depois beijou minha têmpora.—Sua mãe aceitou bem? Sobre o trabalho, quero dizer.

—Sim.

Por fim tinha contado sobre o acampamento, o que aprendi e o que planejava fazer com minha vida. Ela se transtornou no princípio, mas pouco a pouco compreendeu que tinha uma meta na minha vida que me manteria limpa.

—Todos os anos me pedem que me una a A.I.R, mas sempre permaneci no acampamento —disse Ryan.—Possivelmente por fim aceite a oferta.

—Então posso felicitá-lo.

—Deus, espero que o faça.

Rodei sobre meu estômago, observando atentamente seu alvoroçado cabelo e sua satisfeita expressão.

—Acredita que Kitten e Bradley estão tão felizes como somos agora?

—Quem sabe? —beliscou meu nariz. —Romperam e voltaram tantas vezes que não posso seguir.

—Isso é melhor que de Cara e Erik.

Eles romperam para sempre meses antes, quando Erik terminou o treinamento, e meses depois de entrar na A.I.R., foi pego com Onadyn, declarado culpado por vendê-lo e detido, para não mencionar que foi expulso à força.

Desapareceu antes que alguém fosse capaz de conseguir respostas dele, como quem era seu fornecedor e como fugiu sem ser detectado. Que era pelo que Mia tinha me pedido que o perseguisse.

Ele devia ser meu primeiro caso.

Eu o conhecia, conhecia como funcionavam os distribuidores e os consumidores. Era a melhor opção para esta missão, disse. E não a decepcionaria.

Ia encontrá-lo usando todas as habilidades que adquiri. Nós já não somos amigos, não podíamos ser, agora somos caçador e presa. Faria meu trabalho. E quando o pegasse, Ryan poderia me felicitar outra vez, pensei com um sorriso.

Que o jogo comece.

Fim

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros da Tiamat.**

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.
Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.
Respeite o grupo e as revisoras.